Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social

Guilherme Mansur Dias

Experiências de Trabalho Temporário nos Estados Unidos: uma abordagem etnográfica do Okemo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Bela Bianco.

Campinas
Novembro de 2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

D543e

Dias, Guilherme Mansur
"Experiências de trabalho temporário nos Estados Unidos: uma abordagem etnográfica do Okemo" / Guilherme Mansur Dias. - - Campinas, SP : [s. n.], 2007.

Orientador: Bela Feldman-Bianco.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Trabalho sazonal. 2. Etnografia. 3. Globalização. 4. Juventude. 5. Estados Unidos – Migração. I. Feldman-Bianco, Bela. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

(cn/ifch)

Título em inglês: "Multiple meanings of temporary work in the United States: an ethnographical study of Okemo"

Palavras chaves em inglês (keywords) : **Seasonal work**
Ethnography
Globalization
Youth
United States - Migration

Área de Concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia

Banca examinadora: **Bela Feldman-Bianco, Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho, Mauro William Barbosa de Almeida**

Data da defesa: 12-11-2007

Programa de Pós-Graduação: Antropologia

GUILHERME MANSUR DIAS

Experiências de Trabalho Temporário no Estados Unidos: uma abordagem etnográfica do Okemo.

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Bela Bianco.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 12 de novembro de 2007.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Bela Bianco

Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida

Prof. Dr. Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho

Prof. Dr. Michael McDonald Hall - Suplente

Prof. Dr. Maria Filomena Gregori - Suplente

Campinas

Novembro 2007

RESUMO:

Esta dissertação analisa os significados da migração temporária de trabalhadores de diferentes nacionalidades para o *Okemo Mountain Resort*, um complexo turístico de esqui norte-americano localizado no estado de Vermont. Mostro como, na atual conjuntura global, o *Okemo* se organizou e estruturou seu crescimento com base na utilização de diferentes Programas para Trabalhadores Temporários estrangeiros do Estado norte-americano. O estudo de caso revela como as estratégias de obtenção desse tipo de mão-de-obra flexível pelo Resort articulam-se aos diferentes modos pelos quais grupos e sujeitos oriundos de contextos sociais distintos representam a experiência de migração sazonal nos EUA. Ao fazer isso, procuro desconstruir alguns pressupostos "megaconceituais" que orientam as discussões sobre esses fluxos de estrangeiros, mostrando a indissociabilidade de concepções particulares de "migração", "juventude", "trabalho" e "turismo" na experiência dos trabalhadores do *Okemo.* Tal perspectiva teórica ancora-se numa literatura que problematiza as diversas formas de deslocamento internacional características da globalização contemporânea através não da celebração de hibridismos, misturas e mobilidades, mas da proposição de estudos histórico-etnográficos atentos às relações de poder e às particularidades inerentes a tais processos.

Palavras-chave: I- Deslocamentos Internacionais; II- Migrações Sazonais; III- Globalização; IV- Trabalho; V- Estados Unidos - Migração; VI- Programas de Trabalho Temporário; VII- Juventude

ABSTRACT

This dissertation analyses the multiple meanings of the temporary migration of workers from different nationalities to the *Okemo Mountain Resort*, a North-American turistic complex localized in the state of Vermont. I show how, in the current global conjuncture, the *Okemo* made use of "Guestworker Programs" to expand, reshaping its internal labour market in the process. The case-study reveals how *Okemo* estrategies' to obtain flexible work-force from abroad are articulated to the different ways in which agents from different contexts represent the experience of temporary migration to the US. In the context of these debates, I seek to deconstruct some assumed “megaconcepts” which underlie discussions about the mobility of foreign workers to the US, showing that concepts like "migration", "youth", "work" and "tourism" cannot be dissociated in the experience of these workers. Such a perspective is based on a literature which discusses the different kinds of contemporary international mobility not through the celebration of hibridities and mixtures, but taking into account power relations and differences revealed by ethnografic informed analyses.

Keywords: I- International Mobilities; II- Sazonal Migration; III- Globalization ; IV- Work; V- United States - Migration; VI- Guestworker Programs; VII- Youth.

Para Dálvio, Rosa e Henrique

À memória de tia Isabel

AGRADECIMENTOS

À Fapesp, pelo apoio financeiro concedido para a pesquisa.

A minha orientadora, Bela Feldman-Bianco, pela orientação, companheirismo e apoio nas horas difíceis, pela grande confiança em mim depositada nestes anos de formação e, além disso, pela autonomia dada para a realização deste trabalho.

Aos professores Otávio Velho e Mauro Almeida, agradeço pela leitura atenciosa do texto e pela argüição inteligente e generosa.

Aos professores Michael Hall e Mauro Almeida, pelas oportunas críticas e sugestões feitas no exame de qualificação. Na medida do possível, procurei incorporá-las ao texto final da dissertação.

Aos professores do Departamento de Antropologia da Unicamp, agradeço pelos preciosos cursos e pela formação eclética e generalista.

Aos colegas do CEMI, Igor José de Renó Machado, Liliana Lopes Sanjurjo, Cristina Machado Maher, Patrícia Curi Gimeno e Paulo Muller, pela já duradoura e proveitosa parceria.

A Eduardo Caetano da Silva, agradeço pela amizade e pela generosidade na leitura do texto e na troca de idéias.

A Felipe Dittrich Ferreira, sou especialmente grato pelo comprometimento e auxílio na revisão final da dissertação.

A Stephen Reyna e Nina Glick-Schiller, pelo interesse no trabalho e, em especial, pela hospitalidade com que me receberam em sua residência em New Hampshire.

Aos trabalhadores estrangeiros do Okemo, pela disponibilidade e interesse em compartilhar suas histórias e sentimentos comigo.

Às pessoas de Ludlow que se dispuseram a trocar idéias e impressões acerca do Okemo e do desenvolvimento da região. Em especial, a George e Ann Dunnet e Norman Vanesse, pela acolhida carinhosa e interessada. Sem vocês, a pesquisa de campo teria sido muito mais dura!

A meus pais, Dálvio Dias e Rosa Maria Mansur Dias, pelo carinho, confiança e suporte emocional. Mesmo nos momentos difíceis, vocês primaram pelo meu bem estar e pelas melhores condições para a realização deste trabalho. O amor e doação que exemplificam é sem dúvida o ensinamento mais difícil e precioso...

A meu irmão Henrique Mansur Dias, pela amizade e companheirismo e pela referência que representa. Sua mudança para São Paulo foi um grande presente durante o mestrado e um apoio emocional que não se mede em palavras!

A meu tio Elias Gonçalves Mansur, pela presença que sempre teve nos momentos mais importantes de minha trajetória. No mestrado, isso não foi diferente, o que, conjugado a sua curiosidade, constituiu um incentivo adicional neste percurso...

Ao amigo André Luis Lopes Borges de Mattos, pelo apoio intelectual e pela amizade investida nesses anos imensamente agradáveis de convivência. A vida em Campinas também passou a ter outro sentido depois de sua amizade e o casamento com a Andréia nela acrescentou uma importante e adorável pessoa.

À amiga Júlia Maria Vieira Nader, pelo carinho e acolhida em vários momentos do mestrado. É uma dádiva poder contar contigo para compartilhar os aprendizados e desafios dessa vida! Dádiva que talvez só não se compare à ligação e amizade conjunta de toda uma família: em especial, de José Rogério, Adriana e Gabriel.

A Adna Cândido de Paula, agradeço pelo carinho e amizade. Além de uma pessoa acolhedora, compreensiva e bem-humorada, sua perseverança e seus valores continuam sendo inspiradores...

A Érica Onishi, pela beleza de uma existência muito própria. A leveza e desprendimento de seu espírito também ajudaram a tornar essa trajetória mais suave.

A Felipe Ferreira Vander Velden, além do apreço intelectual, pela presença, alegria e bom-humor de uma amizade sensível e valiosa.

A Cássia Garcia, agradeço pelos agradáveis momentos que tivemos a chance de compartilhar.

A André Luiz Martini, pela amizade e parceria desde os tempos da graduação. Sou grato por sua alegria e pelos inúmeros aprendizados decorrentes de nossa convivência.

A Camila Sobral Barra, agradeço pelo apoio e amizade e pelas críticas e sugestões feitas ao trabalho.

A Daiane de Melo Cavalheiro, agradeço o apoio durante parte do mestrado e em alguns momentos difíceis deste trajeto.

A Taniele Cristina Rui, pela leitura preliminar do texto e pelos comentários sempre instigantes. Agradeço também pelo carinho e pelas conversas inspiradoras...

A Mariana Miggliolaro Chaguri, sou grato pelas discussões sempre inteligentes e desafiadoras e pela prazerosa amizade que nutrimos há algum tempo...

A Daniel Drummond, pela amizade construída na base de afinidades diversas e pela troca de uma energia sempre positiva e revitalizadora.

Agradeço também aos amigos e colegas que, mais ou menos distantes no tempo e/ou no espaço, participaram direta ou indiretamente deste trabalho, tornando-o mais prazeroso e gratificante: Oswaldo López-Ruiz, Hugo Mendonça, Daniele Alves, Fernando Afonso, Monalisa Valente, Flávio Ghilardi, Wellington Aldo de Souza, Daniel Martini, Rodrigo Vasquez, Rosângela Carrilo, André Justo, Estevão Teixeira, Erica Justo, Bárbara Odebretch, Janaína Welle...

SUMÁRIO

Introdução.....01

Capítulo 1: Apresentação do Okemo.....13

Criação e Desenvolvimento do Resort.....13

Relacionamento do Okemo aos "Guestworker Programs" norte-americanos.....22

Programas para Trabalhadores Temporários utilizados pelo complexo.....36

Capítulo 2: Deslocamento como "Investimento Pessoal": a Experiência dos Sul Americanos no Okemo.....43

Recrutamento dos Jovens através do "Work and Travel".....43

A Viagem enquanto "Investimento Pessoal".....53

Fugas, Representações e Projeções de Vida Referenciados à Experiência de Trabalho Temporário no Okemo.....61

Do Ponto de Vista do Empregador.....74

Capítulo 3: "Estilo de Vida" como Representação do Trabalho: a Experiência dos Australianos e Neozelandeses no Resort.....79

O Trabalho nos Resorts enquanto um "Projeto de Juventude".....79

Aspectos e Sentidos da Rotina de Trabalho no Okemo.....92

Estratégias de Recrutamento do Complexo.....102

"Migrant-Tourist Workers": Dinamismo, Flexibilidade e Aventura em Vermont.....105

Contradições entre Representações e Práticas.....111

Capítulo 4: Programa de Trabalho Temporário Permanente: a Experiência dos Jamaicanos no Okemo.....121

Descrição dos Trabalhadores e das "Redes Informais" de Recrutamento.....121

Aspectos Relativos ao Trabalho e ao Prolongamento da Estada nos EUA.....131

Outras Representações e Atividades em Ludlow.....147

Hierarquização Étnica das Posições e "Raça" como Veículo de Resistência.....151

Conclusão.....161

Referências Bibliográficas.....167

Introdução

A presente dissertação pretende servir como contribuição e contraponto às discussões "macro-analíticas" desenvolvidas acerca do deslocamento internacional de trabalhadores estrangeiros na globalização contemporânea. Nela, analiso o significado da migração sazonal de alguns grupos de trabalhadores temporários estrangeiros contratados através de "Guestworker Programs"[1] por um Resort de esqui norte-americano. Através de um estudo etnográfico, descreverei as representações e práticas dos sujeitos diante de sua experiência de deslocamento e trabalho, além de tentar compreender as distintas estratégias e hierarquias associadas à escolha e contratação desses trabalhadores pelo Resort.

O interesse e interação com esse tipo de temática surgiram ainda durante o curso de graduação. No ano de 2003, comecei a refletir sobre o significado da difusão e popularização de programas de "intercâmbios culturais" comerciais na sociedade brasileira. Isso se transformou em um projeto de iniciação científica que acabaria por me levar aos Estados Unidos. Interessado em participar de um programa de "intercâmbio" e sem disposição de desembolsar uma soma significativa de dinheiro por aquele tipo de experiência, optei por uma alternativa que envolvia trabalho temporário - o "Work Experience" ou "Work and Travel". Este programa, difundido por agências intermediárias com sede dentro da própria Universidade de Campinas, baseava-se em um tipo de experiência em que jovens universitários dispunham-se a trabalhar por cerca de três meses nos EUA em posições de "baixa qualificação"[2] geralmente vinculadas ao turismo e/ou a

[1] A rigor, a tradução literal de "Guestworker Programs" seria "Programas para Trabalhadores Convidados". No decorrer da dissertação, farei uso da terminologia em língua inglesa. Acredito, no entanto, ser mais apropriado pensar em "Programas para Trabalhadores Temporários", o que, de certa forma, desloca o significado "positivo" conferido a esse tipo de relação de trabalho. Da mesma maneira, traduzo "guestworkers" como trabalhadores temporários estrangeiros e não como "trabalhadores convidados".

[2] Uso, ao longo do texto, os termos "baixa qualificação" e "baixo prestígio" para designar as posições sazonais relacionadas aos "Guestworker Programs" enfocados nesta pesquisa. Tais atividades encontram-se

empresas do setor de serviços em troca da possibilidade de "acesso à cultura e à língua dos Estados Unidos"[3].

Embarquei para o país no intuito de problematizar o significado daquele tipo de deslocamento internacional e de também ter acesso aos ganhos ecoados pelo marketing das agências que os promoviam e que associavam aquela experiência a oportunidades de "investimento pessoal", "aprendizado cultural" e "domínio da língua inglesa". Trabalhei durante um período de dois meses em um Resort de esqui em Michigan[4], onde convivi com um pequeno grupo de trabalhadores temporários. A interação com aqueles sujeitos e com o Resort, no entanto, foi interrompida pela insatisfação com a rotina monótona de trabalho e pelo desejo de conhecer outras regiões turísticas do país que empregavam estrangeiros. Na época, tive acesso a uma revista especializada em esportes de inverno, que contava com um anúncio de emprego no *Okemo Moutain Resort* – um complexo turístico de esqui localizado no estado de Vermont – e com seus respectivos números de telefone. A ligação para o Resort foi seguida pela garantia de uma vaga por seu gerente de RH e por um pedido de demissão em Michigan, o que me levou até Ludlow, Vermont, a cidade sede do Okemo.

Neste Resort, havia uma diversidade de grupos de trabalhadores temporários oriundos de diferentes países, contratados através de diferentes programas de visto oficiais do Estado norte-americano e com suas posições de trabalho segmentadas de acordo com sua origem nacional. Apesar de não formarem grupos permanentes, havia algumas distinções difundidas por

---

predominantemente vinculadas aos setores turístico e agrícola do mercado de trabalho norte-americano. A tipologia utilizada intenta apenas enfatizar que tais posições reservadas aos trabalhadores estrangeiros não exigem formação técnica específica e tendem a ser mais depreciadas pela mão-de-obra norte-americana, justamente em função das baixas remunerações e prestígio associadas às mesmas.

[3] É justamente essa a definição do programa "Work Experience" no contrato que tive que assinar para embarcar para os EUA. O mais interessante é notar a conciliação, no discurso dos agenciadores, entre experiências de trabalho e "aprendizado cultural": "*O programa é a união de um programa cultural e de trabalho, pelo qual o participante poderá ter acesso à cultura e à língua dos Estados Unidos da América, desde que (grifo meu) ofereça, em contrapartida, trabalho temporário em empresas sediadas naquele país*".

[4] O "The Homestead Resort" é um complexo visitado e freqüentado prioritariamente nos meses de verão. Durante o inverno, todavia, a administração criou uma pequena estrutura para a prática de esqui e "snowboarding" para iniciantes, que depende da contratação de trabalhadores temporários estrangeiros para funcionar.

empregador, Estado, recrutadores e entre eles próprios e que faziam com que sua origem nacional e de classe, o tipo de visto que portavam, a forma como eram recrutados, as posições de trabalho e moradia que ocupavam no complexo e, principalmente, as representações criadas em torno de sua experiência no exterior fossem utilizados como sinais diacríticos responsáveis por sua segmentação no Okemo.

Ao trabalhar com alguns deles durante cerca de um mês, comecei a perceber algumas dessas distinções e desenvolvi pesquisa de campo exploratória no sentido de problematizar sua experiência de migração sazonal nos Estados Unidos. A proposição do projeto de mestrado teve justamente o intuito de compreender aquelas distintas experiências de trabalho temporário à luz de um contexto norte-americano de fechamento de fronteiras e precarização das relações laborais. Tal interesse se deu também em função do acesso a uma literatura antropológica que problematiza as diversas formas de deslocamento internacional no mundo contemporâneo através não de uma simples celebração dos hibridismos, misturas e mobilidades existentes, mas da proposição de perspectivas histórico-etnográficas que enfatizam as relações de poder e desigualdades produzidas por tais deslocamentos[5].

Essa perspectiva me fazia olhar para o complexo de maneira bastante interessada, já que a experiência de migração sazonal era narrada e vivida pelos trabalhadores temporários estrangeiros do Okemo de forma particularizada e o

[5] No embasamento de tal perspectiva, menciono particularmente os trabalhos desenvolvidos no âmbito da linha de pesquisa Nação e Diáspora (CEMI/UNICAMP) do projeto "Identidades: Reconfigurações de Cultura e Política", do qual faço parte (Cf. CAETANO da SILVA, 2003; FELDMAN-BIANCO, 2001(a), 2001(b), 2002; MACHADO, 1997, 2003; MANSUR da SILVA, 2000; SANJURJO, 2007; SANTOS, 2002), bem como as propostas e idéias desenvolvidas na revista *Identities* (p.ex.: "Mobilities and Enclosures at Borders" in *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol.11, nº3, 2004). Esse tipo de referencial teórico e analítico não se contenta em tratar os processos de deslocamento e mobilidade de pessoas, signos e capitais característicos da globalização contemporânea de uma maneira genérica e uniforme, mas procura, ao contrário, dar conta minimamente da descrição de suas complexidades e variações: "a recent literature uncritically celebrates mobility, mixing, and muddling examples with very different social implications. It is through distinguishing various kinds and consequences of mobility (with corresponding enclosures) that we can develop a critical political economy of movement (...) A central question for us here is not so much one focused on the decline or rise in mobility as a whole, but rather on the active and contested moves (by diverse organizations and people) to mobilize previously restricted goods and people, and to enclose others" (CUNNINGHAM e HEYMAN, 2003: 296).

Resort fazia confluir discursos diversos acerca de tais deslocamentos. Diante disso, perguntava-me, basicamente, em que se baseava a diferença na experiência de mobilidade dos fluxos e pessoas contratados sazonalmente pelo Okemo e como o complexo lidava com a mesma em suas estratégias de recrutamento e utilização de "Guestworker Programs". O fato do Resort fazer uso de distintos programas de visto e de recrutar fluxos de trabalhadores estrangeiros de diferentes partes constituiu, desde o início, uma interessante promessa de análise conjunta das representações e práticas desses sujeitos e do acionamento dos Programas de Trabalho Temporário no atual contexto da economia e sociedade norte-americanas.

As perguntas feitas com base nessa análise preliminar visavam saber quem eram aquelas pessoas; de onde vinham; como eram recrutadas e como iam parar naquele Resort; o que pensavam sobre as atividades que faziam ali; como entendiam e viviam aquela experiência de viagem e trabalho nos EUA; como aquele tipo de vivência ganhava sentido em suas perspectivas de vida e para seus contextos locais; e como sua atuação era permitida e regulada pelas instâncias oficiais e não oficiais norte-americanas. Tais perguntas, como se nota, eram direcionadas a entender o significado das experiências de atuação daqueles estrangeiros no complexo e a relação de tais representações com os fluxos sazonais de migração mobilizados pelo Okemo via "Guestworker Programs" oficiais do Estado norte-americano.

No sentido de responder a essas questões, realizei, durante o mestrado, pesquisa bibliográfica sobre o tema dos "Guestworker Programs" nos Estados Unidos; pesquisa documental com o material de marketing de agências de recrutamento de mão-de-obra internacional sediadas no Brasil; entrevistas com agenciadores e trabalhadores temporários diversos; e, além disso, uma pesquisa de campo de três meses no Okemo Moutain Resort. Na temporada 2005/2006, fui contratado pelo Okemo como trabalhador estrangeiro e atuei como pesquisador durante o tempo em que permaneci na estação de esqui. A pesquisa etnográfica foi realizada com base em entrevistas e observação participante, destacando-se, neste

caso, a interação com diferentes setores do Resort, com moradores da cidade de Ludow e, principalmente, com os "guestworkers" contratados pelo mesmo.

A organização dos trabalhadores temporários no Okemo, por sua vez, me permitiu agrupá-los em três fluxos diferenciados, o que foi feito em função da segmentação própria ao ambiente de trabalho e moradia do Resort[6]. O primeiro deles, um grupo de jovens de origem sul americana contratados através do visto J-1[7] e de empresas intermediárias localizadas em seus países e nos Estados Unidos. Eles ocupavam, no Okemo, posições de trabalho relacionadas aos restaurantes, lanchonetes e creches. O segundo grupo, formado por "trabalhadores australianos e neo-zelandeses", corresponde a um contingente de jovens recrutados através do Programa de Visto H-2B[8] por representantes do Okemo que vão diretamente em Resorts de esqui destes países para convencê-los a trabalhar por uma temporada no complexo. No Okemo, esse grupo era responsável por atuar em posições externas diretamente relacionadas aos esportes de inverno. Finalmente, havia um grupo formado por "trabalhadores jamaicanos". Contratados por intermédio de um agente em seu país e também através do visto H-2B, eles eram, no complexo, responsáveis pelo preenchimento de funções relacionadas à limpeza e à alimentação.

A construção das diferenças entre esses grupos era constante e feita, em consonância e a despeito de suas vontades, por empregador, Estado, recrutadores e por eles próprios. Isso constituiu um ponto de partida fundamental na proposição de uma interpretação comparativa dos significados de sua migração sazonal para o Resort. Foi justamente a divisão destes fluxos e a percepção do

---

[6] Essas diferenças serão explicitadas e exploradas nos capítulos dois, três e quatro desta dissertação, que se deterão, justamente, sobre a caracterização desses diferentes fluxos de trabalhadores estrangeiros.

[7] O programa de visto J-1 foi implementado em 1961, através do *Fullbright-Hays Act,* com o intuito de promover o "intercâmbio educacional e cultural" entre os Estados Unidos e os demais países do globo. Problematizaremos, no entanto, ao longo da dissertação, o fato deste programa estar sendo bastante utilizado por empregadores norte-americanos para a contratação de jovens universitários para posições de "baixa qualificação" demandadas pelo mercado de trabalho do país.

[8] O programa de visto H-2B é um programa de trabalho temporário historicamente consolidado nos Estados Unidos e especificamente direcionado à captação de mão-de-obra para o preenchimento de posições de "baixo prestígio" no mercado de trabalho. Suas características e especificidades serão, entretanto, melhor descritas e exploradas no decorrer do texto.

Okemo e seus trabalhadores estrangeiros enquanto um *lócus* integrado de análise que me fizeram atentar para a distinção no significado daquele tipo de experiência de deslocamento e migração sazonal para diferentes grupos e sujeitos e dialogar com uma literatura que discute a implementação e disseminação destes "Guestworker Programs" na sociedade norte-americana contemporânea.

Alguns autores têm investigado os significados da (re)consideração[9] de Programas de Trabalho Temporário na agenda de governos de países receptores de imigrantes como solução para demandas econômicas e demográficas determinadas ou mesmo como alternativa aos fluxos de mão-de-obra indocumentada[10] canalizada por estes Estados-nação. Castles (2006), por exemplo, considera haver, nos anos recentes, uma tendência ao retorno da implantação de "Guestworker Programs" em alguns países da Europa e nos Estados Unidos e relaciona isso a discursos específicos de globalização e de associação, no cenário pós 11 de setembro, da migração indocumentada a questões de segurança nacional (CASTLES, 2006).

No que se refere ao contexto norte-americano, em particular, Martin (2003) relaciona a década de 1990 à emergência de uma "nova onda de Programas de Trabalho Temporário" justificados a partir de um "argumento de globalização" que enfatiza a necessidade de maior competitividade dos Estados Unidos diante do cenário internacional (MARTIN, 2003). Já o antropólogo David Griffith (2006) argumenta que a atual difusão dos "Guestworker Programs" no país acontece em um contexto de crescente precarização das relações de trabalho e aumento do

---

[9] A utilização de "Guestworker Programs" não é novidade nos EUA nem na Europa. (cf., por exemplo, BRIGGS, 2004; CASTLES, 1986, 2006; MARTIN, 2001). Eles foram bastante importantes para a manutenção da vitalidade econômica do pós-guerra e constituíram, em alguns países (cf. RUHS, 2001a, por exemplo, para o caso da Alemanha), a principal forma de provimento de mão-de-obra estrangeira para diferentes atividades econômicas. Daí a utilização do termo (re)consideração no decorrer do texto.

[10] Em artigo publicado no Annual Review of Antrhopology (2002), Nicholas P. De Genova problematiza a utilização do conceito "ilegal", encontrando as origens da terminologia nas próprias leis de imigração norte-americanas. Segundo o autor, este conceito serviu, durante todas as vezes que houve alterações na lei de imigração do país, para criminalizar uma parcela indesejável de pessoas vindas de outros países ou regiões. Ele nomeia esse processo de "produção legal da ilegalidade" e propõe, junto aos estudos recentes sobre imigração estrangeira nos Estados Unidos e na Europa, a utilização do termo "indocumentado(a)" como uma forma de escapar de uma terminologia que carrega, em si, profundas marcas de discriminação. É por isso que opto pela utilização desta terminologia ao longo da dissertação.

número de trabalhadores temporários empregados nos mais diferentes setores da economia norte-americana, sendo a implementação de tais programas um corolário direto dessa permissividade com que a sociedade americana aceita e adota os trabalhos precários de uma maneira geral (GRIFFITH, 2006).

Além destes, uma série de outros estudiosos discutem o significado da atual retomada e disseminação dos "Guestworker Programs" no mercado de trabalho dos Estados Unidos (BRIGGS, 2004; HAHAMOVITCH, 2003; PASTOR & ALVA, 2004; RUHS, 2002). Apesar de concordar com muitos dos argumentos utilizados por eles para justificar a ocorrência de tal fenômeno, proponho nesta dissertação uma perspectiva analítica que tire a ênfase do entendimento da (re)consideração destes programas do ponto de vista do Estado e da sociedade norte-americana e se atenha às particularidades dos contextos aonde eles são implementados – no caso, o Okemo – e às simbologias dos trabalhadores estrangeiros contratados sazonalmente pelo Resort.

Ao analisar os "Guestworker Programs" somente do ponto de vista da sociedade americana e de seu mercado de trabalho, creio que os autores que escrevem sobre o assunto acabam perdendo de vista um conjunto de complexidades referentes à experiência de deslocamento desses sujeitos e que não são menos explicativas dos processos de globalização, flexibilização do trabalho e mobilidade de mão-de-obra sobre os quais teorizam e fazem constante referência. A alternativa a esse tipo de enfoque, no meu caso, será a utilização de uma perspectiva etnográfica que descreve a relação de um empregador específico com essas políticas de contratação de estrangeiros, mantendo-se atenta às representações e práticas dos sujeitos contratados através destes programas.

Ao descrever como empregador e trabalhadores internacionais interagem com alguns "Guestworker Programs" dos Estados Unidos, pretendo demonstrar que a contratação de mão-de-obra estrangeira pelo Okemo tem ocorrência em uma conjuntura norte-americana específica, mas é também dependente de um conjunto de representações articuladas por seus trabalhadores estrangeiros a partir de

particularidades e simbologias locais. Tais representações, por sua vez, recaem sobre concepções particulares de "juventude", "trabalho", "experiência", "mobilidade" e "migração sazonal", concepções às quais o Okemo precisa se adequar para satisfazer suas estratégias de escolha e contratação de trabalhadores internacionais. Assim, procuro demonstrar a diferença na maneira pela qual grupos e sujeitos oriundos de contextos sociais distintos vivenciam a experiência de migração temporária do ponto de vista de suas práticas e representações, deixando transparecer as complexidades desse tipo de vínculo existente entre o empregador norte-americano e a mão-de-obra internacional de que faz uso[11].

Para isso, o texto da dissertação foi dividido em quatro capítulos e uma pequena conclusão. O capítulo 1 – *Apresentação do Okemo* – apresenta as particularidades do contexto de pesquisa, narrando uma versão do histórico de criação e desenvolvimento do complexo turístico que começou, a partir de 1999, a fazer uso de "Guestworker Programs" oficiais do Estado norte-americano. O texto mostra como o hotel – um antes pequeno empreendimento local situado em um estado relativamente "isolado" nos EUA – transformou-se em um grande Resort de esqui e passou a depender do emprego de mão-de-obra estrangeira para a manutenção de seus planos de ampliação e crescimento.

Através de trabalhos de acadêmicos que estudam as características e ocorrências destes Programas para Trabalhadores Temporários, descrevo como a adesão do Okemo a tais programas é dada em uma conjuntura que deixa transparecer os aspectos simultâneos de maior liberalidade para as empresas contratarem trabalhadores internacionais e de tentativas oficiais de maior "controle" do movimento de trabalhadores indocumentados e outros fluxos indesejáveis através das fronteiras do país. O fato da adesão desse tipo de programa pelo Okemo se processar neste contexto dúbio, todavia, não é, a meu

[11] Aqui, enfatizo, mais uma vez, a opção por uma perspectiva teórica que não se preocupa com a análise da mobilidade humana de uma maneira genérica, mas tenta ver aonde, como e através de que práticas e representações diferentes tipos de mobilidade e deslocamento são constituídas e/ou vividas no mundo de hoje.

ver, suficiente para explicar a dinâmica de contratação de estrangeiros e organização dos mesmos no Resort nem as representações e simbologias que dão sentido a seu deslocamento e dia a dia em Vermont. Isso deverá ser feito, justamente, nos capítulos seguintes.

O capítulo 2 – *Deslocamento como "Investimento Pessoal": a Experiência dos Sul Americanos no Okemo* – descreve o sentido da experiência de deslocamento e trabalho dos jovens de países da América do Sul recrutados pelo complexo. Ao recorrer a uma descrição do programa de visto J-1 e das redes de agências de recrutamento responsáveis pela contratação dessas pessoas, mostro como a popularização do Programa de Trabalho Temporário "Work and Travel" (com visto J-1) vincula-se simultaneamente ao aumento da demanda de empregadores norte-americanos por esse tipo de mão-de-obra e à correlata expansão de tais agências nos países da América do Sul. Além disso, argumento que a tônica que os jovens dão àquele tipo de experiência articula-se a noções pragmáticas de aprimoramento profissional e pessoal referenciadas à noção de "capital humano" desenvolvida pela Escola de Chicago durante a década de 1960 e bastante difundida no contexto universitário de onde provêm.

Assim, a percepção que nutrem acerca de sua "experiência no exterior" aproxima aquela estada de idéias de certificação, "amadurecimento", "investimento pessoal" e obtenção de qualificações e habilidades individuais, nas quais o domínio da língua inglesa e a utilização desse tipo de experiência para o aumento de seu "capital" parecem uma constante. Situo a difusão desse tipo de discurso no material de marketing dessas agências e nas próprias falas dos estrangeiros que estavam no Okemo e mostro, do ponto de vista do empregador, a expressa conveniência desse tipo de programa para o suprimento de suas vacâncias laborais, justamente em função dessas contratações não requererem muitas formas de certificação ou controle por parte do Estado norte-americano.

O capítulo 3 – *Estilo de Vida como Representação do Trabalho: a Experiência dos Australianos e Neozelandeses no Resort* – apresenta dados relativos à experiência dos

trabalhadores australianos e neozelandeses no Okemo. Esses jovens trabalham durante um certo período de suas vidas em atividades relacionadas a Ski Resorts tanto na Austrália e na Nova Zelândia quanto em países do hemisfério norte. As motivações de sua ida para o Okemo relacionam-se a um determinado estereótipo de juventude que sustentam e que conjuga perspectivas de "mudança de vida" à busca por vivências intensas nesses Resorts.

A procura por esse tipo de experiência de trabalho é interpretada como uma espécie de "fonte de alimentação" do "projeto de juventude" que os orienta e que subentende tais viagens como temporárias e relacionadas à paixão que nutrem pelos esportes de inverno e às aventuras proporcionadas por esse "estilo de vida" ao qual se adequam. Apesar dessas representações "positivas", por parte dos australianos e neozelandeses, diante da rotina de trabalho no Okemo, mostro algumas contradições referentes a suas projeções e vivências no Resort, o que permite melhor explorar os significados de sua experiência de deslocamento nos Estados Unidos. O capítulo apresenta também algumas das estratégias do Okemo para recrutar esses trabalhadores, estratégias que incorporam os significados mais abrangentes de sua estada nos EUA, além de indicar a conveniência da contratação dessa mão-de-obra para o complexo.

O capítulo 4 – *Programa de Trabalho Temporário Permanente: a Experiência dos Jamaicanos no Okemo* – apresenta informações relativas à experiência do contingente jamaicano no Resort. Nele, mostro como o recrutamento dessas pessoas é conformado por redes "informais" já estabelecidas na Jamaica e como o mesmo é dependente de um histórico mais antigo de relacionamento do Estado norte-americano com esse tipo de trabalhador oriundo da América Central. Dessa forma, fica claro que o Okemo se utiliza dessas redes e que os jamaicanos vêem a entrada nas mesmas como a garantia de um emprego mais atraente do que aqueles a que encontravam-se submetidos em seu país de origem.

A viagem para os Estados Unidos, no caso desses caribenhos, é narrada como uma possibilidade de manutenção de um vínculo empregatício mais rentável

e destinado, através do envio de remessas para a Jamaica, ao sustento de familiares e afins. Sendo assim, sua vinculação a esse tipo de "Guestworker Program" norte-americano conforma uma certa dependência, o que é demonstrado pela permanência continuada desses sujeitos nesse tipo de emprego sazonal. A partir desses dados, a etnografia me permite fazer uma breve discussão acerca da dependência gerada por esses programas para alguns grupos e sujeitos e das barreiras de ascensão e integração impostas por esse tipo de vínculo sazonal.

Além de descrever a rotina dos jamaicanos como informada principalmente pela necessidade de ganhos financeiros e envio de dinheiro para a Jamaica, apresento também outras representações vinculadas a seu projeto de migração sazonal, tais como o sacrifício em prol de uma vida melhor e a utilização desses programas para a visita a parentes e/ou compras promocionais nos EUA. Além disso, mostro como sua experiência de deslocamento recorre à categoria "raça" para ganhar sentido, o que acontece em conjunção à submissão dessas pessoas às posições mais desprestigiadas do Resort, que opera, a partir de seu setor de Recursos Humanos, uma segmentação étnica na distribuição dos empregos temporários para estrangeiros.

Na conclusão, aponto a contribuição do estudo de caso para o entendimento de uma realidade etnográfica de difícil apreensão a partir, somente, de "megaconceitos"[12] como "migração", "trabalho", "turismo" e "mobilidade" desenvolvidos pela teoria social. A descrição da experiência de deslocamento internacional de estrangeiros através dos "Guestworker Programs" para o Okemo demonstra a indissociabilidade de tais concepções em seu dia a dia em Vermont e procura nuançar as assertivas e generalizações "macro-analíticas" feitas acerca da mobilidade desse tipo de mão-de-obra na globalização contemporânea.

[12] A terminologia é de Clifford Geertz (1978) e será problematizada e debatida na seção conclusiva desta dissertação.

Capítulo 1:
Apresentação do Okemo

. Criação e Desenvolvimento do Resort

O *Okemo Mountain Resort*, localizado em Ludlow, no entroncamento das rotas 100 e 103, completou na estação 2005/2006 cinqüenta anos de operação. O Resort de esqui encontra-se hoje entre os cinco maiores do estado de Vermont e entre os vinte maiores dos Estados Unidos. Seu vínculo com a pequena cidade fundada em 1761 e localizada no centro sul desse estado da Nova Inglaterra é bastante grande, já que a montanha de esqui parece ter se desenvolvido também em função da localização do vilarejo em sua base[13].

Os planos para a criação de uma região de recreação e esqui para a montanha de Ludlow, renomeada, no século XIX, de Okemo Mountain[14], remontam à década de 1930, quando o então representante do departamento de florestas de Vermont, Perry Merrill, iniciava seus planos para o desenvolvimento de Ludlow como um pólo de turismo da Nova Inglaterra. Tais planos, no entanto, tiveram, segundo Lorentz (1996), que ser adiados, já que o esqui era um esporte muito pouco praticado nos Estados Unidos e não parecia ser, pelo menos na época,

[13] As afirmações sobre a história do Okemo feitas neste capítulo são fruto de entrevistas com moradores locais e da incursão no pequeno acervo da biblioteca municipal de Ludlow. As publicações específicas sobre o Resort foram feitas, basicamente, por Karen D. Lorentz, escritora "free-lancer" que tem um livro (1996) e inúmeros artigos sobre a história do Okemo publicados em diferentes periódicos. O recolhimento das memórias dos moradores locais por meio de entrevistas e conversas informais serviu, todavia, de contraponto ao viés apologético dos escritos da autora na descrição do sucesso empresarial do complexo e dos supostos benefícios gerados pelo seu desenvolvimento no vilarejo.

[14] Segundo Lorentz (1996), a montanha, hoje chamada de "Okemo Mountain", era conhecida como "Ludlow Mountain" ou ainda "Center Mountain". O nome Okemo, segundo ela, é creditado a grupos indígenas que passaram pela região durante as guerras contra os colonizadores. Para a autora, entretanto, apesar de se supor que o nome seja de origem algoquina, não se sabe exatamente o significado de Okemo, já que essa palavra não existiria na língua algoquina. Uma aproximação possível seria Okema, que poderia ser traduzido como "representante" ou "chefe" ou ainda Akema, que seria o nome de um inseto. O que é importante deixar aqui registrado, todavia, é que a montanha é popularmente conhecida hoje como Okemo devido justamente ao crescimento da área de esqui de mesmo nome e que será descrito no decorrer deste capítulo (cf. FEIL, 1999: 47).

uma grande promessa para o desenvolvimento da região, tendo sido suas iniciativas naquele período contestadas e impedidas por grupos locais. A idéia da instalação de uma montanha de esqui na região de Ludlow, então, parece ter permanecido latente até meados da década de cinquenta, quando Merrill finalmente conseguiu a concessão da terra para homens de negócio encarregados de iniciar o que viria a ser chamado de "Okemo Mountain Inc." [15], germe daquele que se tornaria um dos maiores empreendimentos de esqui do nordeste dos Estados Unidos.

Vale a pena lembrar que o estado de Vermont é conhecido pelo fluxo recorrente de turistas desde o final do século XIX. Já naquela época, o estado recebia visitantes durante as estações de verão, primavera e outono. O ar fresco das montanhas parecia, desde cedo, inspirar aventureiros e trabalhadores das grandes cidades industriais do nordeste dos Estados Unidos, que desfrutavam da beleza de Vermont durante suas férias. As montanhas do "Green Mountain State" foram, por outro lado, exaustivamente acusadas, até a primeira metade do século XX, de serem as vilãs responsáveis pela falta de desenvolvimento desse estado localizado em uma das regiões economicamente mais prósperas do início do século XX – o nordeste dos Estados Unidos (LORENTZ, 1996, 2006).

A partir da década 1950, no entanto, o desenvolvimento da "indústria de esqui"[16] em todo o país ajudou a projetar algumas regiões do estado como futuras áreas privilegiadas para a prática do esporte. A projeção de áreas de Vermont para a prática de esqui tinha o sentido, segundo seus formuladores pioneiros, de promover o desenvolvimento de algumas vilas e cidades localizadas perto dessas regiões.

---

[15] Segundo Lorentz (1996), em 1955, Ernest Moore, Don Ayers e Allen Fletcher conseguiram, através de Perry Merril, a concessão da terra, construíram benfeitorias na base da montanha e convocaram reuniões para ganhar o suporte dos moradores da cidade de Ludlow. A partir daí, venderam ações no intuito de arrecadar dinheiro para o começo da exploração da montanha de esqui e formaram, com muitos dos habitantes da região, uma sociedade pública para investimento no negócio.

[16] Esse conceito, como entendi, era utilizado por pessoas que trabalhavam em atividades diretamente relacionadas ao esporte e abarcava um conjunto de atividades que iam do desenvolvimento de equipamentos e tecnologias associadas diretamente ao esqui e ao "snowboarding" àquelas relacionadas ao aluguel de equipamentos e prática dos esportes.

A criação do Okemo coincide, pois, com o desenvolvimento da indústria de esqui em todo o país a partir de meados do século passado e com esse ideário de desenvolvimento local gerado pela implantação de atividades econômicas relacionadas ao turismo. O Resort começou como um negócio apenas de abrangência local, sendo suas ações vendidas somente para moradores do estado de Vermont. Richard[17], que se mudou da Inglaterra para Ludlow em 1962 e que trabalhou com atividades relacionadas ao complexo desde então, lembrou que a montanha começou inicialmente sendo explorada apenas para fins recreativos das pessoas que moravam em cidades próximas à mesma:

"O desenvolvimento da montanha aqui visava recreação. Diversão para as pessoas da cidade e das cidades em volta. E servia como investimento também, já que ações foram vendidas para serem arrecadados fundos necessários ao início do negócio".

Durante o período inicial de desenvolvimento do Resort, segundo Richard, a montanha parecia ter um relacionamento bastante estreito com a cidade e era utilizada por seus habitantes tanto para a prática do esqui quanto em atividades de caça e caminhadas, outras opções de lazer geradas pela montanha. A esse respeito, Ivan, outro morador de Ludlow e que nasceu no vilarejo no mesmo ano de criação do Resort, lembrou que:

"a montanha era, primeiramente, orientada para famílias. Começou com um grupo local que só queria esquiar. Meu pai costumava esquiar com seus amigos durante um dia todo. Mas nem existia teleférico naquela época. Eles subiam com os esquis nas costas e desciam ladeira abaixo...".

---

[17] À exceção da gerente de Recursos Humanos do Okemo Crystal Starski, todos os nomes utilizados na etnografia são fictícios. As traduções das falas, relatos e entrevistas feitas durante a pesquisa de campo e constantes no caderno de campo ou nas transcrições das fitas foram realizadas por mim.

Richard contou também que a cidade de Ludlow, naqueles tempos, tinha uma gama de atividades econômicas não diretamente relacionadas ao esqui ou à montanha. Micro-fábricas de tecido dividiam o perímetro urbano com fazendas e indústrias de pequeno porte, além de uma fábrica da "General Electric", tendo sido esta última, por sua vez, o maior empregador da pequena cidade durante o tempo em que permaneceu em Ludlow[18].

Segundo Richard, a mão-de-obra que se ocupava das principais atividades relacionadas ao funcionamento do Resort nessa época era pequena, sendo composta, basicamente, por trabalhadores que viviam em Ludlow e cidades ao redor. As características da montanha para a prática dos esportes também parecia ser diferenciada, já que, como ele relatou:

"As trilhas eram estreitas e sem "grooming"[19], o que atraía esquiadores mais experientes e que vinham aqui pelo esporte!".

Já a partir da década de setenta, o Okemo começou a expandir e ficar conhecido como uma região de esqui um pouco mais abrangente no estado. Richard salientou, em entrevista, que:

"para a época, o Resort já recebia um número significativo de visitantes. Nada comparado aos dias de hoje, que em um grande dia você tem 11 mil esquiadores. Mas, veja

---

[18] Uma descrição histórica bastante similar pode ser acompanhada através de uma chamada de marketing da região constante no endereço eletrônico "http://www.linkvermont.com/townsvill/ludlowarea": "Today's Ludlow exists to serve the visitor! This has not always been the case, and because of this, the town and the surrounding communities evidence quite varied architecture. Prior to the Okemo Mountain Resort becoming the popular ski area it is today, Ludlow was very much an industrial town. In its early days it was a mill town, and then became the home of a General Electric plant until 1977. This is all long-gone, but makes for a better understanding of everything from the architecture of a Main Street condominium hotel to what might be assumed to be abandoned railroad tracks"
Retirado de *http://www.linkvermont.com/townsvill/ludlowarea.* Acesso em 03/12/2006.

[19] "Grooming" é uma atividade relacionada à manutenção das trilhas feita por grandes caminhões que têm esteiras próprias para a exclusão de buracos e montes que tornam a prática do esporte mais perigosa. Sem o "grooming", as trilhas ficam mais perigosas e o esquiador precisa de mais experiência e cautela. No Okemo, atualmente, 95% das trilhas são moldadas por estes caminhões. Veremos, posteriormente, que essa é uma das atividades que emprega trabalhadores temporários estrangeiros recrutados pelo Resort.

bem, a gente tinha aqui naquela época de mil e quinhentos a dois mil esquiadores em um grande dia, o que era bastante gente para o período".

A incorporação de novas tecnologias ajudou a tornar esse tipo de negócio menos arriscado e dependente de condições climáticas favoráveis. Graças ao "Snowmaking"[20], por exemplo, o Resort pôde ampliar seu funcionamento durante o inverno, o que já significava, em 1970, uma estação de 124 dias e com cerca de 132 mil visitantes (LORENTZ, 1996). Desde então, o desenvolvimento da montanha de esqui anexa à cidade de Ludlow foi acontecendo de forma gradual, mas ininterrupta.

Isso não significa, no entanto, que tenha se dado sem percalços. O final da década de setenta, por exemplo, não foi tão generoso assim com o negócio. Devido à crise do petróleo e aos conseqüentes altos preços do óleo e gasolina, os custos de manutenção das áreas de esqui aumentaram significativamente, além dos turistas não terem sido muito incentivados a sair de casa[21]. A concorrência dos novos "destination ski resorts" no Oeste dos Estados Unidos[22] também foi um fator importante para reforçar a crise financeira do Okemo durante finais da década de setenta. Apesar de várias outras áreas de esqui em Vermont terem sucumbido devido a problemas financeiros, o Resort conseguiu ainda manter-se sob a direção do mesmo grupo de administradores. Embora tal administração não tenha amargado prejuízos significativos nesse período, também não foi capaz de angariar

---

[20] "Snowmaking" foi uma tecnologia providencial instalada no Okemo em 1966. Apesar de Ludlow ser conhecida como "snow town", devido aos elevados índices de neve da região, essa tecnologia é, ainda hoje, imprescindível para a lucratividade dos Ski Resorts no leste dos Estados Unidos. Trata-se da sucção de uma grande quantidade de água em rios e reservatórios da região através de mangueiras e "snow guns", que são distribuídas pelas pistas de esqui, e sua transformação em neve durante as noites em que a temperatura se encontra abaixo de zero graus celsius. Essa atividade é bastante importante para os Ski Resorts e, no Okemo, depende do trabalho de estrangeiros que são contratados na Austrália e Nova Zelândia, como será descrito posteriormente.

[21] Lorentz comenta em um artigo (2005) que "em um movimento ingênuo, o diretor geral do Okemo obteve subsídios para instalar uma bomba de gasolina no Resort, para 'garantir' aos esquiadores o combustível da volta" (2005: 3). Segundo a autora, a medida não obteve, no entanto, muito sucesso.

[22] Esses grandes Resorts construídos no oeste dos Estados Unidos são, até hoje, os mais conhecidos de esquiadores e turistas de todo o mundo. Boa parte deles se encontra no estado do Colorado, sendo Aspen e Vail os maiores e mais conhecidos.

muito dinheiro para o desenvolvimento de novas trilhas ou ampliação do complexo.

No início dos anos 80, o Okemo acabou por sofrer debilidades financeiras mais graves, devido ao corte de uma importante linha de financiamento. No ano de 1982, o conselho de diretores recebeu e aceitou uma proposta de compra de um casal[23] que, além de já ter experiência com a administração de grandes Resorts na América Central, tinha capital para investir no complexo e planos mais ambiciosos para o desenvolvimento do mesmo. Nessa época, Richard fazia parte do grupo de diretores do Okemo e relatou como o jovem casal de investidores conduziu o processo de compra das ações majoritárias da empresa:

"Na época em que os Muller compraram a montanha, nós tínhamos uns problemas financeiros. Eu não os considerava sérios, mas o grupo de diretores decidiu que os futuros donos tinham capital e maior facilidade de obtenção de crédito. Então, os Muller começaram o processo de compra das ações individualmente. Eles procuraram cada acionista e ofereceram uma quantia razoável pelas quotas".

A partir de tal compra, o Resort começou a receber investimentos mais significativos por parte dos novos empreendedores. A cada ano novas trilhas ou teleféricos eram construídos e sua capacidade começou a ser ampliada. Além do investimento nas instalações do hotel e das pistas de esqui, o casal decidiu apostar em um modelo de Resort que estava sendo desenvolvido no oeste e que creditavam seu crescimento e ampliação ao "real state development"[24]. A iniciativa foi um sucesso e os lucros do Okemo começaram a se multiplicar, assim como também se multiplicaram os fluxos de esquiadores e turistas. A cidade de Ludlow,

---

[23] O casal Tim e Diane Mueller são os atuais investidores e proprietários do Okemo Moutain Resort.

[24] Conforme relatou Richard, o "real state development" nas regiões de esqui refere-se ao planejamento de condomínios de luxo que são construídos ao longo das pistas e nas terras que circunscrevem o Resort e vendidos aos endinheirados turistas que residem majoritariamente em grandes cidades e que vêm para o complexo passar parte de suas férias ou os fins de semana. A atividade mais lucrativa do Okemo até hoje corresponde, segundo ele, à construção e venda de casas de inverno desse tipo.

que antes tinha o turismo apenas como uma atividade econômica dentre outras, passou a ter o Resort como atividade econômica principal, atraindo uma mão-de-obra de "baixa qualificação" de Ludlow e das cidades circunvizinhas, que se encarregava dos serviços temporários que o Resort passou a demandar.

O desenvolvimento dos condomínios de luxo anexos ao complexo foi tendo, por sua vez, um impacto bastante grande sobre o pacato vilarejo. Pelo fato do Okemo ser um dos poucos Resorts que existem com toda uma cidade estruturada em sua base, as atividades de planejamento e construção de casas de inverno provocaram e continuam a provocar uma valorização exacerbada das terras em Ludlow e arredores. A existência da cidade ao pé da montanha é utilizada pelo marketing dos empreendimentos como um fator a mais na decisão de seus potenciais clientes. O acesso aos serviços do vilarejo – supermercado, correios, restaurantes, bares, bancos, lojas e postos de gasolina – acabou valorizando ainda mais os condomínios, já que Ludlow é uma exceção junto às demais regiões de esqui, que se localizam, em sua maioria, em lugares ermos e mais isolados.

Esse grande desenvolvimento imobiliário tem sido causa de discórdia e disputa de interesses na pequena cidade, o que é objeto de debate constante entre os moradores locais. Muitas das críticas ao crescimento do Resort se assentam sobre o fato da maioria dos empregos oferecidos pelo Okemo ser sazonal, dos salários pagos serem muito baixos e, principalmente, da construção dos condomínios de luxo ter sobrevalorizado as terras da região, o que estaria expulsando muitos dos moradores para outras cidades e vilas.

Outra crítica bastante recorrente de alguns dos moradores locais com relação à ampliação do Resort e à transformação de Ludlow em uma "Resort town" se referia à decorrente falta de "vínculos afetivos" entre a cidade e a montanha. O depoimento de Ivan, feito a seguir, dá a tônica de algumas das críticas elaboradas nesse sentido:

"E tem mais, tem todo um modo de vida que se foi. Que se foi completamente. Olha, quando eu era criança, eu podia caminhar em linha reta em direção à montanha, cruzar os campos das pessoas e ninguém sequer olhava feio para mim. Hoje, se faço isso, estou transgredindo uma regra e posso até ser penalizado. E mesmo que queira, não vou muito longe porque as cercas dos condomínios não deixam (...) Existe um sentido diferente de comunidade agora. Quando vou à cidade, eu até vejo umas pessoas daqui, velhos conhecidos. Mas eles estão lá sempre em alguma missão, para fazer alguma coisa e voltar para casa. Isso não era assim. Antes tinha o clube da comunidade, que ficava numa escola velha e no qual a gente tinha encontros uma ou duas vezes por mês, com dança, comidas. Se seu carro quebrasse, você contava com a ajuda de seu vizinho ou de quem estivesse por perto. Não estou dizendo que não gosto de quem vem de fora. Eu trabalho para muita gente correta, mas em uma área de Resort você tem tanta gente de tantos lugares diferentes que é difícil conhecer a maioria deles (...) Olhando para a cidade há quarenta anos atrás e agora e podendo escolher entre as coisas simples de quando era criança e as mega-mansões de agora, ficaria com aquelas. Mesmo porque não podemos ter acesso às mansões mesmo!".

Esse tipo de reação por parte de alguns habitantes de Ludlow não era, obviamente, extensível a todos os moradores do pequeno vilarejo. Havia aqueles que achavam positiva a expansão das atividades turísticas na região e outros que tratavam-na com certa indiferença ou como um curso natural para uma região que possuía uma montanha de esqui com toda uma cidade estruturada em sua base. Alguns donos de pousadas e negócios vinculados ao turismo, como, por exemplo, restaurantes, bares, lojas de aluguel e venda de equipamentos de esqui, lojas de conveniência e postos de gasolina, viram suas atividades se expandirem e a demanda por seus negócios aumentarem. Para essas pessoas, no caso, a transformação de Ludlow em uma "Resort-town" não foi necessariamente negativa.

Ainda assim, mesmo para algumas personalidades ligadas a esses ramos de negócio atrelados ao desenvolvimento do turismo de inverno e do Resort, o

desaparecimento dos "vínculos afetivos" entre a cidade e a montanha e os aspectos negativos decorrentes da maior procura da região por turistas e esquiadores eram reclamados como uma herança negativa de tais transformações. Richard, por exemplo, apesar de proprietário de uma loja de aluguel de equipamentos de esqui, chegou a destacar, em uma conversa que tivemos, alguns dos aspectos negativos decorrentes do crescimento e desenvolvimento do Okemo na região:

"Olha, mesmo para nós que trabalhamos no ramo, não sei se todo esse crescimento e valorização da região são positivos. Antes havia poucas lojas. A concorrência também era menor. Apesar de se ganhar mais hoje em dia, se paga mais para viver aqui. Então, não dá para dizer se o crescimento do Okemo é melhor ou é pior pra gente. O que é pior mesmo é que a cidade fica muito cheia durante a temporada, tem trânsito, fica difícil ir ao supermercado, essas coisas...".

Independente dessas reações positivas ou negativas, de certa forma comuns em regiões que sofrem com o impacto do turismo e dos fluxos de turistas, o importante é deixar registrado que a pacata Ludlow passou – e continua a passar – por um conjunto de transformações em direção a uma "Resort-town", o que ocorre em decorrência do desenvolvimento e ampliação do Okemo. Afora as críticas ou elogios de moradores da cidade e arredores, a lucratividade da região de esqui tem gerado um processo de mudanças características no vilarejo, assim como tem possibilitado aos proprietários ampliarem seus negócios para outras regiões. Em decorrência de todo esse crescimento e do aumento da lucratividade do Okemo, por exemplo, o casal Muller ganhou a concessão de um Resort de esqui de médio porte administrado pelo estado de New Hempshire – "Mount Sunnapee" – e comprou integralmente uma conhecida montanha de esqui no Colorado – "Crested Butte".

Essa pequena história de sucesso empresarial do casal Muller e as transformações ocorridas em Ludlow nos interessam porque tais

desenvolvimentos articulam-se particularmente ao contexto a ser explorado ao longo da dissertação. Todo este crescimento do Okemo em Ludlow tem, de fato, demandado muitos trabalhadores para o suprimento de suas posições laborais. Boa parte deles é recrutada na própria cidade ou em outros vilarejos e vilas da região. A partir de 1999, no entanto, o Resort começou a fazer uso de Programas de Trabalho Temporário oficiais do Estado norte-americano para a captação de mão-de-obra e preenchimento de suas posições sazonais. Minha atenção na apreciação do Okemo enquanto lócus de pesquisa passa, justamente, pela problematização do relacionamento do Resort aos "Guestworker Programs" norte-americanos e dos decorrentes fluxos de trabalhadores estrangeiros canalizados para o hotel. É a partir daí que poderemos explorar alguns dos significados da utilização desse tipo de programa pelo Resort e para aqueles sujeitos que são hoje recrutados e drenados para o Okemo a partir de diferentes contextos nacionais.

. Relacionamento do Okemo com os "Guestworker Programs" norte-americanos

Apesar do crescimento do Okemo ter gerado um conjunto bastante grande de empregos na região, pode-se dizer que a grande maioria das funções oferecidas é apenas para a temporada de inverno. O número de empregados efetivos que trabalham durante todo o ano é de cerca de cem funcionários, enquanto o complexo opera, no inverno, com um efetivo de mais de mil e seiscentos. Além disso ser um fator que, segundo alguns habitantes de Ludlow com quem conversei, desestimula o vínculo empregatício de muitos habitantes ao Okemo, o salário oferecido não parece, de acordo com esses sujeitos, um grande estímulo à captação de mão-de-obra da região.

No caso dos trabalhadores "locais" contratados pelo Okemo, destaca-se um público de jovens, adultos e idosos sem formação universitária que moram em

Vermont ou em estados circunvizinhos e que vêem nesses empregos sazonais e mal-pagos uma alternativa ao desemprego. Além disso, há um público flutuante de jovens matriculados em "High School" ou universidades e que aproveitam as férias escolares e feriados para ter um trabalho ou ocupação e são, portanto, empregados por pequenos e espaçados períodos no inverno[25].

Como ficará mais claro adiante, a geração de empregos e serviços temporários tem sido uma tendência genérica nos mais diferentes ramos da economia norte-americana (GRIFFITH, 2006). O caso do Okemo é ainda mais peculiar pelo fato das atividades turísticas oferecidas pelo Resort concentrarem-se em alguns poucos meses do inverno do hemisfério norte, o que demanda uma enorme quantidade de trabalhadores sazonais apenas durante este período. Apesar de contar com campos de golfe e outras atrações para turistas durante as demais estações do ano, o grande afluxo de pessoas para o complexo se dá mesmo neste período, o que faz com que a maior parte de sua mão-de-obra seja contratada somente em tal estação.

Os empregos sazonais oferecidos na temporada de esqui acabam sendo preenchidos, dessa forma, por este contingente de trabalhadores de "baixa qualificação" provenientes da própria região e por uma mão-de-obra internacional que começou a ser recrutada a partir de 1999, em decorrência da adoção, nas políticas de contratação do setor de Recursos Humanos do complexo, de Programas de Trabalho Temporário oficiais do Estado norte-americano. No caso dos trabalhadores vindos de outros países, a gerente de R.H. do Okemo, Crystal Starski, comentou que as primeiras contratações levaram a uma ampla utilização de trabalhadores temporários estrangeiros pelo Resort, que se tornam cada vez mais imprescindíveis para a manutenção e funcionamento do complexo:

---

[25] Vale lembrar que, para estes últimos, o principal incentivo do vínculo de trabalho temporário deve-se aos benefícios relacionados à prática do esqui. No caso do Okemo, os empregados recebem o "season pass" – um cartão que lhes dá acesso às pistas de esqui do complexo – enquanto trabalham para o Resort, o que é uma atitude gerencial consciente no sentido de angariar mais trabalhadores.

"Nós sempre tivemos problemas para preencher algumas posições. Eu me lembro que no primeiro ano, em 1999, nós recebemos uma carta da Perished Blue, que é o maior Ski Resort da Austrália e eles tinham alguns "snowmakers" que queriam viajar para fora do país, ter uma experiência internacional (...) A gente começou assim, casando nossas necessidades. Começamos com essas pessoas da Austrália e com um pequeno grupo de homens "housekeepers" (jamaicanos). Começamos naquele ano porque precisávamos e porque eles procuraram a gente. Mas isso foi há seis anos. Hoje, com o 'Jackson Gore'[26] *e as outras partes, somos completamente dependentes deles porque a montanha cresceu muito e as leis e o mercado de trabalho da região também mudaram. O mercado de trabalho daqui é muito restrito e não temos nenhuma grande população de onde canalizar".*

O crescimento do complexo é utilizado na fala da gerente de R.H. como justificativa para a contratação de estrangeiros pelo Resort. A adoção desse tipo de Programa de Trabalho Temporário pelo Okemo é melhor compreendida, no entanto, se olharmos atentamente para as análises de alguns autores que escrevem sobre a utilização desse tipo de programa na sociedade norte-americana contemporânea e de algumas características e mudanças ocorridas no mercado de trabalho do país. Uma análise importante, nesse sentido, é a do antropólogo David Griffith (2006). Griffith comenta que a permissividade com que são adotadas essas políticas para trabalhadores temporários estrangeiros nos Estados Unidos só é possível em decorrência de uma ampla precarização das relações de trabalho na atual conjuntura país e do crescente número de trabalhadores temporários empregados nos mais diferentes setores de sua economia:

"As temporary workers become more commonplace in the U.S. Economy, the use of temporary workers has become more acceptable to policymakers, and policies involving

[26] "Jackson Gore" é um conjunto de benfeitorias localizado na face norte da montanha e que tem sido construído pelo Okemo nos últimos anos. Essa região foi projetada para um público mais rico e os serviços de alimentação e hospedagem são mais caros. Há uma interligação dessa parte da montanha com as demais. Sendo assim, o turista que compra um bilhete de esqui na base mais antiga tem acesso às pistas de esqui que levam a este novo complexo e vice-versa.

temporary foreign workers have ceased being the subject of heated public debate" (GRIFFITH, 2006: 31).

De fato, a maior aceitação e mesmo promoção desse tipo de Programa de Trabalho Temporário para estrangeiros nos Estados Unidos nos últimos anos parece se dar em uma conjuntura de intensa utilização de trabalhadores temporários nas mais diferentes atividades econômicas nacionais. Os dados utilizados por Calavita (1994) a respeito da expansão dos empregos temporários nos Estados Unidos ajudam a endossar a argumentação de Griffith. De acordo com a autora, trabalhadores empregados em funções precárias e sem garantias trabalhistas correspondem hoje a aproximadamente 30% de toda a mão-de-obra norte-americana e este número só tende a aumentar em decorrência das novas contratações terem prioritariamente este *status* precarizado:

"In 1982, approximately one-quarter of new jobs were for part-time or temporary work; a decade later, half of all jobs filled were for such "contingent" work (Kiborn 1993: A1). The Bureau of Labor Statistics reported that 90 percent of all new jobs in February 1993 were part-time"[27] *(CALAVITA, 1994: 64).*

O caso do Okemo é exemplar nesse sentido. Os empregos gerados pelo Resort são, em sua maioria, precários e mal pagos e o complexo é simultaneamente promotor e representante deste processo de precarização das relações laborais existente no país. Por sua vez, a idéia de se recorrer a determinados "Guestworker Programs" para a contratação de mão-de-obra internacional não provoca reações organizadas ou efetivas por parte dos moradores de Ludlow e região. Isso diz respeito, de acordo com Griffith, à maior incorporação e aceitação que passa a ter esse tipo de vínculo empregatício temporário nas mais diferentes atividades e

[27] Para mais dados e discussões a respeito da atual difusão dos vínculos empregatícios temporários nos Estados Unidos e em países da Europa, conferir O. Bergstrom & D. Storrie (2003).

regiões dos Estados Unidos nos últimos anos. A adesão a diferentes Programas de Trabalho Temporário pelo Resort situado em um isolado estado dos EUA e sem tradição de recrutamento e contratação de mão-de-obra estrangeira simboliza essa maior aceitação de vínculos precários pelos mais diferentes setores da sociedade norte-americana.

Essa tendência de difusão de vínculos empregatícios temporários parece vir acompanhada, no caso dos países receptores de imigrantes, do direcionamento das políticas imigratórias e de recrutamento de estrangeiros através de programas que explicitam a provisoriedade do status desses sujeitos. Os trabalhos de Feldman-Bianco (2002) e Machado (2003) mostram, nesse sentido, que uma tendência atual de países recptores de imigrantes no contexto europeu também é a de estímulo à imigração temporária baseada em contratos de trabalho que não dão acesso à residência, o que faz com que os imigrantes, incorporados nessa lógica através da autoridade dos empregadores, dependam da boa vontade dos mesmos para obterem permissões de trabalho e estada nos países que os recebem[28].

A permissividade com que são tratados os atuais "Guestowker Programs" vigentes nos Estados Unidos não escapam, pois, a esta ocorrência simultânea de precarização das relações de trabalho e controle dos imigrantes e estrangeiros através de políticas estatais direcionadas e que tendem a institucionalizar a natureza temporária e flexível do trabalho imigrante. Deste modo, creio que os processos de "flexibilização" desse tipo de relação laboral e de aumento do controle e vigilância desses sujeitos não escapam à mesma lógica de atuação do Estado norte-americano nesses tempos de globalização. Apesar dos discursos de liberalidade e controle serem, neste caso, aparentemente contraditórios, eles são

[28] Um exemplo nesse sentido é o atual contexto de imigração brasileira em Portugal. O trabalho de Sérgio P. Oliveira (2006) mostra como o processo de "legalização extraordinária" de imigrantes brasileiros no país, ocorrido a partir de 2003, dependeu da apresentação de um contrato de trabalho por parte dos imigrantes indocumentados e da concomintante boa vontade dos empregadores para ser realizado. Segundo Sérgio, "essa exigência faz, desde logo, a regularização do migrante depender da disponibilidade do empregador em lhe conceder o contrato. Não é o Estado ou a Justiça, mas o patrão quem 'legaliza' o migrante; a responsabilidade efetiva da legalização está, dessa forma, em suas mãos" (OLIVEIRA, 2006: 156).

formulados e difundidos a partir de uma mesma realidade de intensa exploração de mão-de-obra em um contexto de insuficientes resistências organizadas diante da opressão do capital.

Ainda assim, a utilização de Programas para Trabalhadores Temporários estrangeiros nos EUA em determinadas atividades econômicas não é, como se poderia supor, uma novidade recente do país. Apesar de encontrarem atualmente um terreno fértil e propício a seu desenvolvimento, o país tem um longo histórico de implantação e relacionamento com esses programas que tiveram utilização pioneira e maciça na Europa[29]. Briggs (1986) afirma que foi ainda com o ato de 1917 que foram estabelecidas as atuais fundações das políticas para trabalhadores temporários estrangeiros. Segundo o autor, um mês após os EUA declararem guerra à Alemanha foi implementada uma política específica de contratação de trabalhadores mexicanos que tinha o intuito de responder às demandas dos agricultores do sudoeste norte-americano preocupados com uma provável escassez de mão-de-obra na região:

"The program subsequently admitted 76,802 Mexican workers who were employed mainly in agriculture in the Southwest. Some workers, however, were also admitted for non-agricultural work on the railways" (BRIGGS, 1986: 997).

Entretanto, apesar desse impulso pioneiro de intermediação oficial do Estado para a contratação de estrangeiros, o programa de trabalho mais emblemático e importante já implementado no país foi o "The Mexican Labor

[29] Segundo a historiadora Cindy Hahamovitch (2003), os primeiros "Guestworker Programs" oficiais de que se tem notícia datam ainda do século XIX e tiveram ocorrência no Estado prussiano, com a contratação de poloneses oriundos da Rússia e da Áustria, ainda na década de 1880, para o trabalho agrícola em fazendas da Prússia com crescente mecanização, concorrência e crescimento. Além deste programa, Hahamovitch se refere à contratação oficial de sul africanos por colonizadores ingleses para a extração de riquezas minerais na África do Sul como um "Guestworker Program" também pioneiro e paradigmático.

Program", mais conhecido como "Bracero Program". O *Bracero*[30] foi um conjunto de acordos bilaterais firmados entre México e Estados Unidos entre os anos de 1942 e 1964 e que permitiram o recrutamento e entrada de mais de quatro milhões de trabalhadores mexicanos nos EUA (HOUSTON e MARTIN, 1980; MARTIN, 1998). Os mexicanos foram recrutados para trabalhos agrícolas em todo o país, apesar de sua concentração ter sido mais expressiva nas fazendas do sudoeste norte-americano. Sendo um programa de larga escala, o *Bracero* é considerado por alguns estudiosos como o grande responsável pelos subsequentes fluxos de trabalhadores indocumentados para os Estados Unidos (CALAVITA, 1992, 1994; MARTIN, 1998, 2001). Além do *Bracero*, um conjunto de outros Programas de Trabalho Temporário para estrangeiros também foi implementado ao longo do século XX nos EUA. Alguns, como o "The British West Indies Labor Program"[31] (1943-1952) e o próprio *Bracero* (1942-1964) foram oficialmente extintos anos ou décadas depois de sua criação, ao passo que outros, como o "The H-2 Program"[32], permaneceram e foram sofrendo transformações pontuais, de forma a continuarem operando com trabalhadores estrangeiros nas mais diferentes posições sazonais.

---

[30] O nome *Bracero* é de origem hispânica e foi usado nos Estados Unidos como sinônimo de "strong arms" ao remeter-se ao fato dos trabalhadores recrutados através do programa trabalharem em atividades agrícolas que demandavam força física acentuada.

[31] Este programa foi inspirado no Bracero e foi estabelecido para o recrutamento de trabalhadores das "Índias Ocidentais Britânicas". Tais trabalhadores eram destinados a vagas no setor agrícola da costa leste norte-americana, em resposta às reclamações dos proprietários de fazendas dessa região, que também argumentavam estarem sujeitos a uma escassez de mão-de-obra em decorrência dos tempos de guerra. Assim como o *Bracero*, o BWI, como ficou conhecido, operou legalmente através da legislação P.L.45 entre os anos de 1943 e 1947. Entre os anos de 1947 e 1952, o programa foi convertido em um Programa para Trabalhadores Temporários sob as provisões do *Immigration Act* de 1917. Apesar de oficialmente extinto em 1952, o BWI continuou a funcionar até ser incorporado pelo programa H-2 para trabalhadores agrícolas. (cf. BRIGGS, 2004)

[32] O *H-2 Program* foi criado em 1952 a partir da designação do *Immigration and Nationality Act* daquele ano, que criou várias categorias de entrada para não imigrantes. A seção reservada aos "outros trabalhadores temporários" era a seção H-2, de onde veio o nome do programa. Esse programa foi teoricamente designado a admitir a entrada de estrangeiros de outros países em posições aonde não fossem encontrados trabalhadores nativos aptos a preenchê-las. Ele também serviu, em grande parte, aos empregadores do setor agrícola norte-americano, apesar de ter sido usado para outras atividades. Com o *Immigration Reform and Control Act* (IRCA) de 1986, o programa H-2 se dividiu em H-2A – para trabalhadores agrícolas – e H-2B – para trabalhadores não agrícolas – e se encontra em plena vigência no país. (cf. BRIGGS, 2004)

Ainda que esse tipo de Programa para Trabalhadores Temporários tenha, pois, um certo registro histórico nos Estados Unidos, algumas características parecem diferenciar os antigos programas daqueles atualmente em vigência e/ou propostos pelos recentes governos, bem como os discursos e argumentos em torno de sua implementação. Nesse sentido, além da difusão desse tipo de política de Estado estar em sintonia com a desregulamentação das relações de trabalho que têm lugar nos EUA e em vários outros contextos nacionais, pode-se dizer que as décadas de 1980 e 1990 foram responsáveis pelo florescimento de novos "Guestworker Programs", bem como pelo redirecionamento e difusão de outros já existentes. Segundo o estudioso Philip Martin, que tem inúmeros trabalhos a respeito do assunto, a (re)consideração desse tipo de programa nos EUA não foge a uma tendência, também recorrente em países da Europa que fazem uso desse tipo de programa, de substituição de macro "Guestworker Programs", como o *Bracero*, por programas menores e direcionados especificamente a determinados nichos profissionais:

"(...) in the 1990s, there was a new wave of guest worker programs, and they differed from earlier programs justifying migrant admissions on the basis of labor shortages as well as globalization, foreign policy and other reasons. The globalization argument was heard frequently in US debates over expansion of programs that admit foreign professionals, and it runs like this: the US has five percent of the world's population, but a far higher percentage of the world's cutting-edge industries, and thus US employers need easy access to the best and brightest from around the world to stay competitive globally" (MARTIN, 2003: 8).

Esse tipo de "argumento da globalização", que enfatiza a competitividade e inserção econômica internacional dos EUA parece dar suporte e justificação à incorporação de alguns destes "Guestworker Programs" na legislação imigratória norte-americana. Assim, a (re)consideração de Programas para Trabalhadores

Temporários é articulada a essa espécie de "diretriz competitiva do Estado" diante da globalização e à ênfase no aumento da competitividade norte-americana no cenário internacional[33]. Os Programas de Trabalho Temporário são, nesse sentido, apoiados a partir de argumentações que reforçam a necessidade de uma maior liberalidade para os empregadores na captação de mão-de-obra estrangeira, devendo ser esta uma mão-de-obra mais instruída e adequada aos imperativos do "competitivo mercado global".

Uma outra tendência que ancora a explicação destes autores acerca da idéia de "retomada" desse tipo de Programa para Trabalhadores Estrangeiros nos países receptores de imigrantes, e nos EUA em particular, relaciona-se à concepção de "controle" dos estrangeiros e do tratamento das fronteiras a partir de uma perspectiva de segurança nacional, o que é dado em decorrência do contexto pós 11 de setembro. Nesse sentido, a argumentação de Stephen Castles (2006) é bastante ilustrativa:

"In recent years there has been a tendency to advocate a return to TMWPs in democratic receiving countries. One reason is the perceived demand for migrant workers due to the economic and demographic factors outlined above. A second reason is the realization that border control alone will not fully prevent labor migration, but instead drives it underground. A third reason is the post-September 11, 2001, belief that undocumented migration is a security problem. If migration is going to take place anyway, politicians now think it better to control entrants to ensure that they do not pose a security threat" (CASTLES, 2006: 747).

---

[33] Esse tipo de argumentação e tendência explicitados por Martin são, por exemplo, perceptíveis nas atuais discussões e propostas legislativas sobre imigração feitas nos Estados Unidos. De acordo com o novo pacote de leis de imigração encaminhado por Bush às casas legislativas em 17/05/2007, a proposta de implementação de "Guestworker Programs" direcionados a setores e atividades econômicas específicas viriam em conjunção com a proposição de um programa de pontuação que favoreceria aqueles participantes que tivessem um maior grau de especialização e não os que já tenham familiares morando nos EUA, princípio que tradicionalmente orienta as reformas imigratórias do país (cf. CALAVITA, 1994). De acordo com o artigo "Senators in Bipartisan Deal on Immigration Bill", do *New York Times* de 18/05/2007, "at the heart of the bill is a significant political trade-off. Democrats got a legalization program, which they have sought for many years. Republicans got a new 'merit-based system of immigration', intended to make the United States more competitive in a global economy".

Os discursos de implementação de "Guestworker Programs" nos Estados Unidos hoje parecem, de fato, estar em sintonia com essa idéia de maior controle e vigilância das fronteiras através do aumento do efetivo policial e da adoção de medidas tecnológicas que viabilizem uma melhor fiscalização dos estrangeiros que entram e permanecem no país. A vinculação entre imigração indocumentada e terrorismo aparece em diferentes esferas da vida social norte-americana e é largamente difundida pela mídia e por discursos políticos que utilizam o tema da imigração para se afirmar. De acordo com tal orientação, os vistos de entrada devem ser distribuídos em parceria com um conjunto de medidas capazes de proporcionar um maior "controle" do Estado sobre os estrangeiros que circulam pelas fronteiras dos EUA. O discurso de proposição da "Reforma Imigratória" feito pelo presidente George W. Bush no início de seu segundo mandato, no dia 07 de janeiro de 2004, é um bom exemplo de como a preocupação com a "segurança das fronteiras" e com a regulação dos fluxos de estrangeiros que entram no país é responsável hoje por orientar boa parte das propostas de mudança legislativas relacionadas à imigração:

"*Our reform should be guided by a few basic principles. First, America must control its borders. Following the attacks of September the 11th, 2001, this duty of the federal government has become even more urgent. And we're fulfilling that duty. For the first time in our history, we have consolidated all border agencies under one roof to make sure they share information and the work is more effective. We're matching all visa applicants against an expanded screening list to identify terrorists and criminals and immigration violators. This month, we have begun using advanced technology to better record and track aliens who enter our country -- and to make sure they leave as scheduled. We have deployed new gamma and x-ray systems to scan cargo and containers and shipments at ports of entry to America. We have significantly expanded the Border Patrol -- with more than a thousand new agents on the borders, and 40 percent greater funding*

over the last two years. We're working closely with the Canadian and Mexican governments to increase border security. America is acting on a basic belief: our borders should be open to legal travel and honest trade; our borders should be shut and barred tight to criminals, to drug traders, to drug traffickers and to criminals, and to terrorists(...)".
Retirado de "http://www.whitehouse.gov/news/releases/2004/01/20040107-3.html".

A exposição dessa fala de Bush deixa transparecer como a preocupação com o tema da "segurança" das fronteiras afronta o imaginário norte-americano contemporâneo. O terrorismo desponta, nesse sentido, como a grande preocupação e ficam implícitas e às vezes explícitas, em seu discurso, as associações do mesmo àqueles indivíduos que cruzam a fronteira do país de forma "não legal" e "desonesta". A proposição de "Guestworker Programs" para os Estados Unidos, que ocorre na continuação do discurso acima apresentado, surge como uma decorrência desse argumento de "seletividade" da fronteira e como panacéia para o "problema" que representa a imigração indocumentada no país. As recentes (re)considerações dos Programas para Trabalhadores Temporários nos Estados Unidos devem, assim, ser compreendidas também através desse prisma de interferência mais direta do Estado norte-americano no sentido de controlar suas fronteiras e de proporcionar uma "maior segurança" aos cidadãos do país.

Não é somente o vínculo entre imigração indocumentada e terrorismo, no entanto, que faz com que a implantação e (re)consideração dos "Guestworker Programs" tenham existência nos Estados Unidos hoje. Calavita (1994) mostra, ao analisar o *Immigration Act* de 1990, como a legislação imigratória norte-americana tem incorporado, nos últimos anos, as demandas e pressões por trabalhadores de determinados empregadores e nichos do mercado de trabalho do país através da expansão de programas de visto direcionados a atividades econômicas específicas. Segundo ela, essa mudança legislativa fez com que o número de "economic visas" triplicasse sob as provisões das reformas das leis de imigração de 1990:

"While this quantitative change is important, perhaps more significant is the act's emphasis on shaping immigration flows to perceived economic needs – a principle that has often driven U.S. Immigration but has rarely been so explicitly pronounced in the legislative process" (CALAVITA, 1994: 76).

Para a autora, isso acontece porque está em curso uma profunda transformação da economia norte-americana, que gera um número grande de empregos "desprestigiados" em setores específicos e que precisam ser preenchidos com a chegada de novos imigrantes ao país. Neste contexto, de expansão do setor de serviços – que o Okemo representa bastante bem – e de correlata criação de profissões temporárias "desprestigiadas" relacionadas a tal setor, os Programas para Trabalhadores Temporários surgem como uma alternativa bastante viável para os empregadores que necessitam de mão-de-obra barata, já que haveria um simultâneo aumento da restrição à contratação e chegada de fluxos de trabalhadores indocumentados:

"Indeed, the current wave of restrictionism is occurring at a time of major dislocations and a profound transformation of the U.S. economy. As the heavy manufacturing sector constracts and the service sector expands, an increased proporcion of new jobs are located in the less desirable secondary labor maket[34]" (CALAVITA, 1994: 64).

Esta análise de Calavita parece ser compartilhada por outros autores que se dedicam a teorizar sobre a utilização de "Guestworker Programs" por países receptores de imigrantes. Cindy Hahamovitch (2003), por exemplo, propõe uma

[34] Nesse sentido, o livro de David Griffith sobre "guestworkers" jamaicanos e mexicanos vinculados ao programa H-2 nos Estados Unidos é bastante ilustrativo. O autor chega a apontar que as principais condições para a emergência desse tipo de Programa de Trabalho Temproário se vinculam à expansão de serviços de baixa qualificação e prestígio que são evitados pela mão-de-obra local: "Two economic forces thus create the conditions for the use of foreign workers: desirable low-skill service jobs (e.g. Bartender), and undesirable, low-paying, low-skill service jobs (e.g. Chambermaid) characterized by a high turnover of domestic workers who either move into the more desirable jobs or move out of the resort areas altogether" (GRIFFITH, 2006: 134).

argumentação de cunho mais geral acerca da conjugação entre esse tipo de política de Estado e reestruturações econômicas e sociais mais abrangentes nos contextos sociais aonde tais políticas florescem e são incentivadas. Ao relatar o surgimento dos primeiros Programas de Trabalho Temporário na Prússia – que, segundo ela, foi, teoricamente, o primeiro Estado a fazer uso desse tipo de política oficial de captação de mão-de-obra estrangeira –, a autora sugere um conjunto de características específicas que seriam comuns aos "Guestworker Programs" nos lugares em que tiveram e têm ocorrência. Para Hahamovithc, o exemplo do Estado prussiano captura a essência central desse tipo de política de Estado que viria a ser recorrente durante todo o século XX e que se ancoraria em algumas características básicas fundamentais:

"First, the program served the owners of an industry undergoing rapid change, which, without an influx of foreign workers, would have faced the prospect of rising wages. Second, the state became involved not so much because of employers' demands for foreign workers – they already had them – but because of rising public opposition to that foreign presence (…) Third, though guestworker programs represented the intrusion of the state into the affairs of employers of foreign workers, employers had little cause to complain (…) If foreign workers did organize, employers could now threaten them with deportation, with the force of the state under-girding the treat. Variations on these themes would reappear as other states attempted to exert similar authority over foreing workers within their borders" (HAHAMOVITHC, 2003: 76).

Hahamovitch considera, portanto, um conjunto de fatores genéricos a impulsionar a utilização desses "Guestworker Programs" por diferentes Estados-nação e em diferentes contextos. Para ela, a implantação destes programas acontece quando as atividades que demandam esse tipo de mão-de-obra estrangeira sazonal encontram-se em expansão e geram serviços de "baixa qualificação" e em momentos de crescente oposição pública à presença de

imigrantes. A interferência do Estado nesse tipo relação patrão X empregado, com vistas ao explícito favorecimento do primeiro, seria, então, uma derrocada aparentemente "natural" deste processo. Se o argumento da autora parece realmente estar de acordo com a descrição que Calavita faz acerca das transformações por que passa a economia norte-americana contemporânea e ao sentimento "anti-imigrante" existente hoje no pais, há somente que se ter uma certa reserva quanto à generalidade do mesmo. Não sei se em todos os contextos em que "Guestworker Programs" tiveram ocorrência, eles foram acionados pelos motivos enunciados por ela.

Ainda assim, é difícil não pensar o contexto dessa pesquisa – o Okemo Moutain Resort – a partir das afirmações de Hahamovitch. O Resort passou e tem passado por um movimento de expansão e ampliação ao longo dos últimos anos e aderiu a diferentes "Guestworker Programs" em um momento de incentivo e promoção desse tipo de política de Estado nos EUA. A captação de mão-de-obra estrangeira pelo Okemo através de Programas de Trabalho Temporário ocorre justamente nessa conjuntura de mudanças estruturais acentuadas do mercado de trabalho norte-americano da qual o Resort é simultaneamente representante e promotor. O acionamento desse tipo de política de Estado pelo complexo coincide com os processos de precarização das relações de trabalho, expansão desse tipo de atividade econômica no país e com argumentos "restricionistas" que associam imigração indocumentada a questões de "segurança nacional". Tendo sido brevemente explorada essa conjuntura, será importante agora descrever algumas características dos programas utilizados pelo Okemo na contratação de sua mão-de-obra estrangeira, a fim de situar melhor a adoção desse tipo de política no contexto mais abrangente da sociedade norte-americana.

. Programas para Trabalhadores Temporários utilizados pelo complexo

Além dos novos "Guestworker Programs" em tramitação e passíveis de serem implementados futuramente nos EUA, o Estado norte-americano já conta hoje com um conjunto de Programas de Trabalho Temporário criados para atender algumas demandas específicas de seu mercado de trabalho. Apesar de ser importante relativizar o impacto do trabalho dos sujeitos vinculados a esse tipo de programa no contexto mais global da mão-de-obra estrangeira nos Estados Unidos, já que os imigrantes indocumentados ainda são, neste país, a principal fonte de provimento de força de trabalho para as mais diversas atividades econômicas de "baixo prestígio", a importância desses "Guestworker Programs" tem crescido, assim como tem se ampliado a utilização desses programas de visto por diferentes empregadores e em regiões diversas[35].

Dos programas que encontram-se atualmente em vigência no país, o mais conhecido talvez seja o H-1B. O programa de vistos H-1B é hoje o maior "Guestworker Program" em funcionamento do Estado norte-americano e permite a contratação de profissionais estrangeiros em posições geralmente vinculadas aos setores de alta tecnologia e que tenham como exigência mínima formação universitária. Este visto foi criado para atender às demandas destes setores e é um exemplo bastante fundado do "argumento da globalização" sugerido por Philip Martin e anteriormente mencionado[36].

Outros dois "Guestworker Programs" de referência e com utilização atual nos EUA são o H-2A (para trabalhadores agrícolas) e o H-2B (para trabalhadores

---

[35] Apesar desses Programas para Trabalhadores Temporários já terem sido utilizados nos Estados Unidos em outros períodos históricos e de alguns encontrarem-se atualmente em vigência no país, a imigração indocumentada continua sendo a principal fonte de provimento de mão-de-obra para as atividades econômicas que demandam trabalhadores estrangeiros. Diferente de alguns países da Europa, onde a proeminência dos "Guestworker Programs" no recrutamento de estrangeiros vigorou durante décadas {cf. CASTLES, (1986, 2006)}, os EUA passaram a depender em grande parte dos fluxos de mão-de-obra indocumentada – principalmente os de origem mexicana – para a manutenção de variadas atividades econômicas nas últimas décadas. As recentes discussões legislativas feitas no país promovem, todavia, uma maior visibilidade desse tipo de política de Estado, o que também parece ser uma tendência européia (cf. CASTLES, 2006).

[36] Para um histórico da implantação deste programa nos EUA, bem como dos debates ocorridos em torno de suas motivações e conciliações, cf. Usansky & Espenshade (2000).

não agrícolas), ambos direcionados à captação de mão-de-obra para o preenchimento de posições de baixo prestígio no mercado de trabalho do país e aparentemente preteridas pelos cidadãos norte-americanos. Os vistos H-2A e H-2B são fruto da extensão legislativa de um antigo programa de trabalho temporário para trabalhadores agrícolas que vigora nos Estados Unidos desde o *Immigration and Nationality Act* de 1952 – o "H-2 Program". Eles são emitidos pelo Departamento de Imigração norte-americano e contam com uma certificação do Departamento de Trabalho (*U.S.Department of Labor*) no sentido de comprovar a inexistência de mão-de-obra local para o preenchimento das vagas por estrangeiros. Assim, o processo para emissão de tais vistos parece um pouco mais controlado pelo estado e exige algumas medidas que assegurem que o empregador não tenha sido capaz de contratar mão-de-obra local para o suprimento das funções requeridas. Dentre elas, conforme salientou a gerente de RH do Okemo, consta o oferecimento das vagas em jornais regionais e outras medidas que visem divulgar as posições demandadas pelos empregadores[37].

Além destes "Guestworker Programs" para trabalhadores de "baixa qualificação", tem ocorrência atual nos EUA o Programa de vistos J-1, que, apesar de ser um visto direcionado a "exchange visitors", também permite a contratação de universitários – "holiday workers" – para o desempenho de atividades de "baixo prestígio" no país. O visto J-1 foi implementado em 1961, através do *Fullbright-Hays Act,* com o intuito de promover o intercâmbio educacional e cultural entre os Estados Unidos e os demais países do globo. Emitido pelo Departamento de Estado norte-americano, ele tem uma amplitude bastante grande, relacionando-se a diferentes tipos de inserção temporária nos EUA, sendo os mesmos supostamente vinculados às diretrizes e objetivos desse ideário de

---

[37] O número de vistos H-2B emitidos anualmente pelo departamento de imigração dos EUA é de 66.000, divididos igualmente entre as contratações de inverno e verão. No ano de 2005, a procura por esse visto foi tão grande por parte dos inúmeros empregadores que o governo, além de oferecer as 66.000 vagas destinadas a esse tipo de trabalho sazonal, permitiu a renovação dos vistos daqueles que já haviam participado do programa nos últimos três anos.

Retirado de *http://www.workpermit.com/news/2006_04_20/us/resorts_need_short_term_workers.htm.* Acesso em 20/03/2007.

"troca cultural". Uma das concessões desse visto é feita para "Work and Travel Programs", Programas de Trabalho Temporário destinados a atrair jovens universitários residentes de diferentes países para serem empregados em posições de "baixa qualificação" demandadas por empregadores do país. Diferente do H-2B, esse visto não requer certificação do Departamento de Trabalho (*U.S. Department of Labor*) para ser concedido, o que torna sua utilização mais flexível e maleável do ponto de vista do empregador[38].

Além dos "Guestworker Programs" anteriormente mencionados, tem vigência no país, ainda, um conjunto de programas específicos direcionados a enfermeiros, profissionais de países que compõem o NAFTA e o Programa de Visto L-1, que permite a transferência de supervisores e executivos entre companhias e sedes administrativas transnacionais[39].

O Okemo faz uso de dois desses "Guestworker Programs", ambos relacionados à contratação de mão-de-obra de "baixa qualificação": o Programa de Vistos H-2B e o Programa J-1 para "holiday workers". A utilização pelo Okemo do recrutamento de estrangeiros através destes programas começou de maneira tímida e foi sendo ampliado ao longo dos últimos sete anos. O interessante, no caso do Resort, é que cada Programa de Visto relaciona-se a fluxos de pessoas oriundas de países diferentes e dependentes de um histórico particular de contatos da equipe de R.H. com recrutadores e empresas/agentes intermediários de contratação sediados nos países de onde elas saem. O relacionamento com esses Programas de Visto por parte do complexo acabou significando, também, uma distribuição das posições sazonais mais adaptada às demandas e características dos fluxos de trabalhadores recrutados através dos mesmos.

---

[38] No ano de 2005, o departamento de estado emitiu 106.000 desses vistos para estudantes que participaram "Work and Travel Programs".

Retirado de *http://www.workpermit.com/news/2006_04_20/us/resorts_need_short_term_workers.htm.* Acesso em 20-03-2007.

[39] Utilizei nesta tipologia os dados de Martin (2003) sobre os "Guestworker Programs" nos Estados Unidos.

O crescimento do Okemo levou, assim, à necessidade de contratação desses trabalhadores temporários estrangeiros, ao mesmo tempo em que passou a se basear na exploração do trabalho dessas pessoas e na utilização de seu esforço e energia para o melhor funcionamento e operacionalidade da montanha. Isso significa que além do desenvolvimento e ampliação do complexo ter levado à utilização de diferentes "Guestworker Programs" por parte do empregador, no sentido de suprir suas demandas por mão-de-obra, ele passou a ter uma relação de dependência junto a esses fluxos de estrangeiros, que se conformam e dão forma às atuais características do Resort, além de serem efetivos impulsionadores dos decorrentes desenvolvimentos do mesmo.

O desenvolvimento do complexo "Jackson Gore", na face norte da montanha, consegue exemplificar bem esse tipo de relação estabelecida entre o Okemo e os trabalhadores estrangeiros. Segundo Matthew, habitante de Ludlow com quem travei contato durante a pesquisa de campo, o Resort teria investido cerca de trezentos milhões de dólares nos últimos três anos para a construção de condomínios de luxo e benfeitorias nessa área. De fato, foram abertas cerca de quatorze novas trilhas e dois grandes teleféricos expressos naquele lado da montanha. Foi também desenvolvida, neste "sub-complexo", uma estrutura para o recebimento de turistas com maiores condições financeiras. Boa parte dos trabalhadores estrangeiros contratados anualmente pelo Resort acaba sendo, por sua vez, direcionada para trabalhar neste lugar.

Com esse tipo de desenvolvimento e ampliação, os diferentes programas de visto mencionados têm sido utilizados estrategicamente pelo Resort para a obtenção de contingentes de mão-de-obra estrangeira. Não é desnecessário salientar que esse tipo de contratação é extremamente conveniente para o empregador. No caso, o Okemo tem muito poucas despesas com o processo burocrático de recrutamento desses sujeitos. À exceção do próprio salário e de uma taxa paga ao Departamento de Imigração por cada estrangeiro contratado através do visto H-2B, o complexo não tem obrigação – e, de fato, não o faz – de oferecer

mais nenhum benefício a seus empregados internacionais. Sendo assim, os mesmos acabam arcando com os demais custos de agenciamento, além de terem que financiar suas próprias despesas com aluguel e transporte[40].

O salário bruto pago pelo Okemo a esses trabalhadores, por sua vez, é bem próximo do salário mínimo norte-americano e varia de seis a oito dólares por hora – o que corresponde a uma média de mil a mil e duzentos dólares mensais, dificilmente ultrapassando esta última quantia. Com relação à dependência gerada entre o empregador e esse tipo de fluxo, a gerente de Recursos Humanos Crystal Starski fez alguns comentários a respeito. Ao ser questionada sobre uma possível extinção, por parte do Estado norte-americano, desse tipo de Programa, ela fez o seguinte comentário:

"Não sei! Acho que teríamos que fechar algumas das dependências ou redistribuir as posições dos demais trabalhadores. Não podemos de uma hora para a outra fechar o 'Jackson Gore'. Há pessoas que investiram milhares e até milhões de dólares comprando um condomínio por lá. Não podemos simplesmente dizer: - Vejam, agora não vamos funcionar mais! Teríamos que arranjar um jeito! Mas com a ampliação da montanha, os estrangeiros se tornam bastante necessários...".

Apesar do tom alarmista da fala de Starski ser condizente com os argumentos de empregadores que pressionam pela manutenção e/ou ampliação dos "Guestworker Programs" de que fazem uso, importa perceber que as estratégias de ampliação do Okemo passam pela captação de um tipo de mão-de-obra de "baixo custo" proveniente de outros países. Sem esses estrangeiros, o

---

[40] Os dados referentes aos gastos dos trabalhadores temporários estrangeiros com esses itens serão apresentados nos capítulos posteriores. Isso permitirá delimitar as particularidades referentes a cada contingente contratado pelo Okemo. Vale adiantar, para o caso do aluguel, que o Okemo oferece moradia aos empregados a um preço bastante alto. Pelo fato dos estrangeiros não terem contatos prévios na cidade de Ludlow e pelo "boom" imobiliário pelo qual a cidade tem passado nos últimos anos, eles acabam rendidos às opções oferecidas pelo próprio Resort. Isso quer dizer que os salários brutos pagos pelo complexo a seus trabalhadores temporários não correspondem exatamente à quantia líquida desembolsada pelo Okemo para remunerar sua mão-de-obra estrangeira.

Resort muito provavelmente não poderia ter disponível grandes contingentes de mão-de-obra para o suprimento de tais demandas. A canalização desses sujeitos para essas posições se dá, portanto, a partir da utilização dos Programas de Trabalho Temporário pelo departamento de recursos humanos do Okemo no sentido do melhor suprimento de suas necessidades de crescimento e ampliação.

A relação do Resort com esses diferentes contingentes de trabalhadores temporários, por sua vez, tem um histórico particular e deriva de estratégias e opções de contratação direcionadas por parte de seu setor de Recursos Humanos. Além de dependente de um histórico de contatos com agenciadores de diferentes partes, essas contratações não estão também menos relacionadas a todo o contexto da sociedade norte-americana descrito anteriormente e que denota um momento de amplos incentivos à captação de mão-de-obra temporária estrangeira no país.

O vínculo entre esses diferentes fluxos de trabalhadores temporários e o Resort de um isolado estado dos Estados Unidos – e que conta com uma história de desenvolvimento local própria – é estabelecido, portanto, através de "Guestworker Programs" promovidos pelo Estado norte-americano. Recrutados em diferentes partes, de maneiras distintas e com vistos J-1 e H-2B, esses trabalhadores têm em comum o fato de irem em direção ao Okemo despender sua energia como trabalhadores sazonais em posições aparentemente preteridas pelos demais cidadãos da região.

O Resort surge, deste modo, como o palco privilegiado para esta incursão antropológica. Com um olhar atento sobre os trabalhadores estrangeiros que por lá circulam e exercem suas atividades laborais e lúdicas, utilizo o Okemo e sua mão-de-obra estrangeira para propor uma perspectiva analítica que tente incorporar as representações e práticas desses sujeitos nos correntes debates sobre a implementação de Programas para Trabalhadores Temporários nos Estados Unidos e mobilidade de mão-de-obra para o pais. Ao narrar como esses trabalhadores estrangeiros articulam sua experiência de deslocamento e trabalho sazonal no Okemo, espero apresentar um conjunto de simbologias e

particularidades referenciadas a seus contextos locais com as quais o Okemo também precisa lidar e que não são menos importantes na caracterização desses deslocamentos internacionais constituídos para os EUA via "Guestworker Programs".

Capítulo 2:

Deslocamento como "Investimento Pessoal": a Experiência dos Sul Americanos no Okemo

"Se, no passado, viajar restringia-se a conhecer, verificar e contemplar o desconhecido, hoje o viajante procura participar, interferir, protagonizar a sua ação e crescer a partir dela. Viajar hoje é, essencialmente, um veículo pelo qual essas conquistas são obtidas...".

Folheto de Marketing da Agência de Intercâmbios Experimento, 2003

. Recrutamento dos Jovens através do "Work and Travel"

O fluxo de trabalhadores sul americanos que vão trabalhar no Okemo é canalizado para o Resort através de um programa de trabalho temporário conhecido como "Work Experience" ou "Work and Travel" e direcionado a estudantes universitários oriundos de nações com as quais os EUA mantém boas relações diplomáticas. O programa funciona através de empresas e agentes públicos e privados que atuam nos Estados Unidos e nestes países e os inscritos entram nos EUA através do visto J-1, que, segundo a definição da página oficial do Departamento de Estado norte-americano, tem o propósito central de "incentivar o entendimento mútuo entre cidadãos norte-americanos e os demais habitantes do globo através de 'programas de intercâmbio cultural'"[41].

O programa de vistos J-1 foi criado pelos Estados Unidos em 1961 e é bastante abrangente, englobando o "Work and Travel" como um dentre outros

[41] De acordo com a definição do Departamento de Estado norte-americano: "The Exchange Visitor Program is carried out under the provisions of the *Mutual Educational and Cultural Exchange Act of 1961*, as amended. The purpose of the Act is to increase mutual understanding between the people of the United States and the people of other countries by means of educational and cultural exchanges. International educational and cultural exchanges are one of the most effective means of developing lasting and meaningful relationships. They provide an extremely valuable opportunity to experience the United States and our way of life. Foreign nationals come to the United States to participate in a wide variety of educational and cultural exchange programs".
Retirado de *http://travel.state.gov/visa/temp/types/types_1267.html#1* . Acesso em 05/01/2007.

programas de intercâmbio destinados a fomentar o que seriam essas formas de "entendimento mútuo entre cidadãos dos Estados Unidos e de outros países". Essa lei de 1961 está em sintonia com o discurso mais abrangente de ONGs e fundações criadas nos EUA a partir da Segunda Guerra Mundial com o intuito de difundir um imaginário "pacifista" em torno de experiências de "intercâmbio cultural" entre cidadãos de países alinhados ideologicamente aos Estados Unidos e à Europa Ocidental[42].

É através desse tipo de argumentação legislativa, portanto, que os programas "Work and Travel" têm sido justificados pelo Departamento de Estado norte-americano. Só no ano de 2005, o órgão responsável pela concessão dos vistos J-1 emitiu cerca de 106 mil deles para estudantes universitários que participaram de Programas de Trabalho Temporário[43]. Através dos incentivos deste órgão para a atração de trabalhadores sazonais, universitários de diferentes partes do mundo vão trabalhar em posições de "baixa qualificação" do mercado de trabalho norte-americano, o que, na temporada 2005/2006 do Okemo, era representado por um grupo de chilenos contratados para atuar em posições vinculadas aos restaurantes e bares, além de colombianas e argentinas responsáveis por cuidar de crianças na creche do complexo.

A contratação desses universitários é feita através de redes de empresas intermediárias bem estruturadas localizadas em grandes e médias cidades dos

---

[42] É valido lembrar, neste caso, que o Programa de Vistos J-1 nos Estados Unidos foi criado justamente no período em que vigia a Guerra Fria e os decorrentes confrontos ideológicos acirrados entre os EUA – potência representante do bloco capitalista – e a antiga União Soviética – representante do bloco socialista. Mais do que simples fomento da "paz mundial", a criação de tais programas parece também ter sido incentivada em decorrência da necessidade de difusão ideológica positiva do(s) modelo(s) de vida capitalista, com as decorrentes idéias de "livre trânsito", "cooperação" e "aprendizado cultural". A criação da antiga *American Field Service*, hoje renomeada de *AFS Intercultural Programs*, ocorre neste contexto. A ONG é um bom exemplo das ações do Estado norte-americano no sentido de fomentar a criação de organizações responsáveis pela difusão dos "intercâmbios culturais" como forma de criar um mundo supostamente mais "justo", "pacífico" e "harmonioso": "AFS is an international, voluntary, non-governmental, non-profit organization that provides intercultural learning opportunities to help people develop the knowledge, skills and understanding needed to create a more just and peaceful world".
Retirado de *http://www.afs.org/afs_or/view/what_we_do.* Acesso em 22-03-2007

[43] Retirado de *http://www.workpermit.com/news/2006_04_20/us/resorts_need_short_term_workers.htm.* Acesso em 12/12/2006.

países dos participantes. O programa de trabalho temporário com o visto J-1 é, por exemplo, bastante popular nas regiões sudeste e sul do Brasil[44]. Atualmente, segundo a *Belta* (*Brazilian Educational & Language Travel Association)*, mais de cinqüenta empresas atuam no "mercado de intercâmbios culturais" (terminologia utilizada pelos agentes) do país. As empresas aproveitam as ansiedades relacionadas ao significado desse deslocamento internacional para seus participantes – que será explorada em seguida – e veiculam um discurso de marketing bastante eficaz sobre os imperativos de um certo tipo de "experiência internacional" nos dias de hoje. O recrutamento desses jovens é mais formalizado devido à existência de recrutadores que institucionalizam certas regras e acordos entre as pessoas físicas de seus países e os intermediários e empregadores norte-americanos. No caso deste programa, o visto J-1 concedido a seus participantes não os vincula a um empregador específico nos Estados Unidos e lhes dá certa autonomia para escolher o empregador com quem trabalhar ou entre as opções que o programa lhes oferece para seu trabalho temporário.

Joelmir, diretor de uma importante empresa de agenciamento de mão-de-obra internacional no Brasil e que recruta trabalhadores temporários para os Estados Unidos por meio dos vistos J-1 e H-2B comentou, em entrevista, que o programa "Work and Travel" é, hoje, "o carro chefe de muitas das empresas que atuam no setor de intercâmbios culturais"[45] no país. Essas empresas são, portanto, responsáveis por enviar um número significativo de jovens para trabalhar em

---

[44] Apesar de tomar como linha central da narrativa deste capítulo as experiências dos jovens sul americanos que encontravam-se no Okemo na temporada 2005/2006, utilizo também dados provenientes de pesquisas de campo realizadas anteriormente nos Estados Unidos e no Brasil. Isso porque entendo que a perspectiva de deslocamento desses jovens oriundos da Colômbia, Argentina, Chile e Brasil como bastante similares e tendo algumas recorrências estruturais comuns. Dessa forma, o capítulo conta com entrevistas e vivências realizadas no Brasil e no exterior e com a conjunção de todo tipo de informação que possibilite a apreensão dos significados comuns referenciados às representações desses estrangeiros diante daquela experiência de trabalho e viagem internacional.

[45] Tanto esse agenciador quanto as empresas que atuam recrutando jovens para esse tipo de Programa de Trabalho Temporário nos Estados Unidos referem-se ao programa de visto J-1 como um híbrido entre intercâmbio e trabalho, incorporando-o a um nicho mais amplo – de "intercâmbios culturais" –, que também abarca experiências de "cursos de idiomas no exterior", "estágios e trainees" e "high school". Nesse sentido, essas empresas intermediárias aderem e ajudam a difundir a idéia que a classificação oficial do Estado norte-americano confere a esse tipo de programa.

posições relacionadas ao setor de serviços norte-americano, parecendo ser essa experiência bastante valorizada em seus contextos locais. Um dos indicativos nesse sentido é o fato de algumas multinacionais, por exemplo, contarem, em seus formulários de contratação, com perguntas relacionadas às viagens e experiências internacionais de seus candidatos. Tais experiências parecem ser valorizadas e tidas como positivas por essas empresas que recrutam seus funcionários também levando em conta esse tipo de expectativa. A revista *Educação Internacional* (2003) exemplifica bem a importância dessas viagens internacionais através de uma argumentação bastante recorrente:

"Em um mundo que está ficando cada vez menor e em uma sociedade a cada dia mais competitiva, a chave do futuro êxito profissional passa por uma adequada formação, pelo domínio de outras línguas e pelas experiências internacionais" (Revista Educação Internacional, 2003: 4).

A partir da década de 1980, ocorreu nestes países da América do Sul um crescimento bastante expressivo do número de pessoas jurídicas especializadas no recrutamento desses jovens universitários, o que sugere uma ampliação do interesse por esse tipo de programa e maiores facilidades para a concretização dos mesmos. Em pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre os anos de 2003 e 2004 e que teve como objeto os "intercâmbios culturais" promovidos por essas agências (DIAS, 2004), constatei, no Brasil, um crescimento bastante acentuado na procura por essas experiências por jovens de classe média e residentes em contextos urbanos brasileiros.

Essa assertiva pôde ser comprovada através da análise de pesquisas de mercado e de guias emitidos pela *Belta (Brazilian Educational & Language Travel Association*), organização brasileira responsável por congregar as agências de "intercâmbio cultural" e turismo que promovem esse tipo de deslocamento internacional e que atuam no setor. No Guia Belta de 2003, por exemplo, das

cinqüenta e duas ONGs e empresas associadas à instituição naquele ano, apenas sete delas haviam sido fundadas antes da década de 1980. Tais dados ajudam a demonstrar que a procura por essas experiências internacionais tem aumentado bastante durante as últimas décadas, assim como também têm aumentado as redes formais e informais responsáveis pela promoção desses deslocamentos internacionais.

Para os demais países da América do Sul, principalmente naqueles de onde veio boa parte dos estudantes com os quais travei contato no Okemo, essas tendências não se mostraram diferentes. No Chile, Colômbia e Argentina, a procura por essas experiências também parece ter se acentuado bastante nos últimos anos. A popularização desse tipo de deslocamento, por sua vez, mantém relação com a expansão desses "intermediários" do setor de serviços; com a adoção e difusão, por parte desses diferentes agentes, de discursos relativos a um "novo tempo" de "globalização"; e com a correlata qualificação desses deslocamentos enquanto geradores de um conjunto de qualidades pessoais associadas às "demandas" do mundo contemporâneo. A revista Educação Internacional, emitida pela *Belta (Brazilian Education and Language Travel Association)* exemplifica a conjunção desses fenômenos de forma bastante interessante, enfatizando, em seu edital, a suposta importância de tais viagens atualmente:

"Num mundo globalizado como o nosso, necessitamos entender-nos melhor, comunicar-nos com mais freqüência, enriquecer-nos mutuamente. Para isso, temos de nos transformar em intérpretes, tradutores e estudar continuamente novas palavras e costumes. Ler outros autores, conhecer novas pessoas, viajar a países onde outras línguas são faladas, ultrapassar fronteiras nacionais e lingüísticas: tudo isso se constitui na melhor maneira de abrir novos horizontes humanos e profissionais e de crescer intelectualmente" (Guia Belta, 2003: 6).

O programa "Work and Travel" é oferecido pelas agências em sintonia com esse discurso de "aprendizado multicultural" e proposto como uma alternativa para aqueles que não desejam ou não podem despender uma quantia volumosa de dinheiro para uma "experiência no exterior". Tais empresas atuam selecionando universitários que se dispõem a gastar, inicialmente, cerca de dois mil e quinhentos a três mil dólares, no intuito de ter acesso aos "ganhos" proporcionados por esse tipo de viagem. No Brasil, o processo de seleção e contratação dos jovens é feito, basicamente, de três maneiras: feiras com empregadores estrangeiros; oferecimento de vagas pelas empresas intermediárias e escolha do empregador pelo próprio participante. No primeiro caso, as empresas intermediárias promovem feiras de recrutamento em que representantes dos empregadores norte-americanos vêm ao país e selecionam diretamente os jovens que desejam contratar para a temporada de trabalho no exterior; no segundo caso, a empresa intermediária se encarrega de encontrar uma posição na qual esses jovens possam ser inseridos; e, finalmente, no último caso, o próprio participante escolhe a empresa norte-americana na qual deseja trabalhar e trava contatos com seu setor de Recursos Humanos, necessitando do agente intermediário somente para formalizar o processo de obtenção do visto J-1.

A grande vantagem do programa "Work and Travel", segundo os folhetos de marketing dessas agências intermediárias, é a possibilidade do "intercambista" ter acesso a uma "outra cultura", podendo aprimorar ou aprender uma "nova língua", demonstrar que tem "flexibilidade" para se adaptar a outro ambiente e, ainda, ter acesso novamente a parte do dinheiro que "investiu", já que ele é remunerado pelos serviços prestados às empresas norte-americanas. Nesse sentido, o programa atrai um público de jovens universitários oriundos de classes médias urbanas um pouco mais privilegiadas. Apesar de não fazerem parte da elite econômica das nações em que residem, esses jovens têm acesso às universidades e a oportunidades relativamente boas no mercado de trabalho destes países da América do Sul. A agência "Student Travel Bureau" ajuda a

categorizar o perfil dos participantes ao definir da seguinte maneira o programa "Work and Travel":

"É um programa de trabalho remunerado nos Estados Unidos, em que o estudante aproveita suas férias na universidade entre novembro e abril para trabalhar. O objetivo do programa é ter experiência internacional com baixo investimento. Você poderá participar se: - tiver entre 18 e 28 anos - for estudante universitário - seu nível de inglês for intermediário, for flexível, maduro e disposto a trabalhar duro".

Retirado de *http://www.stb.com.br/home/work_program.asp?cod_work_program=16*. Acesso em 26/03/2007.

Essas caracterizações da empresa de recrutamento estão em consonância com os discursos e com a perspectiva adotada por esses jovens frente a seu deslocamento para o Okemo. Como espero deixar claro ao longo deste e dos demais capítulos da dissertação, os trabalhadores internacionais recrutados pelo Resort sustentam discursos e posturas particulares diante de sua experiência de deslocamento e trabalho no complexo, sendo os mesmos também atrelados às simbologias e imaginários difundidos nos contextos sociais locais que compartilham. No caso específico desses jovens sul americanos, o produto ofertado, ou seja, a "experiência internacional com baixo investimento", é obtida mediante alguns pré-requisitos que operam uma certa seleção de classe no contexto de onde provém – principalmente pelo fato do preço inicial pago ao recrutador ser adiantado e pela exigência de domínio da língua inglesa também acarretar numa certa "seleção" dos participantes.

Quando procurei, pela primeira vez, por um destes "intercâmbios culturais", estava interessado em ter acesso a essas vivências propaladas e o programa me pareceu uma boa alternativa, já que era uma forma "econômica" de viajar para o exterior, tendo acesso aos "ganhos" proferidos pelo marketing dessas intermediárias e participando de uma pesquisa exploratória acerca de uma temática que já me despertava a atenção desde aquela época. Optei por participar

da segunda forma de contratação referida, sendo a empresa intermediária a responsável por se encarregar de encontrar uma posição no mercado de trabalho norte-americano. Depois de passar por um teste básico de inglês, me foi dada a opção de escolher uma região dos Estados Unidos aonde quisesse ir, me ocorrendo, naquela época, optar pelo oeste norte-americano – o que não passou de uma vontade, já que a opção por essa região acabaria por me levar para o norte de Michigan.

O processo durou cerca de três meses, apesar de ter descoberto, ao final, que tudo aquilo poderia ter sido feito em um[46]. O contrato que tive que assinar cobria somente os serviços de recrutamento da empresa brasileira que escolhi como forma de ingressar no país e estabelecia que ao rompimento das cláusulas por parte do empregador antes da partida para os Estados Unidos não me era garantido direito a nada além do montante inicialmente investido para a viagem. Por outro lado, se desistisse da empreitada após ter assinado a papelada, não teria direito a ser ressarcido integralmente, mesmo que tivesse o visto J-1 negado pelas autoridades consulares americanas. Naquele ano de 2003, o alarde concernente ao atentado de 11 de setembro ainda estava bastante aflorado e o sobrenome Mansur e a ascendência árabe faziam a preocupação com o visto tornar-se bastante factível.

Na segunda vez que procurei uma empresa de "intercâmbio" para poder ir para os Estados Unidos, já estava interessado em fazer pesquisa de campo no Okemo, o que me levou a optar pelo terceiro tipo de contratação referido, no qual eu mesmo escolhia o empregador através do qual seria contratado. Também entrei com a papelada cedo, mas, dessa vez, de forma a freqüentar de maneira mais constante a agência de intercâmbios através da qual participava da contratação, podendo, assim, conhecer um conjunto de recrutadores e participantes com os quais mantive uma certa proximidade e diálogo.

---

[46] Esses dados sugerem a discricionariedade e flexibilidade da atuação dos agentes intermediários para alocação de seus "clientes" nos Estados Unidos. Apesar de ter escolhido o oeste norte-americano, no caso, fui parar em uma outra região do país. Além disso, todo o processo de contratação pode ser feito de forma bastante rápida quando necessário.

Em contato com setor de Recursos Humanos do Resort, por sua vez, me foi oferecida uma proposta de emprego na parte externa, em conjunto com os operadores de teleférico australianos que supunha existirem por lá quando de minha chegada. Como estava interessado em ir para o Okemo de qualquer forma, não hesitei em aceitar a proposta. No consulado, novamente, não tive grandes problemas em ter o visto concedido. Essa relativa facilidade de acesso ao mercado de trabalho do país parecia se dar pela "relação positiva" mantida entre a agência intermediária brasileira que atua nesse tipo de contratação e a agência intermediária norte-americana que trabalha com a distribuição desses jovens no mercado de trabalho do país e que tem a autorização do Departamento de Estado dos Estados Unidos para a alteração do status do visto de seus participantes[47].

Essa "relação positiva" mantida entre as agências intermediárias dos Estados Unidos e dos países que disponibilizam mão-de-obra diz algo sobre a demanda desses jovens em alguns setores específicos do mercado de trabalho dos Estados Unidos. De fato, ocorre um efetivo interesse de muitos empregadores por estes mais de cem mil jovens que trabalham anualmente em programas "Work and Travel" "sazonais" em todo o país. A indústria do turismo é a que mais se beneficia com a contratação de mão-de-obra dessas pessoas, apesar de não ser a única que faz uso desses trabalhadores em suas posições[48]. A relativa facilidade para obtenção do visto J-1 por parte daqueles que desejam participar de programas "Work and Travel" parece se dar, portanto, tanto em função da demanda desse

[47] Vale lembrar que essa agência americana tem o poder de alteração e não de concessão dos vistos aos participantes desse tipo de programa. A concessão do visto é prerrogativa dos oficiais consulares que atuam nos consulados oficiais dos Estados Unidos espalhados pelo mundo. Entretanto, como essas agências detém a chancela do Departamento de Estado para a organização desse tipo de fluxo, a concessão do visto J-1 para participantes que vão para o país através desse programa parece ser mais fácil. Um exemplo ilustrativo disso é o caso de Ronaldo. O rapaz, que participou comigo neste programa "Work and Travel", tinha intenções de emigrar para os Estados Unidos e, depois de ter o visto de turista negado por duas vezes consecutivas, resolveu matricular-se em uma universidade no Brasil a fim de pleitear um visto J-1 para conseguir entrar legalmente no país. Ronaldo, que está nos Estados Unidos até hoje, contou que, agindo dessa maneira, não teve grandes problemas para obter o visto de entrada.

[48] Durante a pesquisa, conversei com pessoas que participaram do programa "Work and Travel" em diversas regiões dos Estados Unidos. A grande maioria dizia ter trabalhado em Resorts, hotéis, restaurantes, lojas de artefatos e cassinos. Mas houve relatos de sujeitos que se empregaram em lojas de conveniência mais estruturadas – como as redes Mc Donald's e Starbucks – e outros, ainda, que chegaram a trabalhar para indústrias do setor secundário.

tipo de trabalhador em posições específicas do mercado de trabalho norte-americano quanto da conveniência desse tipo de contratação para os empreendedores que têm acesso às mesmas.

Se observada atentamente, essa contratação de jovens é, de fato, bastante conveniente para os empregadores que a utilizam. O serviço feito pelas empresas intermediárias não acarreta custo adicional algum para esses atores norte-americanos, já que os próprios jovens arcam com os custos do processo de obtenção do visto de trabalho cobrados pelos órgãos oficiais dos Estados Unidos. As taxas desembolsadas pelos participantes do programa "Work and Travel" remuneram, então, tanto as agências intermediárias sul americana e norte-americana responsáveis pela alocação de recursos humanos no mercado de trabalho do norte quanto os órgãos responsáveis pela concessão e expedição do visto e da papelada oficial.

O programa "Work and Travel" com visto J-1, apesar de toda propaganda do Estado relacionando-o à etiqueta de "intercâmbio cultural" previamente mencionada, acaba tendo justamente o papel de estabelecer a ponte entre esses empregadores do setor de serviços norte-americano – representados pela agência intermediária com sede nos EUA – e os jovens universitários da América do Sul – representados pela agência intermediária com sede nos países sul americanos –, de forma a conciliar as vontades de ambos. No caso do empregador, a vontade de obtenção de uma mão-de-obra atraente e de relativo baixo custo e, no caso dos viajantes, a vontade de deslocamento internacional decorrente do acesso a um certo tipo de "experiência" supostamente contida no programa.

Nesse sentido, os incentivos que levam esses jovens para os EUA parecem bastante abrangentes e incorporam as diretrizes oficiais do Estado – através da perspectiva harmoniosa do "intercâmbio cultural"; as relações reais de trabalho – através do contrato assinado e da rotina estabelecida; e, como será descrito mais pausadamente, outros discursos e simbologias relacionados aos imperativos de deslocamento internacional dessas pessoas na globalização contemporânea.

. A Viagem enquanto "Investimento Pessoal"

Uma recorrência estrutural das falas e motivações desses sujeitos é que aquela viagem parecia se afigurar como uma realização de efetivo sentido para suas vidas e contextos locais, sendo as experiências nesse sentido vistas como enriquecedoras e necessárias no "mundo atual". Sua conotação, entretanto, transbordava a noção de "intercâmbio cultural" salientada pelo Estado para se aproximar de uma idéia de "investimento" bastante particular. Seu "deslocamento para o exterior" era percebido mais como uma forma de "promoção pessoal" calcada em ganhos futuros aparentemente palpáveis do que como uma possibilidade de "troca cultural" ou aprendizado instrumental.

O sentido da viagem para aqueles jovens aproximava-se, a meu ver, de uma idéia própria de "investimento pessoal", sendo interpretada de forma um pouco mais "pragmática" e calcada na "rentabilidade" proporcionada por aquele tipo de experiência. Sua viagem e vivência, afastados diretamente de uma concepção puramente hedonista, associavam um conjunto amplo de ganhos relacionados à carreira e às experiências pessoais demandadas pelo "mercado de trabalho" e pela "globalização" e sua inserção nesse tipo de Programa de Trabalho Temporário norte-americano parecia ter esse mesmo sentido. De acordo com eles, estariam supostamente contidas em sua experiência oportunidades de "aprimoramento da língua inglesa", "investimento pessoal" e um diferencial no mercado de trabalho que seriam gerados automaticamente através da participação no programa "Work Experience"[49].

---

[49] O principal estímulo à procura desses programas se atrelaria justamente a estes fatores. A importância do aprendizado e aprimoramento da língua inglesa através desse tipo de inserção internacional fica, de fato, patente em uma pesquisa de mercado encomendada pela *Belta (Brazilian Educational & Language Travel Association)*, que mostra que os cinco países mais procurados para cursos e estágios no Brasil têm o inglês como língua oficial. Juntos, Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia representam 88,52% dos jovens enviados para o exterior.

A fala de Paulo, brasileiro que participou do programa "Work and Travel" em 2004, demonstra o vínculo existente entre a vivência proporcionada pela experiência nos EUA e uma inserção futura pouco mais "facilitada" no mercado de trabalho de seu país. Além do aprimoramento das habilidades da língua inglesa significar uma ampliação de suas possibilidades no mercado de trabalho brasileiro, as representações diante daquela experiência de migração sazonal para os Estados Unidos preocupavam-se incisivamente com as possibilidades que tal experiência poderia proporcionar para suas vidas profissional e pessoal:

"Procurei o 'Work and Travel' porque precisava desse tipo de experiência... Na verdade, queria melhorar o inglês e mesmo estudando aqui fica difícil porque você não tem aquela imersão necessária. E também é muito importante hoje em dia ter esse tipo de experiência internacional (...) Quando você participa de dinâmicas de grupo para estágio ou trainee, é sempre bom ter alguma coisa para contar sobre viagem ou coisas assim[50]*. Pega bem, porque mostra que você está disposto a enfrentar desafios, que é flexível e que está aberto a novas experiências".*

Esse interesse de Paulo no programa "Work and Travel", bem como a interpretação peculiar com relação à viagem e estada no Okemo por parte dos jovens sul americanos que estavam no complexo parecem informados por um movimento que foi bastante bem captado e problematizado pelo trabalho do sociólogo Osvaldo López-Ruiz (2004). Em sua tese de doutoramento, o autor argumenta que a partir de formulações e inovações da ciência econômica feitas pela Escola de Chicago durante a década de 1960 – nomeadamente, da "teoria do capital humano" – e difundidas para diversos contextos sociais nas décadas

[50] Aqui, vale a pena recorrer aos dados da pesquisa do sociólogo Osvaldo López-Ruiz (2004). Nesta pesquisa, que teve como objeto os "executivos das empresas transnacionais" com atuação no Brasil, López-Ruiz também enfatizou o fato do tema das viagens ser recorrentemente lembrado pelos jovens no processo de recrutamento de grandes empresas multinacionais: "É significativo como nos recruitments (palestras de recrutamento) o tema "viagens" se apresenta (praticamente sempre): tanto como pergunta dos estudantes do auditório – em relação ao futuro trabalho ou às possibilidades de fazer cursos ou treinamentos fora do país – quanto como instrumento do "marketing" das próprias empresas" (LÓPEZ-RUIZ, 2004: 15).

posteriores, uma nova concepção e novos valores a respeito do indivíduo e do "humano" assumiram uma importância crucial na definição do *ethos* através do qual muitos sujeitos conduzem suas vidas.

Para sustentar tal argumento, o autor recorre à análise da teoria do capital humano, criada por pensadores da Escola de Chicago, e da difusão da mesma associada a outros movimentos importantes nessa virada de século, como o "novo empreendedorismo". De acordo com López-Ruiz, as idéias "econômicas" geradas a partir de Chicago – e que englobam a concepção dos indivíduos como empresa, portadores de habilidades e capacidades que são incorporadas e valoradas como "investimento" – tem se difundido contemporaneamente nos mais diversos meios sociais. Investimento, neste caso, para além de um mero chavão, transforma-se, segundo o autor, em uma noção que aproxima a existência humana à gestão de um empreendimento pessoal[51]:

Hoje, por exemplo, muitas das práticas sociais ou das ações individuais são apreciadas em termos de "rentabilidade", quer dizer, em termos de "a capacidade de produzir um benefício"; benefício que, embora nem sempre econômico, acaba estando orientado por – e sendo pensado e valorado a partir de – uma lógica econômica. É por isso que atualmente é possível "investir" não só em um fundo de pensão ou em ações de empresas, mas também na própria carreira (LÓPEZ-RUIZ, 2004: 34).

---

[51] Segundo o autor, tal teoria, formulada para resolver problemas de ordem estritamente econômica, teria ampliado suas pretensões explicativas a outros âmbitos sociais, servindo ao mesmo tempo para explicar e propor um novo tipo de homem, que deve se pensar explicitamente enquanto capital. Entendo, a partir do trabalho de López-Ruiz, que o intercâmbio entre as idéias desenvolvidas pelos teóricos de Chicago e a difusão das mesmas para os demais contextos sociais não se dá de forma simples. Ao mesmo tempo que a teoria do capital humano ajuda a difundir uma certa idéia pragmática do "humano", ela também pode ser vista como reflexo de uma determinada estrutura social que engendra, dentre outras coisas, esse tipo de interesse teórico. Vale lembrar que tal teoria foi gestada em um campo científico específico – o das ciências econômicas – e visando responder a um conjunto de problemas colocados pela teoria econômica – nomeadamente, uma explicação plausível para a afluência da sociedade norte-americana do pós-guerra. O que López-Ruiz faz muito bem é mostrar como as idéias desenvolvidas neste campo ganham uma certa centralidade em movimentos recentes e não diretamente conectados à ciência econômica. A teoria criada pela Escola de Chicago, assim como a ciência econômica em geral, todavia, não são descoladas da estrutura social à qual tentam dar fundamento e/ou explicação. O que o sociólogo formula é uma base explicativa para a mútua interferência da ciência econômica no imaginário social e vice-versa, o que faz, sem dúvida, privilegiando o primeiro destes referenciais.

Para López-Ruiz, a grande mudança provocada pela "teoria do capital humano" está na inversão profunda de valores operada ao se substituir a noção de "consumo" pela noção de "investimento". No caso, o trabalho passa a ser teoricamente compreendido não somente como um fator de produção, mas como "produto de um investimento", de modo que o trabalhador vira sinônimo de um item de equipamento do mesmo e suas habilidades, conhecimentos e destrezas podem ser geridos a partir dessa lógica. A grande mudança, neste caso, é que a teoria proporciona uma inversão moral para atitudes, ações e características subjetivas e pessoais passarem a ser livremente pensadas e vistas como suscetíveis de agregação de valor:

Foi Chicago, então, que conseguiu estabelecer uma teoria mundialmente conhecida e amplamente aceita sobre o capital humano mas, e, sobretudo – queremos propor –, foi através dela que um conjunto de valores e crenças sobre o humano, associados ou derivados dos postulados de uma teoria econômica, puderam ser socialmente sustentados (...) A partir de seus postulados "cientificamente verificáveis", o humano passa a ser entendido como uma forma de capital e, portanto, o "capital humano" e tudo o que se faça para incrementá-lo é investido de um valor positivo: cada pessoa deve – porque é economicamente conveniente, mas também porque é "moralmente bom" – aumentar suas habilidades, competências e destrezas a partir de "investimentos" constantes (LÓPEZ-RUIZ, 2004: 38).

Devemos ter uma certa reserva quanto à generalidade do argumento de López-Ruiz. Como os próximos capítulos da dissertação deverão deixar claro, esse tipo de conduta e pensamento não se aplicam igualmente a indivíduos oriundos de contextos sociais diferenciados. O que tampouco, no meu entender, é motivo para desconsiderar a análise de fôlego empreendida pelo autor. Creio que algumas das motivações e ansiedades que moviam o grupo de jovens sul americanos para o Okemo podem muito bem ser depuradas da leitura dos dados de campo em

conjunção com a argumentação de López-Ruiz. De fato, o deslocamento da noção desse tipo de viagem de um pólo "hedonista" (lazer) ou "educacional-pacifista" (diretriz legislativa do Estado norte-americano para os intercâmbios culturais) para um pólo "pragmático-racional" convergem com a análise do sociólogo no sentido de mostrar que, para alguns grupos, a exposição a certas pressuposições teóricas e concepções vinculadas ao capitalismo contemporâneo transforma decisões complexas – como a de optar por trabalhar temporariamente em outro país – em "simples" oportunidade de maximização de benefícios pessoais.

Este pelo menos parecia ser o caso dos jovens contratados através do programa "Work and Travel" pelo Okemo. Apesar das peculiaridades inerentes a cada contexto local, pode-se dizer que a viagem para os Estados Unidos tendia, muitas vezes, a se confundir, no seu caso, a um certo tipo de "investimento" necessário a ampliar as habilidades e destrezas que devem adquirir para um exigente "futuro" que os aguarda. Durante a pesquisa de campo no Resort, pude apreender uma certa conjunção entre o tipo de ansiedade relativa ao futuro profissional dessas pessoas e as perspectivas de "deslocamento", "juventude" e "carreira" que sustentavam.

Para eles, as percepções temporais de presente e futuro pareciam se confundir e a vivência (presente) daquele tipo de experiência era confortavelmente traduzida por alguns indivíduos em uma concepção de investimento (futuro) em suas carreiras e vidas. Como salientou Cassiel, um colega chileno, participar daquele tipo de "experiência" nos EUA não era "perda de tempo". Estar lá, fazer parte da equipe de trabalhadores temporários de "baixa qualificação" do Okemo, significava simultaneamente estar no país de origem, aprimorando suas habilidades, ampliando suas possibilidades de emprego e traçando um determinado futuro profissional – que se confunde, no caso, com futuro pessoal – em seus contextos locais.

Deste modo, pode-se dizer que os sentidos que davam a seu deslocamento referiam-se, de certa forma, mais ao retorno do que à estada em si e a viagem

surgia como uma marca reforçada de status e de posicionamento social e profissional em seus contextos sociais locais. As concepções de futuro e presente que nutriam articulavam-se, neste caso, à idéia de um tipo de experiência que só podia ser vivida durante a juventude – que entendiam como o período de suas vidas em que preparavam o terreno de seu "futuro" profissional, sendo a viagem para os EUA capitalizada em ganhos aparentemente incontestáveis. A significação da viagem deslocada do campo do lazer e vista como "promotora de experiências e conquistas" fica evidente na epígrafe deste capítulo, que expõe uma chamada de marketing da empresa *Experimento*, uma das empresas pioneiras a atuar no setor de "intercâmbios culturais" na América Latina.

Não há novidade em posicionar a viagem como marca de distinção e poder de grupos específicos. Para vários contextos e diferentes épocas, as viagens tornaram-se sinônimo de distinção social e foram utilizadas como veículo de obtenção de prestígio e poder locais (ADLER, 1985; MACHADO, 1997; RIBEIRO, 1997). O que a chamada de marketing da Experimento insiste em postular, todavia, é a necessidade desses jovens obterem, através das viagens internacionais, benefícios que estariam diretamente atrelados a conquistas pessoais. "Protagonizar", "participar", "interferir" são características de um empreendedor que não se contenta em simplesmente "conhecer", "verificar" e "contemplar". O sujeito a que a propaganda se direciona deve, supostamente, se pensar enquanto capital e não se satisfazer com uma postura "passiva" diante de suas ações. Nesse sentido, viajar transforma-se em um veículo para a obtenção de ganhos e conquistas pessoais e a viagem a trabalho, neste caso, não deve ser interpretada como um movimento subjetivamente desvinculado de interesses pragmáticos distanciados de suas concepções de carreira e "futuro".

Essa perspectiva é, de certa forma, oposta àquela adotada pelos trabalhadores vinculados ao "tramping-system" inglês estudado por Adler (1985). O sistema de "tramping", que atingiu seu apogeu no início do século XIX, baseava-se no deslocamento de artesãos e comerciantes de localidade para localidade em

busca de trabalho e atividades de subsistência. Segundo Adler, o sistema de "tramping" pode ser visto como um padrão de viagem e deslocamento muito bem institucionalizado que, apesar da função instrumental de fornecer mão-de-obra para atividades que dependiam desses trabalhadores, trazia consigo "elementos turísticos" e servia aos jovens participantes como uma espécie de "Grand Tour" da classe trabalhadora. Ou seja, ao passo que os trabalhadores vinculados ao sistema de "tramping" inglês formulavam um olhar turístico diante de seu deslocamento e, portanto, desvinculado de seu ofício, esse "trabalhador-viajante" recrutado na América do Sul parece querer vincular sua perspectiva de viagem à noção de carreira e futuro que leva consigo. Se, como diz Adler, os trabalhadores vinculados ao "tramping-system" eram motivados não somente pela procura de trabalho, mas também pelo desejo de aventura e visitação turística, esses jovens sul americanos parecem mais impulsionados a tais atividades quando as mesmas têm um valor de "investimento" a elas atreladas.

A difusão desse "novo" tipo de imaginário relacionado às viagens parece fruto de processos amplos e de dimensões abrangentes. De certo modo, o pragmatismo referente às experiências de viagem não se restringe somente à percepção desses jovens pertencentes a classes médias urbanas de países da América do Sul. A análise de Munt (1994), por exemplo, enfatiza a importância crescente dos processos de certificação auferidos pelas viagens internacionais para diferentes contextos e situações sociais. Tal como sustenta o autor, viajar tem surgido como uma importante experiência de qualificação para diferentes grupos e pessoas:

"Travelling has emerged as an important informal qualification with the passport acting, so to speak, as a Professional certification; a Record of achievement and experience. Not only is travel a professional prerequisite for employment in parts of a restructured postmodern tourism industry, but is an important attribute in many new professions, such as overseas development work" (MUNT, 1994: 112)

O que torna peculiar a percepção dos processos de significação simbólica do deslocamento e estada daqueles jovens latinos no Okemo, no entanto, é o fato dessa aproximação pragmática da viagem ser sustentada, no seu caso, através da utilização da idéia – nem sempre explícita – de "investimento pessoal", idéia essa que, como vimos, é a responsável por amalgamar suas projeções e percepções específicas de "futuro" e "juventude". Ao perceberem sua viagem enquanto um "investimento", esses jovens fazem convergir suas ações presentes e seus planos futuros, de maneira a dar sentidos bastante promissores para aquele tipo de atuação no mercado de trabalho norte-americano. Tais sentidos, por sua vez, não se mostram alheios às inúmeras instâncias que formulam e difundem um certo "imperativo" referente ao deslocamento internacional desses jovens e que encontram-se materializados, por exemplo, no marketing veiculado pelas inúmeras empresas intermediárias que atuam em seu recrutamento:

"TRABALHO E ESTÁGIO NO EXTERIOR: PORQUE AGORA O QUE IMPORTA É SEU CURRÍCULO - No competitivo cenário profissional atual, muitas empresas definem as suas contratações de acordo com experiências de carreira vividas fora do Brasil...".(StudentTravelBureau,Brasil)

Retirado de *http://www.stb.com.br/home/work_program_txt.asp, Acesso em 15/11/2006.*

"WORK AND TRAVEL - Quem participar destes programas irá aprender o modo de trabalho e vida americana, vivenciar a cultura, aprender a cuidar do seu próprio dinheiro e acomodação. Além de tudo isso, poderá adicionar no seu currículo uma experiência de trabalho internacional, o que nos dias de hoje faz toda diferença!"

(Central de Intercâmbios, Brasil)

Retirado de *http://www.ci.com.br/site/produtos/trabalhenoexterior_trabalhonoseua.php. Acesso em 15/11/2006.*

Neste caso, as empresas de recrutamento são explícitas em atrelar a importância da inserção de seus clientes nesse tipo de fluxo a seu melhor posicionamento no mercado de trabalho local ou internacional. O que o marketing das empresas intermediárias que atuam no setor tenta condensar é justamente a conjunção desse emaranhado de oportunidades derivadas de um certo tipo de "experiência internacional". O Okemo, por sua vez, utiliza essas redes de recrutamento já estruturadas através de contatos simples com agentes instalados nos Estados Unidos. Com a descentralização dos processos de contratação desses jovens e, como vimos, com as despesas de recrutamento totalmente custeadas pelos mesmos, o complexo angaria uma mão-de-obra barata e completamente desvinculada de qualquer relacionamento mais sólido com o Resort. A conveniência do deslocamento desses jovens para o Okemo parece, assim, caminhar ao lado da importância que esse tipo de viagem adquire para suas perspectivas de vida pessoal e profissional, não sendo o vínculo estabelecido com o complexo mais duradouro do que uma temporada.

. Fugas, Representações e Projeções de Vida Referenciados à Experiência de Trabalho Temporário no Okemo

O direcionamento de marketing outrora explicitado ganhava ressonância e sentido nas falas e atitudes dos participantes do programa "Work and Travel" no Okemo. Muitos dos colegas sul americanos acabavam por vincular a adesão àquela experiência de viagem e trabalho temporário justamente às motivações expostas anteriormente. Nesse sentido, Samira, colombiana de Bogotá, comentou que considerava esse tipo de deslocamento cada vez mais imprescindível para uma boa colocação profissional no mercado de trabalho no "mundo globalizado":

"Meu curso (línguas modernas) é um curso atrelado ao 'business'. A gente aprende as línguas mais importantes nos negócios e trabalha, geralmente, para empresas

transnacionais (...) o mais importante dessa viagem, no entanto, é a experiência. Porque, para mim, o mais importante é o contato com pessoas de outros lugares, esse contato multicultural... Isso é muito valorizado pelas empresas hoje em dia e é o que esse tipo de viagem proporciona...".

No caso da colombiana, a experiência do "contato multicultural" parece virar uma moeda de troca e sinal de investimento em um conjunto maior de requisitos "valorizados pelas empresas hoje em dia". O que, segundo ela, "esse tipo de viagem proporciona" é um acesso direto a melhores oportunidades de emprego na Colômbia ou em outros países, de modo que sua ida para os Estados Unidos passa longe de ser um contato desinteressado ou de convivência com o diferente, como faz crer a propaganda oficial do Estado norte-americano com relação a esse "intercambista". Apesar dos trabalhadores sul americanos aderirem, em seus discursos, a algumas das idéias e conceitos difundidos pelo Departamento de Estado, o sentido de sua inserção parecia muitas vezes tratar-se de uma valorização desse contato a partir dos "ganhos" que ele poderia auferir. Vez por outra essa interpretação misturava-se a outro enfoque recorrente para os participantes que estavam no Okemo – o do aprendizado e aprimoramento da língua inglesa – para sugerir que aquele tipo de viagem não se desprendia totalmente do interesse pragmático da estada. Carolina, colombiana que se inscreveu no programa de visto J-1 a partir da indicação de um amigo, fez o seguinte comentário quando contou como decidiu procurar pela empreitada:

"Pensei pela primeira vez em participar do programa quando Pablo, que é meu colega de classe, voltou e disse que era um ótimo programa. Mas até lá, eu não pensava em participar. Porque não queria trabalhar em uma posição abaixo dos meus estudos. Mas aí lembro dele ter me dito que vir dessa maneira era uma boa oportunidade para aprimorar a língua. Porque eu podia viver a rotina do americano, do jeito como ele vive (...) Então pensei que queria ir, mas que queria ir para o norte, <u>para ficar longe dos latinos</u> (...) E eu

sabia que no norte tinha menos latinos e poderia me forçar a falar mais em inglês. Então eu falei para a recrutadora que queria vir para o norte e acabei vindo parar aqui!".

Essa fala de Carolina mistura justamente a intenção pragmática vinculada à necessidade de aprimoramento da língua inglesa a um certo posicionamento bastante próprio de sua posição de classe, com acesso à universidade e a posições um pouco mais prestigiadas no mercado de trabalho de seu próprio país. "Trabalhar em uma posição abaixo de seus estudos" só parece válido se for para ficar "longe dos latinos" e aprender inglês. A equação 'língua' = 'status' = 'posicionamento social' parece fazer com que a aversão ao trabalho em uma posição desprestigiada (-) possa ser revista em prol do aprimoramento do inglês (+), já que este segundo pode ser responsável por um melhor posicionamento social posterior (+).

A seguinte fala de Paulo também conjuga esse posicionamento prévio de classe à mudança de significado e às "novas" características anteriormente sugeridas e relativas a sua experiência de deslocamento internacional:

"Quando falei pra minha mãe que eu ia para os Estados Unidos lavar prato ela quase teve um ataque! Mas aí eu expliquei pra ela que lá isso normal. Todo mundo já trabalhou nesse tipo de emprego algum dia e que é uma profissão como outra qualquer (...) Além do mais, eu sei que as coisas estão mudando e que esse tipo de iniciativa hoje mostra atitude e capacidade de adaptação...".

O interessante desta colocação de Paulo é que ela consegue expressar o contraste do sentido que tal experiência tem para sua mãe e para ele próprio. Ao notar que as coisas "estão mudando" e que esse tipo de iniciativa mostra, nos tempos atuais, "atitude e capacidade de adaptação", Paulo parece querer dizer que uma atividade que poderia, a princípio, ser interpretada apenas como um trabalho de "baixo prestígio" passa a significar "oportunidade de crescimento" pessoal e

profissional. Não se trata propriamente de exercer o ofício de "lavador de pratos". Trata-se de agregar em si elementos que denotem um efetivo valor na gestão de seu empreendimento pessoal. Essa representação diante de seu deslocamento para os Estados Unidos procura justificar a inserção em um tipo de trabalho que ele dificilmente faria se estivesse no Brasil, ao mesmo tempo que revela uma suposta "mudança" que sua mãe foi capaz de acompanhar.

Bianchi (2000) nota que algumas formas de deslocamento contemporâneas podem ser diretamente creditadas à reestruturação das relações de produção inerentes à virada do século XX. Os incentivos ao deslocamento de alguns grupos e indivíduos nesse novo milênio passariam, segundo ele, por novas formas de conceber e valorizar a circulação em diferentes contextos. Do mesmo modo, a conotação do deslocamento desses grupos e sujeitos ganha sentidos aparentemente novos, de maneira que um tipo de tarefa que poderia ser tida como rebaixada ou desvalorizada para certos grupos em seus contextos locais passam a ter um outro sentido quando realizadas nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Mais do que isso, tais tarefas não só são (re)significadas para outros contextos, como se transformam em experiências suscetíveis de valorização pessoal, o que fica aparente na reação de Paulo diante dos comentários da mãe.

Essa ótica nos ajuda a entender o fato de algumas representações dos jovens sul americanos do Okemo diante de sua experiência de deslocamento e trabalho nos EUA aparecerem, na maioria das vezes, em termos bastante positivos, o que se revelava na incorporação de um certo tipo de linguagem que concilia a percepção de suas vivências a características supostamente benéficas e necessárias. Era bastante comum em suas falas, por exemplo, a utilização de alguns conceitos – "globalização", "experiência multicultural", "aprendizado", "desafio", "dinamismo", "flexibilidade", "intercâmbio", "maturidade", "iniciativa", "entusiasmo", "atitude" – e a vinculação direta dos mesmos a uma experiência positiva e desejada frente àquele tipo de inserção no país do norte. A oportunidade de geração de um conjunto de qualidades pessoais, referentes ao caráter e à

sensibilidade, parecia emergir diretamente daquela "oportunidade" nos EUA e várias dessas qualidades positivas estavam, de acordo com eles, supostamente atreladas a esse tipo de experiência em um exigente tempo de "globalização".

O sentido dado a sua inserção no mercado de trabalho dos Estados Unidos parecia ainda estar em consonância com um conjunto de mudanças de significado mais abrangentes perceptíveis tanto em sua fala quanto em outros discursos associados à globalização contemporânea. Assim, por exemplo, da mesma forma que a precarização das relações de trabalho a que se submetiam nos EUA era tratada como "flexibilidade" (característica positiva) pelos próprios trabalhadores, a "migração sazonal" transformava-se em "viagem" e os jovens inseridos nestes fluxos tendiam a se enxergar em um processo de acumulação de experiências e vivências que, antes de serem interpretadas como exploração de seu trabalho, eram vistas como de extrema relevância para seu "futuro".

Nesse sentido, um conjunto de outras representações também era acionado para justificar sua ida para o Okemo. Ao candidatarem-se àquele tipo de recrutamento e viagem, eles estavam simultaneamente lidando com aspirações, projetos, fugas e valores relacionados a posicionamentos sociais prévios e/ou futuros. Um dos significados constantemente acionados, nesse sentido, era o de "conhecer novos lugares e pessoas". Neste caso, sua noção de viagem acabava agregando elementos caros ao turismo de massa, sendo uma certa aura relacionada às viagens internacionais e aos pontos turísticos mais famosos dos Estados Unidos comum em suas conversas. O nome do programa "Work and Travel" aparece como um indicativo nesse sentido. Além do significado da inserção desses jovens se dar através do vínculo da viagem a seus projetos profissionais nos países de origem ou a um primeiro passo para uma inserção internacional mais prolongada no mundo do trabalho, a recorrência à idéia da viagem enquanto objeto de "conhecimento" e "aprendizado" era constante. A fala de Cassiel, que estudava arquitetura no Chile, articula alguns desses elementos:

"É importante ter esse tipo de experiência hoje em dia. Além de ser um desafio (...) Vir aqui, trabalhar, melhorar o inglês, ganhar meu dinheiro, comprar as coisas que eu quero e visitar Nova York. Porque para quem estuda arquitetura, acho que é um dos lugares do mundo que se precisa conhecer...".

Aqui, subjacente à idéia de desafio está a conjunção de experiências de trabalho, aperfeiçoamento da língua, consumo de mercadorias diversas e visitas a lugares referenciados. Todos esses elementos ajudavam a compor os sentidos que sustentavam a inserção desses jovens no mercado de trabalho norte-americano, bem como os significados mais abrangentes de sua estada no país. Para alguns, a inserção nos EUA era uma oportunidade de "ver como é morar fora", "aproveitar cada momento da juventude" ou mesmo começar a se inserir em um nicho de trabalho próprio que supostamente não seria de grande valia nos locais de onde vieram. Um desabafo de Júlia, nesse sentido, dá algumas pistas sobre a abrangência de tais significados:

"Bem, eu estudei hotelaria pensando que fosse ser uma coisa. Na época, diziam que era a profissão do futuro, que não ia faltar emprego, essas coisas. Mas agora que me formei sinto que não tem boas opções no Brasil. A gente trabalha muito para não ganhar nada! Então, acho que esse tipo de vivência é importante pra quem quer trabalhar fora do país. Hoje, se tiver uma oportunidade de permanecer trabalhando para grandes hotéis ou redes no exterior, não penso duas vezes...".

Para alguns, portanto, o programa "Work and Travel" era visto como o primeiro passo para uma inserção internacional mais prolongada. Não era incomum que participantes do programa tentassem ou desejassem inserir-se novamente em empregos ou oportunidades internacionais após realizarem o mesmo. Muitos tentavam encontrar outras oportunidades de estágio e vivência internacional após terem participado do "Work Experience". Utilizando a

participação no programa como uma fonte de certificação, alguns pleiteiavam melhores oportunidades profissionais inclusive em outros países. A colombiana Samira é um bom referencial nesse sentido. Também interessada em uma possível inserção internacional mais prolongada, ela não voltou para a Colômbia após o término do programa. Com uma irmã morando legalmente no Texas, a colombiana se inscreveu em um curso em uma universidade do estado, dizendo que pretendia aprofundar-se no aprendizado da língua inglesa, antes de voltar à Colômbia. Além disso, comentou estar também aberta a oportunidades que viessem a surgir nos Estados Unidos quando da extensão de sua permanência.

A articulação de projeções, desejos e projetos de vida parecia, pois, intrinsecamente ligada à interpretação que esses jovens davam a sua viagem para os EUA. Apesar de submetidos a um rígido sistema trabalhista, muitos preferiam ver aquela atuação como um "desafio" a se superar ou como uma oportunidade única de "aproveitar a vida" e, ainda, conciliar seus planos profissionais. Alguns chegaram a situar aquele tipo de "experiência" como um momento de vivências intensas, peculiares e, por isso mesmo, irrecuperáveis. Poder viajar para um outro país com o intuito de conhecer outras pessoas e aprimorar um conjunto de habilidades, aproveitando "aquela fase da vida", eram justificativas comumente usadas. Em uma conversa com Cassiel, o chileno projetou, ao interpretar como estava sendo a experiência no país, alguns desses sentidos:

"Quando decidi vir para cá, a idéia era viver tudo intensamente! Curtir muito, aproveitar essa fase da vida que a gente pode fazer isso sem ser cobrado (...) O bom daqui é que dá para ir a festas, conhecer pessoas, beber e curtir sem se culpar, sem achar que está perdendo tempo. Pelo contrário. Você está aqui justamente para ter esse tipo de vivência e é isso que vai ser importante na sua vida!".

Implícita nesta reflexão está uma idéia que vincula a viagem a hedonismo, amadurecimento e qualificação profissional/pessoal. "Poder fazer isso sem ser

cobrado" significa, no limite, deslocar um conjunto de experiências aparentemente desinteressadas, vinculando-as a certas possibilidades de "investimento". "Ir a festas, conhecer pessoas, beber e curtir sem se culpar" só é possível porque "você está aqui justamente para ter esse tipo de vivência", ou seja, é justamente esse tipo de vivência que "vai ser importante na sua vida" no futuro. Por trás dessa percepção, subsiste uma ética existencial um pouco sufocante. Depura-se da fala do chileno que caso ele vá a festas, beba e conheça pessoas sem atrelar essas vivências à importância que aquilo terá na sua vida futura, estará fatalmente "perdendo tempo". A noção de juventude aqui articulada, como vemos, encontra-se novamente em sintonia com determinadas concepções de vida e futuro. É somente durante a juventude, esse momento liminar que conjuga vivências relacionadas à vida adulta e à adolescência, que é possível esse tipo de "experiência". As vivências e interpretações descritas são, assim, articuladas a uma noção de juventude como momento da vida passível de experimentos, vivências e definições e como objeto de agregação intensa de valores para o "futuro".

As noções de viagem, vida e geração combinam-se, neste caso, revelando um sentido pragmático profundo diante da perspectiva existencial desses sujeitos. Ao imaginarem-se em um processo de obtenção de "experiências" de fundamental valor para o "futuro", essas pessoas estão simultaneamente afirmando que englobam aquele vínculo de trabalho nos Estados Unidos dentro de um conjunto maior de reflexões acerca da vida e de si mesmos. É como se estivessem traçando ou tentando traçar uma narrativa temporal unilinear que fizesse sentido e que justificasse sua empreitada nos EUA a partir de uma coexistência entre presente e futuro. Giddens (1992), ao tratar das transformações subjetivas operadas pela "modernidade", cunha um conceito - "reflexividade" - que pode ser útil para dar sentido à interpretação da experiência desses jovens latinos no Okemo. Em seu entendimento, a "reflexividade" da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas pelos sujeitos à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim

constitutivamente seu caráter (GIDDENS, 1991). Em seu livro sobre *A Transformação da Intimidade (1992),* Giddens situa o "eu" como um projeto reflexivo, que busca se afirmar em meio a um conjunto enorme do que chama de "recursos reflexivos":

As características fundamentais de uma sociedade de alta reflexividade são o caráter "aberto" da auto-identidade e a natureza reflexiva do corpo (...) Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de auto-ajuda de todos os tipos, programas de televisão e artigos de revistas" (GIDDENS, 1992: 41).

É importante tomar cuidado para não tomar esse tipo de conceitualização como homogênea ou determinante. A tentativa de Giddens é a de teorizar sobre a transformação da intimidade e traçar parâmetros generalizantes para alguns processos sociais abrangentes que descreve. Sem o intuito de fazer aqui aproximações de cunho global, o que nos interessa, ao contrário, é uma leitura das reflexões do sociólogo que ajude a compreender a perspectiva de deslocamento do grupo de jovens pesquisado. Nesse sentido, pode-se dizer que as biografias desses sujeitos parecem estar o tempo todo sendo acionadas para justificar sua adesão a certos tipos de prática, sendo as interrogações e afirmações sobre passado, presente e futuro contínuas.

O que torna peculiar sua experiência de deslocamento e trabalho no Okemo, todavia, é o posicionamento desse "eu" reflexivo diante da incorporação de alguns tipos de atividade ou "vivência" como objetos de capitalização pessoal e de acúmulo de habilidades, destrezas e requisitos pessoais/profissionais específicos. Ao posicionarem sua "experiência" de trabalho no Resort como de fundamental valor para o "futuro", esses sujeitos estavam se posicionando diante de uma certa perspectiva de vida, em que a vivência dessa experiência de viagem "presente" só

parecia confortável quando simultaneamente associada a uma projeção profissional "futura". Quando Cassiel enfatiza que esse tipo de experiência não é "perda de tempo", por exemplo, o chileno parece querer dizer que a experiência é positiva quando a imagem que formula acerca da mesma articula-se às projeções de futuro que tem para si.

É um pouco dessa forma que compreendi algumas das representações relativas à inserção desses jovens no mercado de trabalho temporário norte-americano e a articulação dessas necessidades de aprendizado da língua inglesa e de obtenção desse tipo de "experiência de vida".

A rotina desses sujeitos no Resort remetia, muitas vezes, a tais projeções e sentimentos, de modo que ela era muitas vezes marcada pelas necessidades de aprimoramento da língua e relacionada aos ganhos que aquele "contato multicultural" poderia proporcionar. No trabalho, muitos deles interagiam bastante com o público norte-americano e com os próprios chefes e supervisores imediatos – que também eram dos Estados Unidos. Ao trabalharem como garçons, caixas, balconistas ou em outras profissões relacionadas aos restaurantes e bares, aqueles jovens travavam contato constante com o público norte-americano e com eles próprios. A ênfase no aprendizado/aperfeiçoamento da língua fazia com que alguns posicionassem as profissões delegadas pelo hotel como mais favoráveis quanto mais "puro" o contato com os norte-americanos. Em uma conversa, Cassiel comentou que estava gostando do ambiente de trabalho justamente pelo fato de poder praticar o inglês e melhorar suas habilidades com o idioma:

"Eu tive sorte aqui. Como você vê, fico direto com supervisores e colegas daqui dos Estados Unidos. Então, tento conversar tanto quanto posso com eles (...) Teve gente que ficou só com chilenos e aí alguns reclamam que não é bom para aprimorar o inglês".

Assim como Cassiel, muitos tentavam, em sua rotina no Resort, estreitar contatos com norte-americanos locais ou com falantes da língua inglesa que

estavam no hotel. Nesse sentido, esse "contato multicultural" previsto e desejado era buscado, além da rotina de trabalho propriamente dita, em festas e confraternizações organizadas em suas moradias.

No que se refere propriamente ao desempenho das atividades laborais, havia aqueles que reclamavam das condições de trabalho e do tipo de emprego exercido e a ocorrência de algumas contradições entre representações relativas a seu deslocamento para o exterior e a rotina de "trabalhador sazonal" a que se submetiam. O caso do chileno João é exemplar nesse sentido. João teve seu visto J-1 cancelado pela empresa intermediária que o havia contratado e teve que sair imediatamente dos Estados Unidos por conta de um problema aparentemente sério com sua supervisora direta. Segundo os comentários de algumas colombianas com quem conversava constantemente, o rapaz havia sido acusado pela chefe de tê-la tentado abusar sexualmente no local de trabalho. Ainda segundo essas colegas, essa "versão oficial" não seria verdadeira. Ao contrário, o acontecido teria sido um envolvimento amoroso desse jovem com a superior imediata. Pelo fato do rapaz ter arranjado uma namorada chilena e abandonado a chefe, a superior teria, segundo as colombianas, criado essa versão de abuso para ver-se livre de seu ex-pretendente.

As versões mais ou menos verossímeis não puderam, de fato, ser compiladas ou interpretadas por mim. Quando tive acesso a essa estória, João já estava a caminho do aeroporto mais próximo e, segundo as colegas, tudo teria se dado em sigilo por parte do setor de Recursos Humanos do hotel. Realmente, quando perguntei à gerente de RH sobre este evento, ela me disse que não poderia comentar nada a respeito do caso. O interesse em expô-lo aqui, no entanto, justifica-se pelo fato do mesmo sugerir algumas dessas contradições existentes entre a imagem "positiva" que os jovens nutriam acerca de sua atuação no mercado de trabalho norte-americano e o sistema laboral a que encontravam-se submetidos. Mesmo denotando um conjunto de valores positivos àquele tipo de experiência, um acontecimento como este demonstra alguns limites interpretativos

ao vínculo mais vulnerável de "trabalhador sazonal" a que eram classificados e submetidos pelo empregador e pelo Estado norte-americano.

Assim como a percepção das "vulnerabilidades" a que esses sujeitos estavam expostos nos Estados Unidos não eram unânimes, também não o eram as reclamações relativas à rotina de trabalho no Resort. Havia aqueles, por exemplo, que exerciam suas tarefas através do espectro "diferenciado" de sua experiência e algumas dificuldades e opressões eram relacionadas, neste caso, a "desafios" e "obstáculos" a serem superados. É assim que se pode compreender a seguinte colocação do argentino Emiliano. Instrutor de esqui em um Resort vizinho ao Okemo, ele contou como encarava alguns problemas que tinha no ambiente de trabalho:

"Eu já tive problemas com as crianças lá no trabalho. Às vezes elas não te respeitam e você tem que ter muita paciência (...) E tem vezes em que os pais são grosseiros porque acham que você é menor (...) Mas eu acho que tudo isso faz parte da experiência. Faz você aprender, crescer!".

Essa leitura "panglossiana" da rotina de trabalho e da discriminação a partir de uma perspectiva desafiadora, como algo que "faz parte da experiência" e que o faz "aprender" e "crescer", era uma atitude "pró-ativa" em consonância com aquele tipo de imaginário anteriormente descrito e relativo à idéia desse deslocamento como uma forma de "investimento pessoal" e agregação de valores pessoais. Embutida nesta fala, está a percepção do rebaixamento de status de Emiliano no mercado de trabalho norte-americano e a simultânea releitura disso através dos significados mais abrangentes de sua estada no exterior.

De certo modo, a distribuição das posições de trabalho pelo Okemo acabava incorporando algumas dessas interpretações dos jovens sul americanos, ao mesmo tempo que permitia dar vazão às mesmas. Apesar de também sofrerem discriminações e restrições em decorrência de sua "latinidade", esses universitários

tinham acesso às melhores posições temporárias oferecidas pelo Resort e não pareciam dependentes desse tipo de emprego ou programa para o sustento próprio ou de seus familiares além-mar. A distribuição dos estrangeiros nas posições internas do Okemo levava em conta as qualidades inerentes à formação e origem de classe desses estudantes e as demandas dos mesmos de interação direta com o público norte-americano. Com uma bagagem universitária e uma possibilidade maior de interagir positivamente com os turistas, pelo fato de sua viagem ter por incentivo exatamente esse tipo de relacionamento, os intercambistas ocupavam, no Okemo, posições mais prestigiadas que os jamaicanos e, apesar do não completo domínio do idioma, trabalhavam no atendimento direto ao público, como garçons e caixas, ou cuidando dos filhos dos esquiadores na creche do complexo[52].

Assim, podemos dizer que os significados dados a seu deslocamento para o exterior eram múltiplos e correspondiam a uma conjunção de fatores que associam representações, fugas e projeções de vida àquele tipo de viagem e empreendimento. Muitos desses significados eram referenciados a noções de "flexibilidade", "dinamismo", "turismo", "aprendizado multicultural" e outras que sintonizam-se com ideários e representações relacionados à "globalização contemporânea". Figurando como a primeira "inserção internacional" para alguns, como uma oportunidade de "visitar Nova York" para outros ou, ainda, como uma maneira de "viver a vida intensamente" participando de jogos amorosos perigosos, a experiência galgada nos Estados Unidos não era completamente pragmática ou

---

[52] A segmentação interna das posições de trabalho no Okemo fica evidente através do contraste das experiências deste grupo e dos jamaicanos – empregados contratados pelo Resort por meio do visto H-2B e cuja experiência é melhor explorada no capítulo quatro desta dissertação. Apesar de terem uma familiaridade muito maior com a língua inglesa do que os sul americanos, os jamaicanos ocupavam, no Resort, as posições de menor "visibilidade" e contato com o público, sendo responsáveis pela limpeza dos sanitários e pelos serviços de cozinha e arrumação de quartos. Devido ao contato do empregador com as empresas intermediárias e a outras diretrizes adotadas na alocação de seus recursos humanos, suponho haver um certo constrangimento em deixar esses trabalhos mais "sujos" e "indesejáveis" a cargo dos universitários sul americanos. Dessa forma, a distribuição dos jamaicanos nesse tipo de emprego parece uma solução satisfatória para a conciliação das demandas de "experiência" de jovens desejosos em aperfeiçoar suas habilidades "linguísticas" e "culturais" e de um empregador que pretende preencher apropriadamente um conjunto de posições de trabalho mais ou menos desprestigiadas.

afeita a interesses de agregação de valores e "investimento pessoal". Ainda que não restrita somente a isso, todavia, há que se salientar a peculiaridade do deslocamento desses jovens sul americanos para os Estados Unidos, que relacionava, sobretudo, a importância e vinculação daquele tipo de experiência a suas perspectivas de "futuro" e "investimento pessoal".

. Do Ponto de Vista do Empregador

Do ponto de vista do empregador, a "volatilidade" desse tipo de mão-de-obra parece um item bastante atraente. O crescimento da procura de jovens de diferentes países por esse tipo de programa e experiência está de acordo com o aumento de demanda de mão-de-obra barata por parte desses empreendedores do setor de serviços norte-americano. Neste caso, além da estruturação de toda essa rede de agências intermediárias não acarretar custo adicional algum para esses empresários, a contratação de trabalhadores temporários através do programa de visto J-1 tem a vantagem de não requerer certificação do Departamento de Trabalho do Estado norte-americano (*U.S. Department of Labor*). Como a idéia legislativa desse tipo de visto não é a de prover mão-de-obra para atividades e períodos de pouca oferta de pessoal – como é o caso para os demais vistos para trabalhadores temporários nos EUA –, o empregador fica livre para recrutar esse tipo de recurso humano sem precisar comprovar junto ao Estado a real necessidade de trazer pessoal estrangeiro para preencher as posições sazonais que oferece. A gerente de Recursos Humanos do Okemo deu a entender, em entrevista, que as estratégias de contratação de trabalhadores estrangeiros pelo complexo também levam em conta esse tipo de tática:

"Nós vamos contratar estrangeiros para o verão pela primeira vez neste ano. Mas não vamos recorrer ao visto H-2B porque não vale a pena. Para isso, o processo no U.S. D.O.L. (U.S. Department of Labor) é muito longo e, para valer a pena, a gente precisa ter

um grande número de trabalhadores recrutados. Como vamos precisar de poucos estrangeiros, será melhor recorrer ao J-1 mesmo...".

O programa de visto J-1 parece, portanto, proporcionar ao empregador uma certa maleabilidade quanto às contratações temporárias. Tudo indica que essa mão-de-obra universitária não tenha o intuito de retornar todos os anos para trabalhar nesse mesmo tipo de posição desprestigiada nos Estados Unidos[53]. Mesmo que quisessem, esse tipo de vínculo (com visto J-1) só poderia existir enquanto estivessem cursando a universidade em seus países latinos – prerrogativa do programa "Work and Travel". Pelos dados de pesquisa, entretanto, esse não parece ser o caso para os integrantes do contingente de trabalhadores sul americanos. Durante a temporada 2005/2006 no Okemo, por exemplo, não tive conhecimento de ninguém, além de mim, que portasse o visto J-1 e que já tivesse conhecido ou trabalhado no Resort, o que mostra essa pequena dependência dos jovens diante daquele "Guestworker Program".

Ainda que volátil, no entanto, a participação dos sul americanos no "Work and Travel" articula-se à popularização desse tipo de programa na América do Sul a partir do final da década de 1980 e às demandas de empregadores ávidos por uma mão-de-obra conveniente para o preenchimento de suas funções sazonais. Sendo assim, um conjunto de instituições intermediárias – que vão das agências de recrutamento sul americanas àquelas escolhidas pelo Departamento de Estado norte-americano para representá-lo no processo de concessão do visto J-1 – acaba sendo responsável por ligar os desejos do Resort em expansão localizado em um estado isolado dos Estados Unidos ao daqueles fluxos de jovens oriundos de centros urbanos de países sul americanos distintos.

---

53 A inserção pouco prolongada desses jovens nas posições sazonais em que atuam indica, por sua vez, não haver uma determinação direta entre a existência desse tipo de programa e a perpetuação de seus participantes no mercado de trabalho dos países que os promovem, como fazem crer as análises de Phillip Martin (1998, 2001). Dependendo do tipo de visto e do tipo de Programa de Trabalho Temporário autorizado pelo Estado, não se pode afirmar que os mesmos conformem automaticamente uma dependência direta entre seus participantes e os empregos e nichos de profissões gerados.

Frutos do mesmo processo de reestruturação produtiva, o aumento das demandas de empregados por muitas empresas que atuam no setor de serviços dos Estados Unidos acaba casando-se perfeitamente com as "necessidades" de uma juventude de países periféricos e semi-periféricos de viagem e acúmulo de um certo tipo de "experiência" e "capital" gerados através desse tipo de deslocamento internacional. Essa mão-de-obra, gratuita na contratação, barata na remuneração, e bastante qualificada para as posições que ocupa no Okemo, parece, além disso, extremamente motivada a esse tipo de experiência, dada a característica de "investimento" que ela tem para suas perspectivas de vida pessoal e profissional.

Por outro lado, a "substituição" da mão-de-obra de "baixa qualificação" local por esse tipo de "trabalhador-intercambista" por parte do Resort consegue, em certo sentido, satisfazer melhor suas próprias demandas, conciliando-as aos discursos mais abrangentes que movem esses sujeitos para o mercado de trabalho do norte. Além do fato de não demandarem encargos trabalhistas adicionais, eles têm pouco vínculo com as instituições locais e parcas chances de organizarem-se para a reivindicação de melhores condições salariais e/ou trabalhistas. Do ponto de vista dos jovens, por sua vez, esse tipo de emprego é sazonal também em sua perspectiva de vida e não parece importante a luta e o desejo de reivindicações nesse sentido.

Certamente que a idéia do Departamento de Estado com a institucionalização de um visto (J-1), que tem a intenção de "promover (para alguns) uma oportunidade 'valiosa' de experimentar o modo de vida americano"[54], era mais consistente com a interpretação da experiência de deslocamento desses jovens do que a simples apreensão de uma rotina de trabalho desprovida de interesses adicionais. Neste caso, as diretrizes estatais acabam também sendo responsáveis por sugerir significados direcionados a seu deslocamento para os Estados Unidos. Apesar de expostos ao mesmo regime de trabalho dos demais

[54] Conforme definição do Programa de Vistos J-1 pelo Depto. de Estado norte-americano exibida na primeira nota deste capítulo.

trabalhadores estrangeiros, embora em posições diferentes, como foi mostrado, os interesses desses jovens, quando relacionados propriamente à rotina de trabalho no Resort, pareciam também ser lidos através dessa chave da "oportunidade" de experienciar o "modo de vida americano", o que quer dizer que havia também uma certa correspondência entre as expectativas do Estado e dos sujeitos contratados através desse tipo de vínculo.

A experiência desses jovens sul americanos que vão trabalhar no Okemo articula, dessa forma, representações relativas ao Estado, às empresas intermediárias que alocam-nos no mercado de trabalho norte-americano e, é claro, às suas próprias expectativas, projeções e vivências. Neste último caso, suas concepções de "juventude", "investimento" e "futuro" encontram-se, como vimos, diretamente associadas às expectativas e significados que mantêm diante da viagem a trabalho aos EUA. A inscrição dos jovens no programa "Work Experience" significa, portanto, uma preocupação bastante acentuada com o "futuro" e com a gestão de um empreendimento pessoal com oportunidades potenciais durante aquela fase da vida.

O irônico neste caso é que, ao mesmo tempo que os significados que essas pessoas dão a seu deslocamento internacional fogem de qualquer determinação econômica, eles parecem apontar para a intrusão de uma certa lógica "economicista" em outros campos de sua existência. Assim, se é um dado que a ida dessas pessoas para os Estados Unidos não se vincula a uma possibilidade de ganhos financeiros diretos – eles não estão nos EUA para mandarem remessas para parentes ou para constituírem uma experiência migratória atrelada à idéia de acumulação financeira –, sua viagem contempla a possibilidade de fornecer outros itens que são vistos como bastante "rentáveis" dentro da cartela de investimentos de seu "futuro" e que relacionam-se diretamente a esse tipo de vivência e escolha.

Ao mesmo tempo, ao se constituir tal empreitada em terra estrangeira enquanto um "investimento pessoal", essas pessoas incorporam as profissões de "baixa qualificação" do Resort de forma bastante satisfatória para o mesmo, já que

trata-se de uma mão-de-obra barata, independente desse tipo de trabalho para seu próprio sustento e atraída para esses empregos em função dos ganhos gerados por esse tipo de "experiência". Assim, do mesmo modo que a lógica de deslocamento desses sujeitos e as demandas do Okemo por esse tipo de trabalhador parecem conciliar-se de maneira surpreendente, podemos captar algumas concepções mais abrangentes relacionadas à sua existência, derivando-as de uma ansiosa intenção ou mesmo necessidade de viajar e trabalhar nos Estados Unidos.

No próximo capítulo, serão apresentadas algumas representações relativas ao deslocamento dos australianos e neozelandeses para o Okemo. Além de apresentar os motivos pelos quais essas pessoas se interessam em participar do Programa de Trabalho Temporário com visto H-2B, pretendo mostrar como tais representações articulam-se a determinadas concepções de juventude e vida que sustentam e que informam perspectivas particulares diante de sua viagem e atuação no mercado de trabalho norte-americano. Deste modo, deixarei claro o contraste com a experiência dos sul americanos aqui apresentada e as estratégias conjuntas do Resort para adequação e captação de seus trabalhadores estrangeiros.

Capítulo 3:

Estilo de Vida como Representação do Trabalho: a Experiência dos Australianos e Neozelandeses no Resort

---

"Despite a lack of comparative data to this effect, and/or detailed ethnographic research into the social composition of resort workforces, there is some evidence to suggest that there may be patterns of mobility emerging which correspond to neither the conventional categories of labour migration, nor for that matter 'tourist', which are symptomatic of the blurred distinctions between tourism, work and labour migration…".

Raoul V. Bianchi (2000)

. O Trabalho nos Resorts enquanto um Projeto de Juventude

Os trabalhadores australianos e neozelandeses foram os primeiros estrangeiros com quem tive contato no Okemo. Quando cheguei de Michigan, ainda em 2004, morei com alguns "snowmakers" em uma casa alugada na cidade de Ludlow. Apesar de nossos horários de trabalho serem bastante incompatíveis, compartilhei alguns momentos com eles e fiquei bastante intrigado, na época, com as apreensões que tinham da experiência de trabalho no Resort. Já durante a pesquisa de campo na temporada 2005/2006, além de ter dividido um quarto com um colega australiano na "Harison House" – moradia de boa parte dos empregados australianos e neozelandeses que trabalhavam nas posições externas do Resort –, trabalhei como operador de teleférico durante a primeira etapa da pesquisa, o que garantiu uma interação bastante grande com esse grupo de "guestworkers".

No seu caso, o interesse em vir para os Estados Unidos relacionava-se, em parte, a uma atitude e "estilo de vida"[55] vinculados às suas vivências na Austrália e Nova Zelândia e a certas concepções que puderam ser apreendidas durante sua estada no complexo. Trata-se de jovens da classe trabalhadora desses países que vêm para o complexo a partir de experiências prévias de trabalho em Resorts de esqui localizados nas montanhas australianas e neo-zelandesas. Em sua grande maioria, eles não tinham formação universitária e pareciam se empregar, previamente, em serviços de "baixa qualificação" em seus países de origem, antes de começarem a trabalhar para esses Resorts na Oceania[56]. A entrada desses jovens nesses empregos sazonais relacionados aos esportes de inverno, por sua vez, teria se dado, segundo seus relatos, como uma alternativa à vida que levavam anteriormente ou com intenções relativas à articulação de um conjunto de experiências e vivências específicas obtidas a partir do trabalho em Ski Resorts e da prática de tais esportes.

Melanie, por exemplo, filha de um empregado de uma fábrica de madeira nas "Blue Mountains" [57], na Austrália, contou que se mudou para Sidney quando tinha vinte anos de idade, justamente pela falta de emprego e opções na região em que residia. Em Sidney, trabalhou em hotéis, bares e restaurantes durante um bom tempo e acabou por se aproximar desse tipo de serviço relacionado à hotelaria e "hospitality". Seu relato de como começou a trabalhar em Ski Resorts na Austrália

---

[55] O termo "lifestyle" foi bastante utilizado pelos autralianos e neozelandeses durante minha estada no Okemo. Sua conotação, neste caso, remete à opção desses jovens de se vincularem aos empregos de inverno durante um período de sua juventude para terem acesso a outros itens que esse tipo de vínculo possibilita, tais como a prática de esqui e "snowboarding", a convivência com outros jovens de diferentes países e regiões e as viagens internacionais. Resolvi traduzi-lo ao longo do texto como "estilo de vida".

[56] Segundo conversas e entrevistas, várias foram as atividades que esses jovens disseram ter realizado nos países de origem antes de se inserirem nesse tipo de "profissão" relacionada aos esportes de inverno. As pessoas haviam trabalhado em escritórios de arquitetura, navios de pesca, vinícolas, empresas de ferragens e material de construção e atividades do setor de serviços relacionadas à hotelaria, como restaurantes, bares e cafés.

[57] As "Blue Mountains" localizam-se em *New South Wales*, o estado mais populoso da Austrália e que tem Sidney como sua capital. Elas cobrem uma área de aproximadamente 1.436 quilômetros quadrados e contam com uma população de aproximadamente 75.000 habitantes.

Dados retirados de *http://www.bluemts.com.au/tourist/about/maps.asp*. Acesso em 07/07/2003.

demonstra uma certa casualidade de tal empreitada conectada com a busca por um "estilo de vida" alternativo:

"Eu estava vivendo um momento difícil. Tinha acabado de terminar com um namorado e nada estava dando certo. Então, eu disse, isso precisa mudar, eu preciso mudar! Eu estava olhando no jornal um dia. E nunca tinha realmente pensado. Porque fui criada na neve. Onde eu cresci sempre tinha neve, mas nunca pensei que meu trabalho de 'hospitality' poderia ser feito na neve. Realmente nunca tinha pensado sobre isso. E eu estava lendo esse jornal no apartamento e vi um anúncio. Olha só, pensei. E naquela parte do ano, estava procurando por pessoas. E simplesmente fui até lá me candidatar para uma entrevista e tive a entrevista e deu certo. Eles disseram que me veriam em alguns dias e que me contratariam para um dos restaurantes na vila".

A inserção desses jovens nessas atividades parece sugerir uma "fuga" de uma realidade prévia e dos vínculos sociais e de trabalho existentes nos contextos urbanos australiano e neozelandês de onde provém, o que ocorre a partir de interpretações que vinculam tal "mudança" a projeções e concepções de vida e juventude determinadas. Neste caso, a primeira vinculação de alguns desses jovens a esse tipo de trabalho significa uma procura por "algo novo" ou por uma "vida diferente", oposta àquela que partilhavam antes de inserirem-se nesse tipo de emprego.

Parte dessas insatisfações com relação à vida anteriormente relatada parece derivar de um certo descompasso entre as expectativas que essas pessoas nutriam acerca de concepções de juventude e vida e as vivências rotineiras a que encontravam-se submetidas no mercado de trabalho de seus países. A necessidade de "mudança" apontada representava, neste caso, uma clara insatisfação com relação à vida imposta pela rotina e pelas condições de trabalho na Austrália e na Nova Zelândia, insatisfação canalizada para um tipo de ação "transformadora" propositiva e individualizada.

A procura "pessoal"[58] por um outro "estilo de vida" deveria, segundo a interpretação desses sujeitos, se dar durante certo período de sua juventude. Harry, australiano nascido em uma pequena cidade de pescadores da costa oeste da Austrália, contou que começou a trabalhar em Ski Resorts no país influenciado por Bruno, um amigo que já havia tido a experiência anteriormente e que o havia convidado para uma temporada de trabalho na montanha. Da mesma forma que Melanie, sua justificativa com relação à inserção nesse tipo de trabalho ancorava-se na procura por um novo "estilo de vida" e por expectativas de renovação e mudança:

"Meu primeiro contato com a neve foi em Hopham[59]. Decidi ir para lá porque naquele momento da minha vida eu não estava feliz com o que estava fazendo. Tinha alguns conflitos pessoais e meu trabalho estava se tornando meio chato e competitivo e Bruno me falava a todo tempo quão legal era trabalhar lá em Hopham e eu queria tentar alguma coisa diferente e neve era uma coisa que nunca tinha visto... E pensava, se Bruno pode, eu também posso...".

Pelo que pude apreender das falas e justificativas desses sujeitos, a procura por "mudança" em suas vidas dava-se justamente em contraponto a sentimentos de tédio e imobilidade associados aos empregos a que encontravam-se previamente vinculados em seus países de origem e em função do descompasso daquele tipo de vida com o que desejavam para sua "juventude". No caso de Harry, por exemplo, a insatisfação frente a um trabalho que estava se tornando "chato" e "competitivo" transforma-se em projeções de novos ambientes e pessoas, onde o "novo" significa, neste caso, a busca pelo rompimento com um tipo de vida monótona e com uma rotina não adaptada a suas projeções e desejos. Deste modo,

---

[58] Apesar dessas inquietações e procuras por "mudança" expressarem-se no nível do "eu", ou seja, a partir de relatos "psicologizados" e referenciados a suas experiências pessoais, trata-se claramente de motivações que transcendem a dimensão do indivíduo e que permitem fazer esta descrição antropológica.

[59] *Mountain Hopham* é um grande Resort de esqui localizado ao sul do estado de Victoria, na Austrália.

tal inserção almejada durante um período intermediário da juventude dos participantes procurava agregar uma vontade de desprendimento de um prévio contexto social e, diferente do posicionamento dos sul americanos descrito anteriormente, não preocupava-se necessariamente com planos de "carreira" e/ou "futuro" específicos.

Para alguns, o vínculo de trabalho inicial com Resorts de esqui australianos e neozelandeses tinha se dado através do conhecimento prévio dos esportes de neve e de intenções propriamente vinculadas à prática e aprimoramento dos mesmos. Andrew, por exemplo, havia terminado o "High School" em 2004 e vivia com a mãe em Melbourne. Ele começou a praticar esqui há mais ou menos oito anos, quando a família adquiriu uma pequena casa ao pé de uma montanha em Victoria. O jovem australiano lembrou diversas vezes que a opção por interromper os estudos e começar a trabalhar em um Resort de esqui era dada em função da paixão pelo esporte e ao fato de não estar certo sobre que "carreira seguir" e de não querer se preocupar muito com isso naquele momento. A opção de trabalho na própria montanha em que costumava esquiar, portanto, o havia motivado tanto pelo fato de poder praticar o esporte de forma mais constante como por ser uma opção de prolongamento daquela fase associada a dúvidas e indefinições:

"Eu amo esquiar e esquio há oito anos. Eu queria trabalhar em um Resort de esqui para poder esquiar durante uma estação inteira. Foi então que fiz a seleção e os testes e consegui o emprego. Fui morar lá na casa, sozinho, sem TV nem nada desses confortos. E foi uma experiência nova porque eu tinha que passar a maior parte do tempo comigo mesmo. Então, eu lia bastante e também trabalhava pesado, o que me deixava bastante cansado à noite (...) Quando você esquia como turista, não pratica de verdade. Quer dizer, você não tem muito tempo. Trabalhando para o Resort, você tem uma temporada inteira para poder esquiar e aprende muito mais! Antes disso, se contar todo o tempo que eu esquiei nestes oito anos em dias corridos, não dava três semanas...".

Apesar da experiência de Andrew ter sido um pouco diferente da dos demais, justamente em função da mãe do rapaz ter uma pequena casa aos pés da montanha, essa sede por "mudanças" e procura por "novas experiências" parecia uma recorrência na interpretação daqueles sujeitos. Ainda que narradas a partir de histórias e motivações pessoais, elas pareciam estruturalmente associadas a noções mais amplas de "mudança" em suas perspectivas de vida e informadas por concepções e estereótipos particulares de "juventude" e "vida" que partilhavam. Harry, por exemplo, descreveu sua estada em *Hopham* como uma experiência inovadora e, por isso mesmo, importante. A montanha, bastante afastada de qualquer grande cidade, era, segundo ele, de uma beleza inigualável e o trabalho possibilitava encontros entre jovens de diferentes lugares e que estavam ali para viver intensamente as atividades que aquele tipo de experiência proporcionava:

"Eu já tinha trabalhado em tantos lugares diferentes – trabalho físico, trabalho de escritório – mas isso era o tipo de experiência que eu nunca tinha tido antes. Então, gostava! Aprendi rápido, também aprendi "snowboarding" muito rápido. Não sei, acho que é porque é a primeira estação e a gente gosta mais, mas acho que era legal também porque todos os trabalhadores viviam no mesmo prédio e todo mundo era jovem, diria 18 a 23, 24 anos (...) Estava todo mundo lá pela diversão e ninguém pela carreira. Não há carreira. Tem um grupo de pessoas que volta 4 ou 5 estações e essas pessoas, você sabe, se tornam supervisores e fazem dali sua vida, mas é uma porcentagem pequena. E geralmente, essas pessoas vivem naquela área e é cômodo ter esse emprego, trabalhando no verão também. Mas era muito divertido! E acho que pelo fato de serem todos jovens e de todos viverem no mesmo lugar, havia muitas festas...".

Essa noção de "mudança" ou procura por um novo "estilo de vida" associava-se às imagens que sustentavam sobre "juventude" e sobre a procura hedonista por lugares que propiciassem a reunião de outros sujeitos com as mesmas intenções de divertimento através da prática dos esportes de neve e da

realização de festas e encontros. A vinculação desses esportes a lugares paradisíacos e à possibilidade de encontros e reuniões eram bastante recorrentes nas falas dos australianos e neozelandeses, sendo a procura pelas "Resort towns" e pelos empregos gerados nesses grandes complexos turísticos incrustados nas montanhas australianas e neozelandesas adequadas justamente a esse tipo de expectativa e desejo.

Para muitos desses sujeitos, a experiência de trabalho nos Resorts de esqui de seus países havia sido uma primeira oportunidade para o contato com esse tipo de esporte e com vivências relacionadas a estereótipos diversos associados por eles à juventude, como uma certa "irresponsabilidade" e sede por "novas experiências". Neste caso, tais projeções e estereótipos aproximam-se bastante da descrição feita por Desforges (2000) sobre a identidade de jovens ingleses (backpackers) que viajam sozinhos para países do terceiro mundo em busca de experiências e vivências inovadoras:

"Youth is imagined as a period in life when new experiences are important. In later periods of one's life, according to Jenny and other young tourists' narratives, commitments to others, in the form of jobs and personal relationships mean that it is impossible to pursue new experiences through mobility. These participants felt that unless they experienced the world in their youth, they would feel a sense of lack later in their lives having missed out on the opportunity to develop a youthful identity for themselves" (DESFORGES, 2000: 937).

A noção de juventude articulada pelos australianos e neozelandeses com quem convivi e trabalhei no Okemo parecia incorporar aspectos relativos à formatação de um certo tipo de identidade somente possível a partir de vivências geradas por experiências de "afastamento", "deslocamento" e "mudança". Neste caso, as viagens eram procuradas e tematizadas como fonte de alimentação desse tipo de perspectiva. Essa espécie de desejo de aventura e evasão, por sua vez, vinculava-se à prática dos esportes de neve, o que significava, no seu caso, a

adesão a uma vida mais errante – pelo menos durante um certo período – e relacionada a discursos e práticas expandidos pelos imaginários do turismo e da globalização contemporânea, que aproximam experiências de deslocamento a fontes de "aprimoramento" e "desenvolvimento pessoal"[60].

Diferente dos sul americanos anteriormente descritos, no entanto, a relação desses trabalhadores neozelandeses e australianos com esse tipo de imaginário acerca das viagens parecia menos apegada a noções pragmáticas de "carreira" e "futuro". No seu caso, a relação com aquele tipo de experiência era mais hedonista e ficava patente, de acordo com suas falas e interações, o fato da mesma associar-se a uma certa faixa etária e a um determinado "espírito aventureiro" a ela inerente.

Embutida nesse tipo de interpretação, encontra-se difundida uma concepção de vida dividida em etapas e que incorpora a juventude como um momento liminar de "crescimento", "divertimento" e "descobertas" pessoais associadas. Esse tipo de vivência liminar, por sua vez, parece estar em conflito direto com a perspectiva diferenciada do "mundo dos adultos" e com a vida da qual essas pessoas se desvincularam – que é a mesma que têm a intenção de levar adiante após renegarem-na por alguns anos. Harry, por exemplo, oscilava bastante entre uma proposta de emprego "de carreira" oferecida por seu padrasto em um escritório de arquitetura na Austrália e a manutenção desse "estilo de vida" mais errante e desprendido creditado a uma faixa etária da qual supunha ter começado a se distanciar:

"Já tenho 24, vou fazer 25 anos e preciso me assentar. Acabei me apaixonando pelo esporte e poder praticar 'snowboarding' por estações ininterruptas é muito gratificante. Mas tem um mundo mais sério lá fora e, depois, tendo mais sucesso e ganhando mais, posso vir esquiar como turista. Além de poder viajar para conhecer outros lugares, que é uma coisa que eu também quero muito...".

---

[60] Ainda neste capítulo, sugiro como a difusão de um conjunto diverso de experiências de mobilidade e deslocamento internacional são interpretados por alguns autores (Cf. BIANCHI, 2000; DESFORGES, 2000; MAFFESOLI, 2001; MUNT, 1994) como associados à globalização contemporânea e à pós-modernidade.

Harry parece sinceramente preocupado com a longevidade de seu "desprendimento". Apesar de satisfeito com o "estilo de vida" adotado, sua fala sugere uma preocupação com o retorno para uma realidade que, apesar de posicionada "lá fora", parece ser o caminho natural para seguir depois de completar 25 anos. O interessante, neste caso, é que enquanto o australiano se enxerga, através desse tipo de deslocamento, fora do "mundo mais sério" que existe "lá fora", boa parte dos sul americanos com quem tive contato ao longo da pesquisa parecia querer entrar em um "mundo mais sério" a partir justamente da iniciativa de participar desse tipo de Programa de Trabalho Temporário nos Estados Unidos. Dessa forma, se havia uma certa continuidade entre a imagem que os sul americanos sustentavam acerca daquela experiência e a vida que levavam ou pretendiam levar em seus países ou fora deles, Harry parece mais interessado em tratar a mesma enquanto um rompimento mais acentuado, desejado durante parte de sua juventude e não direta ou indiretamente vinculado a suas projeções profissionais futuras.

Era muito recorrente, em conversas informais que tive com australianos e neozelandeses que trabalhavam no Okemo, a idéia de que estavam ali pelo "prazer" e pelo "estilo de vida", mas que deveriam, em breve, sair em busca de uma "profissão de verdade". As oportunidades e empregos gerados nesse circuito eram, de certo modo, vistos como temporários também nas perspectivas de vida desses trabalhadores e pensados de forma um pouco destoante das concepções de "oportunidade" e "carreira", já que estas noções seriam creditadas a um mundo sério e diferente do que almejavam durante o período da vida que diziam estar vivendo.

Devemos ter um olhar crítico quanto à interpretação dada pelos australianos e neozelandeses à experiência de trabalho temporário no Okemo e nos Resorts de esqui de seus países. Obviamente que as tarefas de trabalho realizadas no dia a dia em Vermont faziam parte de sua trajetória pessoal, como também não era menos

real seu vínculo ao tipo de profissão que pleiteavam junto aos empregadores norte-americano e/ou australiano e neozelandês. Com dados de campo bastante similares àqueles encontrados em Vermont, Bianchi (2000) sugere, em seu texto sobre os "migrant-tourist workers" – jovens ingleses e alemães que se deslocam de seus países para procurar empregos sazonais nos grandes Resorts do sudeste da Europa –, a emergência de um tipo de deslocamento que conectaria "turismo" e "trabalho" como manifestações híbridas e essenciais na perspectiva de viagem de seus sujeitos de pesquisa.

Um argumento do autor com relação aos grupos que estuda é que a expansão e exaltação, por parte das "sociedades capitalistas tardias" (termo dele), de um "hedonismo calculado" (URRY, 1995) e do individualismo forjado por processos de consumo abrangentes (BAUMAN, 1994) teriam feito emergir formas de deslocamento próprias do "mundo contemporâneo". No caso dos jovens pesquisados por ele, o autor infere que eles podem ser compreendidos como turistas do ponto de vista dos discursos e práticas que adotam frente a seu deslocamento para os Resorts em que vão trabalhar (e se divertir) e como "migrantes" no sentido de serem alijados das melhores posições de trabalho nas sociedades das quais provém – e de buscarem uma conseqüente (re)inserção nestes novos contextos. No caso, a procura por esse tipo de emprego nos Resorts europeus seria uma forma desses sujeitos evitarem ocupar as posições de trabalho mais desprestigiadas de seus países, que passaram ou passam por amplas reestruturações produtivas:

"In this respect it can be argued that they are an outcome of the declining centrality of one's occupation as a social category and locus of identity on the one hand, and a liberation from the drudgeries of work (and unemployment) associated with their 'home' societies on the other" (BIANCHI, 2000: 122).

No sentido da argumentação de Bianchi, vale perguntar se a perspectiva de "mudança" associada ao "estilo de vida" almejado por esses australianos e neozelandeses durante sua juventude não seria uma resposta discursiva a um tipo de reestruturação produtiva à qual estão expostos e que não relega a eles as profissões e posições mais prestigiosas do mercado de trabalho australiano e neozelandês. Nesse sentido, a procura por essas posições de inverno por parte de australianos e neozelandeses teria alguma relação com esse tipo de disjunção, para alguns segmentos e classes sociais, entre ocupação e identidade pessoal?

De fato, o prolongamento da "juventude" de alguns através da ampliação desse vínculo temporário "sazonal" parece um indicativo de que alguns indivíduos aderiam a esse tipo de "discurso" sobre a perspectiva "temporária" de sua estada como uma espécie de negação de uma dependência existente com relação àquele tipo de profissão e que suporia uma identificação mais direta entre emprego e identidade social. Apesar das afirmações em contrário, alguns sujeitos perpetuavam-se nessas profissões por mais tempo que uma simples "etapa da vida" e a justificativa daquele tipo de emprego como temporário ou atrelado a um certo período de suas existências não ganhava suporte em sua realidade. Melanie, por exemplo, dizia, aos trinta e três anos, que aquele emprego era apenas temporário e que deveria ser levado à frente apenas enquanto estava atrás de diversão e prazer, apesar da australiana dedicar-se a esse tipo de trabalho em Resorts de esqui há cerca de seis anos e de ter voltado para trabalhar temporariamente no Okemo na última temporada.

O fato de alguns daqueles sujeitos negarem a dependência direta com relação àquele tipo de vínculo empregatício, no entanto, era um índice da importância de associação daquelas profissões a uma determinada etapa de suas vidas. Ao representarem-nas como não sendo "de verdade", eles pareciam, simultaneamente, direcionar para a "juventude" um tipo de relação mais flexível e de associação não direta a determinadas carreiras e/ou empregos. Dessa forma, suas representações insistiam em ver aqueles empregos como provisórios e como

distantes de uma vida futura que os afastaria do tipo de vínculo temporário com o Okemo e com os Resorts de esqui australianos e neozelandeses.

O prolongamento mais ou menos intenso por parte de australianos e neozelandeses nesse nicho é, de fato, uma questão em aberto. Ao mesmo tempo que uma minoria mantinha-se na profissão por mais tempo que uma "simples etapa da vida", grande parte parecia realmente abandonar aquele "estilo de vida" após um certo período – prova disso é o reduzido número de australianos e neozelandeses com menos de trinta anos no Okemo.

Independente, entretanto, do prolongamento naquele tipo de emprego ser mais ou menos real, a associação entre o "estilo de vida" adotado e um certo período de sua juventude era uma constante em seus discursos. Além disso, tal experiência era vista como uma oportunidade de obtenção de qualificações pessoais associadas a noções de "flexibilidade", "aprendizado" e "amadurecimento", o que se aproximava do discurso dos sul americanos no Okemo. Em certa medida, creio que algumas dessas representações similares incorporavam aspectos mais gerais referenciados à difusão de um certo ideário de viagem e globalização contemporânea, que aproxima essas experiências de deslocamento de possibilidades de "desenvolvimento pessoal" e "aprimoramento do caráter".

Isso não quer dizer que esses imaginários mais abrangentes não passassem por interpretações e (re)avaliações próprias[61]. Na narrativa dos sul americanos, como vimos, a qualificação daquela experiência de trabalho no Okemo incorporava uma certa ansiedade com relação ao "futuro" e às expectativas de inserção

---

[61] Inspiro-me aqui, sobretudo, nas reflexões de Sahlins acerca da reavaliação prática de categorias culturais: "O problema enfim recai na relação de conceitos culturais e experiência humana, ou o problema de referência simbólica: de como conceitos culturais são utilizados de forma ativa para engajar o mundo (...) A experiência social humana consiste na apropriação de objetos de percepção por conceitos gerais: uma ordenação de homens e dos objetos de sua existência que nunca será a única possível, mas que, nesse sentido, é arbitrária e histórica (...) As categorias tradicionais, quando levadas a agir sobre um mundo com razões próprias, um mundo que é por si mesmo potencialmente refratário são transformadas. Pois, assim como o mundo pode escapar facilmente dos esquemas interpretativos de um dado grupo humano, nada pode garantir que sujeitos inteligentes e motivados, com interesses e biografias sociais diversas, utilizarão as categorias existentes das maneiras prescritas..." (SAHLINS, 1990: 181).

profissional, o que não acontecia no caso dos australianos e neozelandeses. Para estes, o trabalho naquele tipo de posição não era totalmente desvinculado de sua realidade prévia na Austrália e Nova Zelândia e não significava uma possibilidade de agregação de valores pessoais importantes para uma futura "inserção profissional". Pelo contrário, o "afastamento" gerado por aquele tipo de emprego era visto até como um rompimento "temporário" de vínculos empregatícios aparentemente mais sólidos, além de não significar uma aproximação entre carreira e identidade pessoal. Uma frase de Mário é bastante esclarecedora nesse sentido. O australiano, inserido há quatro anos nessa espécie de circuito relacionado às profissões de inverno, fez o seguinte comentário durante uma conversa que tivemos:

"Sabe, hoje eu olho para mim. Tenho vinte e seis anos e ainda não tenho nada na vida. Não tenho família, emprego, carreira, dinheiro. O que tenho até agora são histórias para contar...".

O que Mário sugere é que aquela experiência não será capaz de lhe proporcionar qualquer possibilidade de ascensão social na Austrália. As representações diante de seu deslocamento e trabalho no Okemo não o fazem posicionar aquele tipo de experiência enquanto um item potencialmente capaz de gerar ganhos futuros. As experiências de trabalho nesse tipo de emprego não lhe permitiram ter bens materiais nem vínculos mais sólidos de parentesco. Por outro lado, as "histórias que têm para contar", também por estarem desvinculadas de um interesse pragmático direcionado, parecem ter uma força intrínseca. Não menos importantes do que "uma família, um emprego, uma carreira e dinheiro" - que são, no seu caso, projetadas para o "futuro"-, tais histórias são, no fundo, a razão de ser dessa proposta de vida que têm para uma "juventude" errante e que acha no trabalho em Resorts de esqui espalhados pelo mundo uma forma de se realizar. A proposição de vida dessas pessoas parece ser justamente a de ir em busca dessas

histórias, rompendo com uma ética do trabalho que enfatize apenas persistência e acumulação em detrimento de prazeres mundanos. Deste modo, o trabalho nesse tipo de emprego em Resorts de esqui parece conciliar todas essas buscas hedonistas a um compromisso com a função e com o desempenho das atividades laborais. Isso deverá ficar mais claro, entretanto, ao serem detalhados alguns aspectos relativos à rotina de trabalho desses sujeitos no Okemo.

. Aspectos e Sentidos da Rotina de Trabalho no Okemo

No caso dos australianos e neozelandeses, a identificação com o trabalho nas posições de inverno parecia bastante grande, o que sugere um contraste fundamental com relação à experiência dos jovens da América do Sul. O próprio trabalho naqueles empregos tinha um certo espaço na constituição de sua experiência e não podia ser visto como distante de seus interesses. Diferente dos sul americanos, que representavam o trabalho nas posições desprestigiadas do Resort de maneira diversa, mas sem uma identificação direta com o mesmo, a rotina laboral tinha, no caso dos australianos e neozelandeses, uma centralidade em sua experiência e era um componente fundamental na constituição da mesma. O trabalho na estação de esqui, neste caso, antes de surgir como algo desagradável ou como um mal necessário, era interpretado por eles como atraente, em oposição aos "empregos de escritório" a que alguns dedicavam-se antes de participar daquelas posições relacionadas aos empregos de inverno. O relato de Harry, a seguir, demonstra a centralidade dessa experiência de trabalho nos Resorts de esqui:

"Eu gosto de trabalhar na neve. Já tive um monte de empregos antes e diferentes também. Mas aqui é legal. Especialmente em Hophman, por causa do gelo e da neve, você tem que subir três ou quatro vezes por semana nas torres pra quebrar aquilo e é divertido. Você escala, quebra o gelo, o vento bate nas torres e você balança e tenta se segurar! Enfim,

o aspecto físico do trabalho é legal, entendeu! Você se diverte! Além disso, no fim da estação nós temos que tirar todas as cadeiras do teleférico e você tem que cobrir vários pontos das pistas. E no fim do dia, você chega em casa e está suado e sabe que fez um bom trabalho e aquilo te deixa bem...".

Essa atração pelo "aspecto físico" desse tipo de trabalho era constantemente contrastada com a imobilidade dos "empregos de escritório" ou fábricas a que alguns dedicavam-se antes de trabalhar com atividades relacionadas aos Ski Resorts. A adesão aos empregos na neve significava, para alguns, uma interação "positiva" com o frio e com a realidade física daqueles trabalhos alocados em montanhas isoladas e lugares ermos. Andrew teceu alguns comentários a esse respeito, enfatizando o aspecto de realização pessoal que aquele tipo de interação possibilitava:

"Eu gosto muito desse tipo de profissão, de trabalhar do lado de fora. O vento batendo no rosto, você sentindo a natureza. Apesar de ganhar muito mais nos empregos de escritório, esse tipo de trabalho é bem mais atraente. É um trabalho físico, pesado. Mas você se sente bem de chegar em casa à noite e saber que venceu o frio e os inconvenientes e cumpriu sua missão. E ajudou a colocar isso daqui para funcionar!".

A rotina laboral, desse modo, figurava como parte integral do "estilo de vida" que pretendiam levar durante parte de sua juventude. Trabalhar no frio, integrando a equipe que "colocava o Rersort para funcionar", era incorporado pelos australianos e neozelandeses como algo positivo, além de ser uma experiência que os parecia preencher internamente. Neste caso, tal como sugeriu Bianchi (2000) para os grupos de "migrant-workers" europeus, o trabalho parecia ser vivido não como uma necessidade desagradável ou como um pré-requisito necessário para a vivência de outras experiências relacionadas ao lazer e ao

turismo, mas como uma atividade importante em si mesma e constitutiva do tipo de experiência almejada:

"Whereas work was an 'unpleasant necessity' for Cohen's drifters, it is central to the experience of migrant tourist-workers not merely to facilitate onward travel, but as something which is fulfilling in itself. Thus the balance is shifted away from the hippie mythology of drifting, to something much more purposive and calculating" (BIANCHI, 2000: 124).

A interpretação dos australianos e neozelandeses diante das atividades laborais realizadas no Okemo passava, portanto, pelo entendimento da importância desse tipo de trabalho para a constituição de sua experiência e pela relativa centralidade ocupada pelos mesmo em sua perspectiva de deslocamento. Nesse sentido, as atividades de trabalho exercidas tinham, segundo suas representações, uma conotação de "vivência" e "aprendizado". Andrew salientou diversas vezes que esse tipo de emprego lhe permitia uma inserção continuada na neve e no frio, dois atrativos especialmente importantes na experiência que procurava:

"O trabalho na neve me faz bem. Estar do lado de fora, enfrentando o frio e as más condições e ter responsabilidade pela segurança dos hóspedes, isso é bem legal! Além disso, acho a neve bonita, gosto da paisagem, gosto de acordar cedo para ver o nascer do sol. Já tirei várias fotos e eu tenho uma boa relação com o lugar!".

Dessa maneira, os australianos e neozelandeses com quem tive contato pareciam ter uma relação positiva com as atividades de trabalho desempenhadas nessas posições externas, o que confundia-se, por sua vez, com uma apreensão

estética da paisagem bastante relacionada ao "olhar do turista"[62] diante da estação de esqui. Nesse sentido, a experiência de trabalho pesado no frio não era contada como alguma coisa sofrida. Ao contrário, as mesmas eram narradas, muitas vezes, como fascinantes, enriquecedoras e até mesmo divertidas, sendo o trabalho sob condições climáticas desfavoráveis – algumas vezes com um frio inferior a 20º Celsius – relacionado a concepções de resistência e força.

O fascínio pelo lugar, que articula essa dimensão híbrida entre trabalho e turismo, era tida como ancoradouro do sentido dado por muitos australianos e neozelandeses a sua experiência. Além do fascínio pela viagem e pelos esportes radicais de neve, o trabalho no frio era interpretado como algo positivo e a neve como um signo importante nesse sentido. Karine escreveu, nos últimos dias de trabalho, um poema em homenagem à face sul da montanha, aonde foi a responsável pela manutenção do teleférico durante toda a temporada. Apesar de desgastada em função da maneira pela qual os supervisores do Okemo tratavam os trabalhadores estrangeiros naquele tipo de emprego – o que será problematizado na última seção deste capítulo –, ela não escondia o fascínio pelo local e a associação daquele tipo de lugar às vivências buscadas a partir de sua inscrição no "Guestworker Program" na Austrália. Seu poema é importante justamente por ilustrar a ambigüidade da interpretação de uma rotina de trabalho tida como cansativa e repetitiva, mas simultaneamente vinculada aos signos "positivos" associados aos esportes de inverno:

Ode to Southface

Oh dear Southface
How you rock

[62] Talvez valha a pena mencionar aqui o livro "O Olhar do Turista", do sociólogo John Urry (2001). Ao fazer uma interpretação da mudança da atividade turística nas últimas décadas, Urry identifica uma certa transformação da atividade em direção a uma subordinação maior da mesma às leis de mercado e uma correlata transformação do "olhar do turista", que passa a ser um olhar mais sóbrio e dependente de uma experiência coletiva em detrimento de um certo ar romantizado e individual. No caso da descrição de Andrew, no entanto, parece haver uma aproximação desse "antigo" olhar individualizado e romântico diante da paisagem do Okemo.

But no no no. I won't play
The rock
Only the jazz and the blues
Oh dear Southface
It will be great to leave
No mor Ludlow
No more Shaws[63]
And Pleasant St.[64] *was pleasant*
But no more
Oh dear snow
You did not show
That made it shit
Please no no no no more
3 days to go and I can't
Take no more

O local de trabalho de Karine ganha nome próprio e status de pessoa em seu poema, sendo o mesmo endereçado à "Southface". Quando estava trabalhando, Karine dizia que vinham uns homens fortes trajando roupas estilizadas e esquis profissionais, paravam e gritavam: - Rock South Face! E que isso a fazia sentir-se bem e se enxergar como parte do funcionamento daquela montanha. A identificação que a neozelandesa tem com a face sul da montanha revela-se, pois, de uma maneira carinhosa e subjetiva, mesmo que seu poema diga que ela já não deseja permanecer muito tempo por lá. A ode também refere-se às rádios e tipos de música que podia escolher para tocar durante o dia de trabalho. O poema é interessante, já que, além de revelar os aspectos "positivos" e "negativos" relativos ao tipo de trabalho feito no Resort, mostra uma concepção integrada de sua experiência como trabalhadora e viajante, ao mesmo tempo que deixa transparecer a maneira "reflexiva" pela qual a estrangeira interpreta sua estada no Okemo.

Neste caso, vale a pena recuperar aqueles aspectos relativos à "reflexividade" mencionados no capítulo anterior e que também compõem a experiência de viagem desses trabalhadores estrangeiros. As biografias desses

---

63 "Shaws" é o pequeno supermercado da cidade de Ludlow.

64 "Pleasant Street" se refere à rua onde ficava a "moradia dos instrutores australianos", onde Karine residia.

sujeitos estavam o tempo todo sendo acionadas para justificar sua inserção em um determinado "estilo de vida" e a vivência de diferentes experiências associadas ao mesmo, de forma a ser criado um enredo coerente e ajustado à construção de suas trajetórias e concepções de vida. Melanie, por exemplo, dizia usar esse tipo de experiência para refletir sobre a vida que levava anteriormente e sobre àquela que intencionava viver quando do retorno para a Austrália:

"O Okemo, para mim, é um momento em que eu paro e penso na vida. Penso no que passou e no que vem pela frente (...) Porque aqui a gente vê as coisas de outro jeito. É como se pudesse olhar de fora aquela vida levada anteriormente...".

A utilização desse tipo de viagem para auto-reflexões articulava-se também a interações positivas com os signos reforçados em uma estação de esqui, o que, aparentemente, os fazia sentirem-se bastante à vontade no Okemo. Dessa forma, o clima favorável na concepção desses trabalhadores era um clima de neve intensa, que era celebrado, assim como os dias muito quentes eram depreciados e tidos como ruins ou desagradáveis. No caso das roupas, misturados aos uniformes de inverno fornecidos pelo Resort, eles trajavam óculos e acessórios relativamente caros que compravam no país e que, às vezes, comparavam com os dos esquiadores que freqüentavam as pistas do complexo. Algumas gírias específicas relacionadas às manobras de "snowboarding" também eram utilizadas e outras montanhas famosas de Vermont e de outros estados dos Estados Unidos eram reverenciadas como lugares importantes de serem freqüentados por esquiadores e praticantes de snowboarding[65].

A valorização dos elementos e atividades referentes ao trabalho nas posições externas do Resort não era facilmente compreensível para os norte-americanos

[65] O Colorado era um desses lugares bastante comentados pelos australianos e neozelandeses. Alguns diziam que tinham amigos trabalhando em Resorts de esqui do estado e que o índice de neve de lá superava todos os demais estados dos Estados Unidos. As míticas montanhas de gelo eram reverenciadas e alguns desses jovens tinham planos de viajar para o estado após o término da estação no Okemo para poderem praticar os esportes em tais ambientes.

locais ou outros estrangeiros que estavam no Okemo. Essa integração entre um "estilo de vida" juvenil que incorporava o trabalho na neve como algo atraente e positivo era, por vezes, questionada ou, simplesmente, não assimilada por esses outros sujeitos. Em uma conversa que tivemos, o norte-americano Brian, que trabalhava na equipe de manutenção dos teleféricos, por exemplo, dizia não compreender as razões pelas quais esses jovens saíam da Austrália para trabalhar na estação de esqui:

"Não entendo como esses australianos vêm pra cá (...) Eles pagam 2.500 dólares pelo bilhete aéreo para vir gelar a bunda em Vermont. Você tem que estudar isso mesmo!".

Esse tipo de incompreensão fazia, de fato, bastante sentido. O trabalho nas posições externas do Resort era extremamente desgastante em decorrência do frio e das atividades físicas pesadas e repetitivas demandadas pelo emprego. Como também trabalhei nesse tipo de posição, as impressões de Brian puderam ser sentidas na pele. A princípio, também não conseguia compreender como aqueles jovens podiam achar graça em sentir frio, agüentar pressões de supervisores rudes e ainda por cima suportar um tipo de esforço repetitivo que, nos dias de maior movimento do hotel, esgotavam o corpo.

A rotina de trabalho desses jovens no Resort era extremamente árdua. Nos fins de semana, começava às 6 da manhã, horário em que a van do hotel passava nas moradias dos empregados em Ludlow, recolhendo os empregados para deixá-los na base da montanha para sua distribuição nos postos de trabalho. Não sabíamos aonde iríamos trabalhar até nos encontrarmos com a supervisora que, de acordo com a presença (ou ausência) dos demais funcionários, encaminhava os estrangeiros de acordo com as prioridades de abertura dos teleféricos. O almoço era preparado ainda em casa já que, caso fôssemos alocados para um teleférico distante de restaurantes ou lanchonetes, ficávamos até às 16 horas no mesmo lugar,

apenas na companhia de um ou dois colegas, do rádio e de um telefone de emergência.

O período de almoço dependia do movimento do Resort, restando, algumas vezes, apenas minutos para comer alguma coisa. Na base do teleférico, aonde normalmente me encontrava, ficava com mais um ou dois trabalhadores revezando as tarefas de checar bilhetes, segurar as pesadas cadeiras para os esquiadores se sentarem, cavar montes de neve para acertar as pistas – que vão derretendo (nos dias muito quentes) ou congelando (nos dias muito frios) – aonde os esquiadores passavam e comunicar por rádio algum acidente ou emergência. Nos dias muito frios, tínhamos que aguardar um certo tempo para o aquecimento nas cabines condicionadas, já que, apesar das roupas apropriadas distribuídas pelo Resort, a exposição demasiada ao clima adverso poderia acarretar hipotermia. O trabalho era, pois, duplamente cansativo, já que além das atividades físicas a ele inerentes, contava com uma exposição a um clima severo e choques térmicos resultantes de deslocamentos entre ambientes frios e quentes.

Ainda assim, os australianos e neozelandeses não pareciam se importar muito em aderir àquelas atividades, já que, fazendo isso, ficavam mais próximos da rotina vinculada propriamente à estação de esqui e às atrações turísticas proporcionadas pela mesma. A paixão que nutriam pelos esportes de neve os aproximava dessas posições externas. Como disse, muitos colegas australianos e neozelandeses trabalhavam equipados com acessórios de esqui e "snowboarding" e, ao final do trabalho, desciam a montanha praticando os esportes. O trabalho externo possibilitava, como muitas vezes percebi, a interação mais intensa com aqueles esportes que os havia trazido para ali e o convívio constante com o clima e os demais signos referentes à prática de tais atividades esportivas.

A rotina de trabalho agregava, desse modo, um conjunto de outros valores à sua experiência e os vinculava ao dia a dia da estação de esqui, através do contato com o clima, com os outros esquiadores e com acontecimentos associados propriamente à estação. Ao portarem rádios e telefones em suas cabines e terem

um sistema de comunicação próprio aos empregados dessas posições externas, os australianos e neozelandeses ficavam a par dos acontecimentos da rotina operacional da montanha e isso, de certo modo, constituía um microcosmo próprio de vivência e interação. Eram eles os primeiros a saber dos acidentes graves com esquiadores e a se comunicar com outros empregados para saber das ocorrências e acontecimentos diários. O dia a dia de trabalho no Okemo era, deste modo, recheado de interações – ainda que virtuais – entre os próprios australianos e neozelandeses, o que constituía uma dinâmica própria.

Posso dizer que um sentido comum partilhado e procurado por essas pessoas no dia a dia de trabalho era um certo "dinamismo" decorrente da atuação naquele tipo de atividade. Em certo sentido, a rotina de trabalho era vista como sinônimo de "movimento" e "ação". Ainda que tal rotina fosse, na minha opinião, pacata e repetitiva, notava-se que esses estrangeiros buscavam burlar esse tipo de interpretação, fazendo daqueles empregos tarefas dinâmicas e de "alta responsabilidade". Isso se dava, a meu ver, porque a relação que tinham com essas posições de trabalho era simultaneamente uma relação com a estação de esqui, com os esportes de neve que praticavam e com estereótipos que sustentavam relacionados àquele tipo de experiência. Ao acordarem e vestirem as pesadas roupas para enfrentar o frio, seguirem na van dos empregados para o Okemo, receberem seu "wheater report" pela manhã e tomarem a moto de neve em direção a seus postos de trabalho na montanha, aquelas pessoas estavam interagindo de forma intensa com um ideal dinâmico de subjetividade e que relacionavam à prática do esqui e ao cenário em que se dava a realização daqueles esportes.

Nesse sentido, um dos postos de trabalho mais ambicionados por esses estrangeiros na distribuição das posições pela manhã era o "Pool". Esse era um lugar destinado prioritariamente a manobras e contava com obstáculos e com um grande tubo feito especialmente para saltos e movimentos mais arrojados. Os trabalhadores selecionados para atuar no pequeno teleférico assistiam às manobras e interagiam diretamente com aqueles que as praticavam, fazendo comentários a

respeito. A atuação naquele tipo de posição possibilitava, portanto, a interação direta com o esporte e com os praticantes do mesmo. O dinamismo relacionado à atuação naquele tipo de emprego associava-se, por sua vez, aos sentimentos e significações referenciados aos próprios esportes de neve. Harry fez alguns comentários sobre o sentimento interno associado à prática do "snowboarding" e sobre a junção entre tais sentimentos e as atividades rotineiras de trabalho no Resort, o que é bastante revelador desse vínculo inerente à experiência diária dos trabalhadores australianos e neozelandeses:

"Eu vim para o Okemo por causa da neve. Gosto muito de 'snowboarding'! Desde que aprendi a praticar, só quero melhorar e continuar praticando. Não sei, sinto alguma coisa boa quando estou descendo as montanhas. Sei que tenho que me concentrar para não me acidentar, mas ao mesmo tempo isso me relaxa, me deixa mais leve! E trabalhar com "snowboarding" também é prazeroso. Me faz refletir, ter contato com o frio, com paisagens bonitas, com montanhas, e eu gosto muito de montanhas...".

Como se vê, trabalhar com "snowboarding" significa simultaneamente "refletir, ter contato com o frio, com paisagens bonitas, com montanhas", ao mesmo tempo que permite ao australiano fugir da pacatez e imobilidade dos "empregos de escritório" na Austrália, permitindo-lhe conceber e realizar um projeto de juventude que agrega aventuras e experiências supostamente mais dinâmicas e atraentes. Não se trata de um vínculo empregatício comum, mas da atuação em uma posição que proporciona o contato com o esporte e com elementos diretamente associados à prática do mesmo. A centralidade que o trabalho ocupa na constituição da experiência de deslocamento desses sujeitos para o Okemo relaciona-se, assim, a um conjunto de sentidos e valores sustentados por eles e que fazem a rotina laboral articular-se a elementos que transbordam as tarefas monótonas e repetitivas realizadas no dia a dia do Resort.

. Estratégias de Recrutamento do Complexo

O recrutamento do Okemo na Austrália e Nova Zelândia, por sua vez, parece incorporar de forma bastante eficaz essas diferentes imagens e discursos relacionados ao tipo de vivência procurada por australianos e neozelandeses. Alguns dos supervisores do Okemo vão anualmente à Austrália e à Nova Zelândia e oferecem, em palestras de contratação, as condições para que os jovens continuem a praticar o esporte que gostam, tendo, ainda, a oportunidade de fazê-lo em um outro país. O Okemo, neste caso, parece ter um relacionamento bastante interessado com outros Resorts de esqui destes países e, devido à sua ampliação e necessidade de maior captação de mão-de-obra estrangeira, demanda esses jovens para as posições que relacionam-se, basicamente, à operação de teleféricos ("lift operators") e caminhões de neve ("groomers"), instrução de esqui ("ski instructors") e "snowmaking".

Em todas essas posições, o contato com o frio é um grande desafio. Os operadores de teleférico são responsáveis pela segurança dos esquiadores na entrada e saída dos teleféricos, devendo parar o mesmo em caso de incidente e sendo responsáveis por acionar a equipe de "primeiros socorros"[66] em casos de acidentes mais graves. Os "groomers" trabalham durante a noite dando forma às pistas e aplainando seus buracos e ondulações. Os instrutores de esqui, por sua vez, são responsáveis pelas aulas individuais e em grupo para os turistas que desejam se aperfeiçoar no esporte. Finalmente, os "snowmakers" são, como já foi dito, os responsáveis por criar a neve da estação de esqui, trabalhando durante as noites frias e circulando com motos de neve – "snowmobiles" – para ligar e desligar as grandes mangueiras de água espalhadas ao longo das principais pistas do Resort.

---

[66] A equipe de "primeiros socorros" não utiliza trabalhadores vinculados a "Guestworker Programs", o que ocorre pelo fato de haver a necessidade de treinamento e certificação prévias pelo Resort, imposição que limita a contratação de estrangeiros não residentes nos Estados Unidos.

O Okemo angariou, através da manutenção do contato com Resorts de esqui destes países, trabalhadores com uma responsabilidade notável, além de terem a experiência de pelo menos uma temporada nas posições em que ocupam no complexo. A responsabilidade com que desempenhavam seus papéis no Resort merece certo destaque. Trata-se de uma mão-de-obra bem mais atraente[67] para o empregador do que a mão-de-obra local devido, justamente, à identificação desses jovens com as atividades que exercem e à experiência prévia de trabalho em Ski Resorts de seus países.

Do ponto de vista dos trabalhadores, por sua vez, esse parece ser um tipo de experiência bastante cativante e que o Okemo sabe muito bem manipular. Harry contou um pouco de como se sentiu após a entrevista de contratação do Okemo feita em *Moutain Hopham* e das ansiedades e motivos que ajudaram a trazê-lo para o trabalho temporário no Resort:

"Quando fui à entrevista, só estava procurando alguma coisa para fazer, como eu te disse. Mas depois que saí de lá, a coisa parecia tão interessante... continuar fazendo o que eu gosto e conhecer outro país! E no final da entrevista, me ofereceram uma posição de liderança' na mesma hora e você fica surpreso porque no fim da entrevista já te oferecem uma posição mais alta, com mais dinheiro e quando voltei para casa pensei que queria ir e que era uma boa chance de conhecer os Estados Unidos também. E ficar um tempo por lá e ainda com dinheiro... e ainda ter neve!".

No caso, a articulação entre o trabalho nas estações de esqui e a possibilidade de "conhecer outro país" parecia uma receita de sucesso na contratação desses jovens. Assim, as vivências associadas à viagem eram

[67] A bibliografia que discute os "Guestworker Programs" nos Estados Unidos tende a recorrer à terminologia "captive" e "docile" para descrever esse tipo de trabalhador como mais vulnerável e subordinado às vontades e explorações dos empregadores. Adotei na dissertação os termos "atraente" e "conveniente" para designar a relação desse tipo de mão-de-obra com seus empregadores norte-americanos, já que essas outras palavras são carregadas de um sentido que dá pouca autonomia aos sujeitos, apresentando-os como não reativos ou passíveis de qualquer tipo de coerção ou humilhação.

importantes elementos a capturar essa mão-de-obra juvenil para os trabalhos de baixa qualificação demandados pelo Okemo. O recrutamento feito pelo Resort acabava angariando, através do reforço e difusão dessas imagens, um tipo de trabalhador profundamente apropriado para a manutenção das operações da montanha: jovem, disposto e interessado em arcar com os próprios custos de uma longa viagem no intuito de praticar o esporte que ama, trabalhar em uma posição que parece renegada pela maioria dos norte-americanos locais ou pelos trabalhadores estrangeiros[68], mas com a qual interage supostamente bem e, ainda, viajar e viver novas experiências dentro dos Estados Unidos ou em outros países. Sendo assim, o preenchimento de boa parte das posições externas do Resort é feito, hoje, com esses jovens que são, nessas palestras de contratação na Austrália e na Nova Zelândia, convidados a prolongarem o inverno em terra estrangeira a partir das vantagens que esse tipo de experiência, em tese, acarretaria.

Os australianos e neozelandeses contratados para trabalhar nos teleféricos só tinham as taxas consulares relativas à obtenção do visto H-2B custeadas pelo Okemo. Para cada visto H-2B expedido pelo departamento de imigração, o Resort desembolsava cerca de seiscentos dólares para o Estado. Os demais gastos com a viagem ficava a cargo dos próprios empregados, que pagavam cerca de dois mil e quinhentos dólares pelo bilhete aéreo e setecentos dólares pelo seguro de aluguel da "Harison House". Com salários de cerca de mil e duzentos dólares mensais pagos pelo Resort – sete a oito dólares por hora – a esses trabalhadores, fica realmente difícil compreender a procura por esse tipo de trabalho como uma simples alternativa de emprego ou como uma opção de imigração. As motivações relacionadas à prática dos esportes de neve e à viagem internacional eram, deste modo, mais coerentes com as concepções que sustentavam sobre esse tipo de deslocamento internacional do que qualquer motivação relacionada à permanência

[68] Na loja de Richard, que freqüentava com frequência, ao contar que trabalhava como "lift operator" no Okemo, alguns norte-americanos locais diziam ser um trabalho árduo e de pouca demanda local. Além disso, alguns outros estrangeiros, quando por mim questionados, diziam encarar aquele tipo de posição como extremamente insatisfatória.

nos Estados Unidos por razões financeiras. Sabendo captar isso, o setor de Recursos Humanos do complexo tinha acesso a essa atraente mão-de-obra de forma aparentemente satisfatória para ambas as partes.

. "Migrant-Tourist Workers": Dinamismo, Flexibilidade e Aventura em Vermont

No caso desses jovens australianos e neozelandeses, além do trabalho temporário em Resorts de esqui ser associado a um "estilo de vida" almejado durante um certo período e do trabalho externo que tem lugar nas frias montanhas de gelo ter, como já foi dito, uma centralidade em sua experiência nos EUA, os motivos que os traziam e mantinham nas profissões relacionadas à neve pareciam bastante abrangentes. Muitas vezes, eles se relacionavam aos mesmos anseios que movem os turistas que freqüentam esse tipo de ambiente, vinculando-se às oportunidades de prática de esqui, ida a restaurantes e bares, compra de artesanatos e artefatos, e outras atividades reservadas, a princípio, a esse público consumidor. Um dos comentários feitos por Harry na página virtual que construiu para contar aos amigos e parentes australianos novidades acerca da viagem ilustra bem essa "inserção turística" dos trabalhadores australianos e neozelandeses no Okemo:

"We've made our presence felt at a couple of the local bars, and theres some really good places to eat out within walking distance of our place, a wicked suchi bar and a really good steakhouse. We are working 5 days a week so that leaves 2 for snowboarding, and Elisa is getting to be really good, she's learning fast, and handling the cold a lot better than I thought she would! She's settling in really well and enjoying herself a lot".

Dessa forma, o ambiente lúdico da região de esqui era amplamente apropriado por esses jovens. Em seus dias de folga, por exemplo, alguns

australianos e neozelandeses aventuravam-se em outros Resorts de esqui na região de Vermont, para conhecer novas montanhas e aprimorarem-se no esporte. Aficionados pelos esportes radicais de inverno, a maioria aproveitava também boa parte do tempo de folga disponível para poder esquiar e/ou praticar "snowboard" dentro do próprio Okemo. Sua estada tinha, então, motivações e interesses que transcendiam a imersão puramente contemplativa e que associava-se às emoções provocadas propriamente pela prática desses esportes. O deslocamento e interesse daqueles jovens pelos esportes de inverno tinham a prática do esqui/snowboarding como metáfora de uma espécie de distanciamento e experimentação mais abrangentes. É como se as sensações de excitação derivadas da prática daqueles esportes radicais fossem reveladoras do rompimento temporário praticado em relação à vida monótona que tinham em seus contextos locais e da procura por experiências novas e intensas.

As motivações inerentes ao deslocamento desses sujeitos – e vinculadas a sua perspectiva diante da rotina de trabalho e lazer na estação de esqui – pareciam, pois, diretamente relacionadas a valores de "dinamismo" e "aventura". A sede por novas "experiências" e "vivências" fazia parte de suas falas e sua imersão sazonal no mercado de trabalho norte-americano tinha o interesse de dar vazão justamente a esse tipo de imaginário. A paixão pela prática de um esporte radical extremamente elitizado atrelava-se à idéia de uma intensa mobilidade e procura por experiências intensas. É como se tal procura mostrasse que esses indivíduos estão vivos e construindo ativamente uma cartela de novas vivências, o que, por sua vez, parece ser uma constante na maneira como interpretam sua trajetória. Em recente e-mail enviado da Austrália por Harry, por exemplo, é perceptível uma certa ansiedade do rapaz em mostrar um conjunto de viagens e experiências relativas à sua corrente vida no outro canto do planeta:

"Ola Gui, whats up (...) Elisa and I are still together, we went camping on the beach in the middle of nowhere for New Years Eve which was very cool, and we are both going

back to our mountain again this year, but only for about 2 months. Then I am going to New Zealand for one week with a friend, to go look for some more powder (...)".

Em um espaço de apenas três linhas, perde-se até o ar em ler sobre as viagens e atividades que Harry fez ou pretende fazer. É como "colecionador de experiências" e "caçador de emoções" (BAUMAN, 1998) que o australiano se posiciona diante da vida. Esse tipo de postura "ativa" e errante era simultaneamente sustentada na busca por aquelas atividades no Resort. Isso sugere, por sua vez, que tão importante quanto a procura por essas vivências é a necessidade de contá-las e mostrá-las para outras pessoas. Ao contarem-nas, esses jovens parecem constituir uma idéia positiva acerca de si mesmos, enquanto pessoas ativas e dinâmicas.

Nesse sentido, um aspecto relevante de se destacar referente à importância de sua experiência de deslocamento era o significado desse tipo de vivência quando de seu retorno para a Austrália ou Nova Zelândia. Em grande parte, a viagem parecia ser compreendida pelos participantes como uma forma de "desafio" inevitavelmente incorporada à história de suas vidas. Partir em direção a um país diferente, com leis e costumes distintos e inserir-se em um mercado de trabalho que tem características e regras próprias tinha esse sentido e tal empreendimento, como comentou o próprio Harry, costumava ser salientado após seu retorno para a Austrália:

"Eu acho que é importante essa experiência quando voltar. Na Austrália, muita gente nasce em uma cidade e morre nela mesma, mas a maioria dos jovens viaja quando é jovem. Eles vão mais para a Europa do que para a América, mas vem para cá também. Muitos trabalham na Inglaterra e depois viajam pela Holanda, Escócia, etc. Então, há uma coisa assim, as pessoas querem viajar e conferir como é o resto do mundo e, uma vez feito isso, tem uma certa aura de missão cumprida. Não é imprescindível, mas é importante. Então, mesmo que eu morra na cidade em que nasci, pelo menos eu dei uma olhada no resto

do mundo. Eu acho que a maioria das pessoas te respeita mais e respeita seu esforço e sua decisão. Mesmo que dê errado, as pessoas vão dizer que você pelo menos tentou e assumiu o risco. Eu acho que isso é uma coisa boa!"[69].

Um ponto interessante a se salientar nesta fala é que "conferir como é o resto do mundo" parece ter uma conotação diretamente vinculada ao caráter pessoal. "As pessoas te respeitam mais por isso". Dessa forma, o vínculo entre as biografias desses sujeitos, a qualificação da noção de mundo e as qualidades inerentes à partida conformam um sentido de aparente coerência para eles. Tal como sustentou Desforges (2000) em trabalho recente, em diferentes lugares e para diferentes grupos, os valores, identidades e trajetórias individuais têm se (re)definido cada vez mais em função de suas biografias de viagem. É claro que tais identidades e narrativas ganharão contornos e significados específicos de acordo com os contextos locais onde serão acionadas e formuladas. Isso não invalida, no entanto, as afirmações teóricas que aproximam essas experiências contemporâneas de deslocamento do desenvolvimento e sustentação de características pessoais. A análise feita por Munt (1994) é elucidativa a esse respeito:

"Moreover, these other post-modern tourisms have begun to be conceived (especially among the new petit bourgeoisie) as embodying personal qualities in the individual, such as strength of character, adaptability, sensitivity or even 'worldliness'" (MUNT, 1994: 109).

---

[69] Não resisto aqui a uma aproximação crítica da fala de Harry ao comentário feito por Lévi-Strauss acerca dos exploradores e viajantes da segunda metade do século XX: "Ser explorador, agora, é um ofício; ofício que não consiste, como se poderia acreditar, em descobrir, ao cabo de anos de estudos, fatos até então desconhecidos, mas em percorrer elevado número de quilômetros e em acumular projeções de fotos, ou animadas, de preferência em cores, graças às quais se encherá uma sala, vários dias seguidos, com uma multidão de ouvintes para quem as trivialidades e as banalidades parecerão milagrosamente transmudadas em revelações, pela única razão de que, em vez de produzi-las em sua terra, seu autor as terá santificado por um percurso de 20 mil quilômetros..." (LÉVI-STRAUSS, 1996: 16).

Nesse sentido, a difusão, entre esses jovens, da idéia de um "estilo de vida" mais errante e relacionado às viagens internacionais parece associar-se ao aprimoramento dessas qualidades pessoais, fazendo com que essas formas de deslocamento sejam bastante desejadas. Se é verdade que o vínculo entre o Okemo e os outros Resorts da Austrália e Nova Zelândia se estendeu, em parte, devido aos problemas de demanda do primeiro, como foi sugerido no primeiro capítulo, ele só se perpetua porque existem jovens interessados em despender uma razoável quantia de dinheiro para trabalhar e procurar por esse tipo de experiência. Nesse sentido, creio que as viagens individuais – ou com pequenos grupos – e de maior duração carreguem uma potencialidade transformadora maior e sejam vistas de forma mais positiva do que aquelas feitas por períodos curtos e em conjunto com familiares. Tal como sugerido por O'Reilly (2006), para o caso dos mochileiros que estudou, esse tipo de viagem individualizada – focada na obtenção de experiências pessoais fundamentais – e de períodos maiores tem se tornado um rito de passagem cada vez mais aceito e compartilhado entre jovens de diferentes países:

"In terms of long-term traveling, taking a 'gap year' after study is now common in the United Kingdom and Ireland. In Australia and New Zealand working abroad and the 'overseas exeprience' are a commom rite of passage, while many young middle-class Israelis make extended jouneys after their obligatory military service (O'REILLY, 2006: 1009)".

O que a experiência desses australianos e neozelandeses parece agregar a esse imaginário acerca das viagens é uma relação diferenciada com os esportes de inverno, que incorpora, como vimos, elementos associados à procura por "emoções", "dinamismo" e "aventura". Incentivados a viajar e a aventurar-se em terra estrangeira também devido a sua relação privilegiada com esse tipo de esporte, o deslocamento desses jovens incorpora a prática de esqui e snowboarding também como fonte constitutiva dos significados mais amplos de sua experiência. Deste modo, o marketing de alguns desses grandes Resorts de esqui nos Estados

Unidos acaba direcionando-se não somente aos turistas que atraem para passar alguns dias na estação, mas aos próprios trabalhadores internacionais que para lá se encaminham, como bem exemplifica a seguinte chamada que consta no endereço eletrônico da montanha norte-americana Mount Snow[70]:

"Mount Snow provides employment opportunities to candidates from all over the world! Last winter over 250 people from South America, Australia, New Zealand, Africa and Europe joined the team at Mount Snow for the work experience of a lifetime. Located in Southern Vermont just hours away from Boston and New York City, Mount Snow is a choice destination for those who wish to experience what life is like at a premier ski resort AND have a chance to visit some of the greatest cities the U.S. has to offer!".

Os consumidores das atividades e bens oferecidos por estes Resorts nos Estados Unidos não são somente os turistas norte-americanos ou de outros países. Esses próprios jovens trabalhadores estrangeiros parecem conjugar a venda de sua força de trabalho ao consumo desse tipo de atividade. Se os turistas continuam a ser a razão de existência desses Resorts de luxo, esses trabalhadores temporários emergem – incorporando essas práticas e representações – enquanto consumidores intermediários, talvez ainda mais lucrativos do que os primeiros justamente em função da concomitante venda barata de sua força de trabalho.

Dessa forma, o recrutamento desses "trabalhadores-viajantes" internacionais por parte dos complexos turísticos – e, em especial, por parte do Okemo – incorpora bastante bem a importância relativa à prática desse tipo de esporte. A gerente Crystal Starski chegou a tecer comentários ilustrativos acerca da conveniência da mão-de-obra australiana e neozelandesa para esse tipo de emprego. Segundo ela, além de "lidarem bem com o frio", eles têm experiência com o tipo de posição que viriam a ocupar no Okemo - já que exerceram esses

[70] Retirado de *http://www.mountsnow.com/employ_international.html*. Acesso em 02/11/2006

empregos durante pelo menos uma temporada em seus países - e seriam extremamente motivados ao trabalho em tais posições.

De fato, antes de ser visto como um trabalho árduo e mal pago, as representações dos australianos diante daquele tipo de experiência laboral no Okemo demonstravam uma procura por "dinamismo", "flexibilidade" e "aventura" supostamente gerados a partir desse tipo de deslocamento e vinculação empregatícia. A tentativa de materialização desses ideais expressava-se na interpretação que davam ao trabalho na estação de esqui e, além disso, na prática dos esportes radicais de inverno. A conciliação entre tais interesses não parecia, segundo suas falas, se opor ao ritmo monótono e desinteressante de sua rotina de trabalho no Okemo, já que, como vimos, seus discursos simbolizavam a experiência de trabalho na neve enquanto um componente central na obtenção de tais qualificações. Embora este fosse um ideal discursivo formulado amplamente pelos trabalhadores australianos e neozelandeses que estavam no Resort, veremos, na próxima seção, que, algumas vezes, a sustentação de tais discursos por aqueles sujeitos tornou-se impossível, principalmente quando os mesmos encontraram-se expostos a situações de maior tensão e contradição.

. Contradições entre Representações e Práticas

Apesar da conotação aparentemente "positiva" do trabalho desempenhado por esses jovens e das representações criadas em torno de seu deslocamento, muitos deles acabavam se deparando, no Okemo, com formas de exploração indesejáveis ou com situações que faziam transparecer sua real condição de "guestworkers" nos Estados Unidos. Neste caso, fazia-se patente um tipo de contradição entre a procura por errância e experiências aventureiras por parte desses jovens e a imposição de uma rotina de trabalho dura e exigente pelo Resort. É válido esclarecer que, apesar de não necessariamente contraditórias em suas representações, existia uma oposição entre seus projetos de livre errância e

vinculação empregatícia ao Okemo. De um lado, figurava a busca pelo lúdico e por uma proposta de juventude que englobasse experiências dionísicas e de desprendimento, enquanto, de outro, existia um certo controle e regulação de suas pretensas aventuras através de um vínculo empregatício atrelado ao "Guestworker Program" através do qual eram recrutados para os Estados Unidos. Sendo assim, a integração entre os discursos de errância desses sujeitos e as atividades de trabalho no Resort encontrou, algumas vezes, limitações físicas e gerenciais.

Na temporada 2005/2006, o recrutamento do Okemo na Austrália e na Nova Zelândia não foi capaz de trazer o número de jovens necessários para a manutenção dos teleféricos durante todo o inverno. Isso demandou um trabalho extra bastante exacerbado por parte dos estrangeiros que trabalhavam nestas posições. Alguns colegas costumavam se queixar do excesso de esforço e da forma como os patrões gerenciavam a falta de mão-de-obra. Deste modo, o insucesso na contratação de estrangeiros para tais posições e o decorrente excesso de trabalho exigido dos jovens australianos e neozelandeses que estavam no Resort entraram, algumas vezes, em contradição com as interpretações "positivas" que boa parte deles sustentava sobre a rotina de trabalho e sobre a inserção complementar da mesma junto às demais atividades que os atraía no complexo.

Assim, ainda que soubessem que portavam um visto e um contrato de trabalho que os vinculava diretamente ao empregador, alguns pediam mais tempo para poderem se dedicar às atividades lúdicas que também informavam o significado de sua experiência no Okemo. As contradições entre a interpretação que tinham de sua vinda para os Estados Unidos e a dura realidade de trabalho no Resort geraram alguns conflitos pontuais, fazendo com que algumas confusões relativas a seu status de "trabalhador-viajante" viessem à tona. O excesso de atribuições provocou, por vezes, situações de tensão e reclamação e, a partir de algumas delas, pode-se apreender algumas das contradições existentes entre seu projeto de juventude e errância e a relação de submissão gerada pelo tipo de permissão de trabalho a que estavam submetidos.

Um desses conflitos se passou com James, australiano que participava desse tipo de viagem a trabalho pela primeira vez. O jovem teve uma discussão bastante séria com a supervisora Aline. Segundo sua versão, ele não estava se sentindo bem em determinado dia e trabalhava na face sul da montanha, que era bastante isolada das demais regiões com maior infra-estrutura do Resort. Pelo fato de ficar distante dos demais alojamentos, restaurantes ou benfeitorias do complexo, telefonou para a supervisora e pediu trinta minutos de almoço para que pudesse tomar alguma coisa quente ou comprar um remédio. Por não ter recebido nenhum retorno, disse ter acionado o rádio para relatar que não se sentia bem.

Segundo o australiano, depois de mais de quinze minutos, Aline chegou e disse que não seria possível para ele deixar a posição em que estava e que deveria esperar o final do expediente para tomar alguma atitude. A partir daí, a conversa entrou, segundo James, em um tom mais agressivo e como ele notou que a supervisora parecia inflexível, disse que ameaçou abandonar o emprego e o Resort e voltar para a Austrália. Aline, então, incorporou sua ameaça, aceitando sua demissão e dizendo para que devolvesse o uniforme na mesma hora caso estivesse insatisfeito.

James não levou à frente sua ameaça e permaneceu na posição de trabalho até o final do dia. Segundo o australiano, ele "*não queria ter seus planos de viagem desfeitos por causa de uma atitude impensada*". Dizia, no entanto, ter se sentido bastante ofendido com as palavras e atitudes de Aline e que a partir de então estava contando os dias para terminar aquele trabalho e viajar para um Resort canadense aonde um amigo trabalhava. Ao ser indagado sobre a conversa e sobre o fato de ter seu vínculo entre o trabalho e a estada nos Estados Unidos explicitado, James me disse que tinha se sentido diminuído com o acontecido, principalmente pelo fato de ser estrangeiro e de ter sido ameaçado em decorrência disso, já que caso fosse mandado embora, teria que voltar imediatamente para a Austrália por conta de seu visto de trabalho.

O pequeno conflito de James com a supervisora Aline sugere algumas contradições relativas às representações de viagem e adesão a um determinado "estilo de vida" por parte desses trabalhadores e as reais vulnerabilidades a que encontravam-se expostos pelo fato de portarem o visto de trabalho temporário H-2B. Conforme salientado anteriormente, o visto H-2B confere total discricionariedade ao empregador com relação ao status do participante no programa, já que, neste caso, o empregador passa a ser concomitantemente o patrocinador da estada do trabalhador temporário que se submete ao visto. A ocorrência desse tipo de vínculo já foi comentada como problemática em outros trabalhos e para outros contextos (RUHS, 2002; GRIFFITH, 1986, 2006; OLIVEIRA, 2006). A vinculação do visto ao emprego do "guestworker" pode coibi-lo de forma significativa se o mesmo toma alguma atitude contra prejuízos sofridos ou injustiças a que tenha sido submetido. A ameaça de Aline a James deve ser compreendida nessa chave e tendo em vista esses dados e a manipulação desse "micro" poder por parte da supervisora. Ao mesmo tempo, ela sugere essa tensão existente entre os projetos de errância e desprendimento desse grupo de trabalhadores estrangeiros e a real vinculação a um "Guestworker Program" que explicita a concessão de poder do Estado a um empregador que tem a prerrogativa de decidir sobre a permanência de seus empregados estrangeiros nos Estados Unidos.

Tais contradições, entrementes, não necessitavam somente desse tipo de situação de conflito para serem manifestadas e percebidas e podiam ser depuradas a partir de reclamações rotineiras relativas ao vínculo entre empregados australianos/neozelandeses e o empregador e patrocinador norte-americano. Apesar daqueles jovens incorporarem os discursos positivos relacionados a seu deslocamento e inserção em terra estrangeira, as limitações do Programa de Trabalho Temporário relacionado ao visto H-2B vinham à tona em momentos de maiores exigências ou excesso de atribuições. Andrew e Harry, por exemplo, insistiram em lembrar, ao final da temporada, que haviam trabalhado mais do que

supunham ter que fazê-lo e que pelo fato de não terem tido ajuda e um tempo de lazer suficientemente expandido para realizarem as demais atividades que haviam planejado, estavam um pouco insatisfeitos. A seguinte fala de Harry demonstra algumas insatisfações nesse sentido:

"Em toda profissão em que eu trabalhei, trabalhava duro porque queria dar o melhor de mim. E aqui não é diferente (...) Mas no último mês eu estava muito frustrado e com muita raiva de trabalhar por mim mesmo, mais do que seria suposto para eu fazer...".

Tanto Andrew quanto Harry comentaram ter machucado as costas durante o trabalho devido tanto ao excesso de afazeres quanto à falta de companheiros e ajuda nos teleféricos. Ao narrar como se machucou, Harry contou do enfrentamento que teve com os supervisores diretos e de sua respectiva rudeza e falta de compreensão:

"Teve um dia que trabalhei sozinho e machuquei minhas costas (...) Então, David (supervisor) disse que éramos um tipo de trabalhador fraco que eles jamais tinham tido e eu disse que se continuassem a colocar só uma pessoa no teleférico o dia inteiro, era isso que iria acontecer. Eu fui e paguei uma massagem com o meu dinheiro. Eu não iria para uma massagem de outro jeito, só fui lá porque estava doendo demais. Não era divertido, doía como merda (...) E acho que eles não gostaram e parecia que eu estava sendo... que eu estava sendo... fraco por ter uma lesão nas costas... e eles dizem e intimidam você para trabalhar duro. E até hoje minhas costas doem e ainda estou machucado, mas não vou trabalhar no "Carpet"[71] para alguém dizer que sou fraco. Porque não é verdade, eu trabalho o mais duro que posso... e eles fazem isso porque não têm gente e porque nossos supervisores estão sob pressão de seus supervisores!".

---

[71] O "carpet" é um mini-teleférico para crianças. Nele, o operador não precisa fazer muito esforço para embarcá-las. No caso de alguns teleféricos mais antigos - como esse em que Harry trabalhava -, o operador precisa segurar uma pesada cadeira para que o turista embarque sem grandes incidentes. O movimento repetitivo de segurar a cadeira é bastante desgastante e deveria ser feito por um conjunto de trabalhadores. Devido à falta de mão-de-obra, no entanto, muitos australianos eram obrigados a trabalhar sozinhos durante um dia inteiro nessas máquinas, com um intervalo mínimo de almoço.

Essa dura rotina era, dessa forma, frequentemente contrastada, pelo menos em suas falas, ao tratamento dispensado pelos Resorts australianos de onde haviam sido recrutados. Apesar de também comentarem que o trabalho nestes lugares era pesado e exigente, eles diziam que, pelo menos nos teleféricos, havia um grupo maior de trabalhadores e que todos eram bastante dedicados, em oposição aos locais norte-americanos[72]. De fato, a experiência de trabalho nas posições externas do Resort estava longe de ser branda ou divertida e ainda que a maioria dos australianos e neozelandeses tivesse uma boa relação com o tipo de atividade que exerciam – justamente em função da centralidade das atividades laborais na constituição de sua experiência, como discutido anteriormente –, as frustrações e insatisfações com relação ao desempenho daquela rotina no Okemo apareciam ao longo das falas e ações de alguns e podiam ser apreendidas a partir de um olhar menos superficial sobre sua experiência no Resort.

As contradições entre o projeto lúdico e errante desse grupo de australianos e neozelandeses e seu real vínculo empregatício nos Estados Unidos também puderam ser apreendidas a partir da perspectiva de relacionamento dos mesmos junto ao Estado. Um acontecimento com um grupo de "snowmakers" australianos na fronteira do Canadá com Vermont foi fundamental nesse sentido. Esse grupo teve sua entrada no Canadá negada pelas autoridades canadenses. Vale lembrar que o visto H-2B, por não permitir a permanência dos trabalhadores nos Estados Unidos se eles não estiverem trabalhando, conferia algumas restrições aos planos de "viagem" e "aventura" desses jovens nos Estados Unidos. Uma das estratégias adotadas por eles para expandir sua permanência no país era, ao final da temporada, entrarem no Canadá e retornarem para os EUA com o visto de turista. Ao fazerem isso, eles podiam ser "reclassificados" pelo Estado norte-americano, podendo permanecer por mais tempo no país e conseguir, assim, uma maior

[72] Essa identificação com os Resorts de esqui na Austrália e Nova Zelândia era bastante recorrente. Algumas vezes, ouvi os australianos referirem-se com saudosismo à "minha montanha", onde tinham aprendido a praticar esqui e snowboarding e trabalhado em sua primeira temporada.

flexibilidade para conciliar seus planos de trabalho e viagem. No entanto, como esse grupo teve sua entrada no Canadá negada pelas autoridades do país, foram obrigados a deixar às pressas os Estados Unidos, dado que sua permanência legalizada expiraria imediatamente.

Apesar de não ter podido acompanhar esses jovens após o acontecido – já que eles embarcaram no mesmo dia em uma van do Resort em direção ao aeroporto John Kenedy, em Nova York –, esse pequeno "drama" vivido por eles deixou aparente o fato da classificação oficial de seu status em terra estrangeira se distinguir de suas representações com relação a esse tipo de viagem. De acordo com suas representações, além de trabalhadores, eles eram jovens recrutados para uma "experiência internacional" que associa-se a um projeto de juventude específico e que se apropria de estratégias de inserção nos nichos do mercado de trabalho sazonal norte-americano para ser realizada. Ocorre que, neste caso, o Estado receptor reconhecia-os como trabalhadores temporários de "baixa qualificação" (visto H-2B) e, a partir de um "incidente" na fronteira canadense, fica claro um certo confronto entre sua lógica de "caçadores de aventuras e emoções" e a lógica de controle do Estado norte-americano sobre seus movimentos e ações. Sem poderem recorrer a nenhuma outra instância ou serem reconhecidos de outra forma, a única alternativa possível para sua situação, no caso, foi o caminho de volta para a Austrália.

A contradição entre essas representações e práticas não negava, no entanto, a associação dos aspectos anteriormente elencados e relativos a sua experiência de trabalho e deslocamento. Tais aspectos podem, ao contrário, ser compreendidos como intrinsecamente relacionados. Seus projetos de errância e aventura e a vinculação empregatícia ao Okemo podiam ser compreendidos ora numa chave contraditória, ora numa chave conciliatória. Se, por vezes, alguns eventos ou condições de trabalho faziam nublar uma perspectiva "positiva" diante da atuação naquele tipo de emprego sazonal, a "mudança de perspectiva" que almejavam parecia estar em plena consonância com a procura por "novas experiências" e

"vivências", prática de esportes radicais de inverno, "prolongamento" de sua juventude através de viagens internacionais e consumo de um certo tipo de "experiência" nos Resorts de esqui dos Estados Unidos e de seus países. Tais buscas, por sua vez, não pareciam se desconectar de discursos e práticas mais amplos relacionados aos imaginários do turismo e da globalização contemporânea e que exacerbam a associação entre experiências de mobilidade e deslocamento e a obtenção de qualificações e qualidades pessoais.

As estratégias do Okemo para a captação de mão-de-obra e preenchimento das posições do Resort com os quadros de trabalhadores mais convenientes relaciona-se, por sua vez, ao tipo de perspectiva e proposta a que esses jovens aderem a partir de seus contextos australiano e/ou neozelandês. Ao oferecerem a oportunidade desse tipo de "experiência" em terra estrangeira, os recrutadores captam as vontades mais abrangentes dessas pessoas, ao mesmo tempo que isso lhes permite ter acesso a um tipo de trabalhador que dificilmente poderia ser encontrado em Ludlow ou arredores. O empregador faz uso, neste caso, do Programa de Trabalho Temporário com visto H-2B do Estado norte-americano a fim de relacionar, da forma mais conveniente possível, os melhores quadros de funcionários para suas posições sazonais.

Isso não se dá, no entanto, de forma unidirecional. Ao enviar seus recrutadores para a Austrália e Nova Zelândia, o Okemo precisa lidar com um conjunto de aspirações e interesses que conformam a experiência de trabalho desses sujeitos nos Estados Unidos. A captação desses jovens particularmente interessados nas posições de trabalho no frio é feita através de um visto de trabalho temporário que, ainda que seja fruto de um histórico de decisões legislativas inerentes à sociedade norte-americana, corresponde apenas a um meio de interconexão entre os interesses desses sujeitos e os de seu empregador no norte. O oferecimento dessas posições de inverno pelo Okemo é dependente, dessa forma, de "projetos de juventude" determinados e de ideais de "dinamismo", "aventura" e "mudança de vida" caros às representações desses sujeitos.

O próximo capítulo descreverá a experiência de deslocamento e trabalho do contingente jamaicano no Resort. Sua experiência é captada em contraste com a dos outros grupos apresentados e os processos de recrutamento e atuação no Okemo dão a tônica de uma inserção bastante diferenciada e alheia aos discursos de juventude e deslocamento sugeridos até agora. De qualquer maneira, veremos que o recrutamento desses trabalhadores pelo complexo tem uma lógica e um histórico particular com os quais o Resort precisa lidar a fim de preencher suas posições sazonais de forma satisfatória.

Capítulo 4:
Programa de Trabalho Temporário Permanente: a Experiência dos Jamaicanos no Okemo

. Descrição dos Trabalhadores e das "Redes Informais de Recrutamento"

O contingente de trabalhadores jamaicanos recrutados sazonalmente pelo Okemo tem um perfil um pouco diferenciado dos jovens apresentados até agora. Trata-se de um grupo de pessoas um pouco mais velhas, com média de idade que variam entre trinta e cinquenta anos, e que, no Resort, trabalhavam em funções internas relacionadas à limpeza e aos serviços de culinária. Esses trabalhadores, tais como os australianos e neozelandeses, também eram contratados por meio do Programa de Visto H-2B. Assim como os jovens da Oceania, eles também não tinham formação universitária e eram oriundos de uma classe trabalhadora vinculada a atividades do ramo turístico em sua terra natal. Vindos majoritariamente dessas áreas de "Resort" e já atuando previamente nesse tipo de emprego na Jamaica, muitos utilizavam o Programa de Trabalho Temporário como uma forma de vinculação empregatícia ou prolongamento regular da estada produtiva nos Estados Unidos.

Este grupo de trabalhadores foi o que mais despertou minha curiosidade quando estive no Okemo ainda na temporada de inverno 2003/2004. Naquela época, fui avisado por um colega chileno que haveria uma viagem de compras para a cidade de Claremont (NH) e que deveríamos participar porque, já havia notado, os alimentos e produtos vendidos no pequeno supermercado de Ludlow eram bastante caros. Esperamos o ônibus, que estacionou em frente à casa onde morávamos, e entramos para poder seguir em direção ao outro estado. O grande choque foi que havia cerca de quarenta pessoas negras falando uma língua

diferente e esperando que lotássemos a condução para prosseguirem viagem até Claremont. Já estávamos há cerca de vinte dias trabalhando no Resort e não tinha visto nenhuma daquelas pessoas circulando por lá. Foi quando o colega Eduardo, que havia vindo comigo de Michigan, comentou:

– "Acho que eles também trabalham no Resort!"

O mais "assustador", naquele caso, era saber que eles também eram funcionários do Okemo e que não sabia de sua existência até aquele momento. Como fiquei apenas mais uns dez dias em Ludlow naquela época, não tive oportunidade de sanar qualquer daquelas dúvidas e curiosidades. Uma das poucas interações que tive com eles foi ainda durante aquela "shopping-trip"[73]. Uma das cenas que me chamou a atenção foi ver o agora colega Rodney comprando brinquedos e roupas em grandes quantidades em uma loja de departamento da rede "Wall-Mart". Isso me levou a colocar a experiência dos outros grupos com quem tinha tido contato e a minha própria em perspectiva, já que aqueles jamaicanos não pareciam jovens em busca de "aventura" ou "novas experiências", como já havia me habituado a ouvir.

Quando cheguei ao Okemo em dezembro de 2005, procurei uma aproximação imediata junto a alguns trabalhadores jamaicanos. Ainda nos primeiros dias, contei de minha pesquisa a Charles e Patrick, que, depois de terem desconfiado de meu uniforme do Resort – como me foi confessado posteriormente –, entusiasmaram-se e propuseram a ajudar, querendo saber mais sobre o tipo de trabalho que desejava fazer. Apesar da simpatia e abertura por parte dessas pessoas – extremamente importante na obtenção dos dados de pesquisa, já que, também durante essa temporada, não compartilhava com eles, a princípio, nenhum dos ambientes de trabalho ou moradia –, tive algumas dificuldades iniciais em decorrência do sotaque e de comunicarem-se entre si em uma língua

[73] "Shopping-trips" eram essas viagens de compras para a cidade de *Claremont* (NH) oferecidas aos empregados quinzenalmente pelo próprio Resort e melhor descritas e problematizadas no decorrer deste capítulo.

com a qual não tinha familiaridade[74]. Neste momento inicial, propus ao setor de Recursos Humanos me mudar de posição ou moradia, a fim de justamente ter esse tipo de dificuldade amenizada. Ambos os pedidos me foram negados, mas fui ganhando, com o passar do tempo, a confiança de algumas personalidades-chave, que ajudaram-me a compreender algumas das representações e significados relativos ao deslocamento daquelas pessoas para os Estados Unidos e de sua estada de trabalho no Okemo.

Já na segunda metade da temporada, ao me desvincular da rotina de trabalho do Resort, participei de almoços e confraternizações em uma das casas dos jamaicanos – "Guil Terrace"[75] – e, devido aos contatos prévios com sujeitos diferentes, pude circular um pouco mais entre seus ambientes de moradia e trabalho, participando, assim, mais intensamente de sua rotina no Okemo. Neste período, foram feitas entrevistas e anotações de campo diversas sobre sua experiência no complexo. Devo salientar, no seu caso, a grande dificuldade de obtenção de dados justamente em função de sua rotina de trabalho. Como não tive a oportunidade de trabalhar nas mesmas posições que eles, a percepção que tive de sua estada baseou-se em conversas e observações feitas fora de seu ambiente de trabalho (em suas casas, na van dos empregados ou ainda no "locker" dos empregados, aonde esperavam pelo transporte ao final do dia) ou – mais ao final da temporada – em pequenas incursões aos lugares aonde trabalhavam. Apesar do fato de ser particularmente difícil fazer pesquisa com quem tem esse tipo de rotina de trabalho, tais dificuldades foram amenizadas com almoços conjuntos, circulação intensa dentro do Resort e táticas dos próprios sujeitos de pesquisa para transformar alguns minutos de sua rotina em tempo para dialogarem e

---

[74] Os jamaicanos conversavam entre si em patuá – também conhecida como Patoá, Patois ou Jamaican Patois –, língua derivada do inglês e que também é falada na Guiana Francesa. Apesar da maioria ter um bom domínio da língua inglesa, a utilização do patuá era comum em seu dia a dia em Vermont, principalmente quando estavam juntos e conversavam entre si.

[75] Essa era uma das moradias aonde os jamaicanos instalavam-se e que ganhava o nome da rua – Guil Terrace – onde se localizava.

conversarem sobre suas vidas e sobre a percepção que tinham daquilo que estavam fazendo nos Estados Unidos[76].

No caso destes jamaicanos, não parecia haver qualquer vínculo entre sua estada e o "consumo" de imagens e produtos associados diretamente à estação de esqui ou ao Resort de luxo. Muito menos havia uma associação entre a procura por aqueles empregos e a concomitante busca por "crescimento pessoal" e/ou contatos multiculturais derivados desse tipo de viagem internacional. Eles estavam no complexo, antes de mais nada, diziam, pelas oportunidades de emprego sazonal que o mesmo oferecia e como uma forma de darem continuidade ao tipo de ocupação que tinham na Jamaica com remunerações financeiras, no entanto, mais vantajosas[77].

A idéia de partida da Jamaica surge como uma possibilidade de maior valorização de seu trabalho e de ganhos financeiros mais expressivos, já que, como salientou Agatha, "na Jamaica, a gente trabalha muito para ganhar muito pouco". Com um histórico mais antigo de trabalho no complexo, alguns também pleiteavam o visto H-2B para atuarem em outros Resorts e complexos turísticos dos EUA durante o verão. Segundo conversas e depoimentos recolhidos em campo, alguns dos trabalhadores jamaicanos que estavam no Okemo durante a temporada de inverno 2005/2006 costumavam trabalhar, no verão, em Resorts e hotéis também localizados no nordeste dos Estados Unidos, em estados como Massachussets, Maine e New York.

---

[76] Um exemplo desse tipo de tática foi o "esconderijo" usado por Agatha para conversarmos enquanto trabalhava em um dos restaurantes do complexo. Era um pequeno cômodo reservado ao depósito de mercadorias como balas, doces e chocolates. Após almoçarmos, ela falava para eu finjir que ia embora e me encontrava no andar debaixo do restaurante. Depois de deixar o material de limpeza na porta do banheiro feminino (caso fosse questionada por algum supervisor, diria que não o havia limpado porque estava ocupado), íamos para esse cômodo para conversarmos sobre assuntos diversos.

[77] O apanhado que David Griffith (2006) faz sobre os trabalhadores jamaicanos vinculados ao Programa de Trabalho Temporário H-2B corroboram os dados encontrados em Vermont. Sengundo o antropólogo, "we found that slightly more than two-thirds of Jamaicans working with H-2B visas did come from resort areas, although only a handful worked for places like Sandals, a chain of exorbitantly priced resort in the Caribbean" (GRIFFITH, 2006: 124). Com pesquisa de campo realizada tanto nos Estados Unidos quanto na Jamaica, o autor comenta que o salário médio das arrumadeiras de quarto em seu país é de J$6.000,00 (U$150,00) por semana (2006: 126), o que faz com que esse tipo de emprego nos Estados Unidos seja visto como uma boa oportunidade de aumento de renda.

O recrutamento dessas pessoas, ao contrário do que acontecia com os australianos e neozelandeses, não era feito diretamente pelo Resort. Diferente dos sul americanos, por sua vez, não havia agências de recrutamento descentralizadas e responsáveis por captar mão-de-obra através de direcionamentos de marketing específicos. O que havia era o contato de cerca de sete anos do departamento de recursos humanos do Okemo com uma única agenciadora jamaicana que é a responsável por recrutar esses trabalhadores e inseri-los nas posições demandadas pelo complexo. Essa agente parece deter um controle bastante grande sobre as contratações de jamaicanos feitas pelo Resort, além de operar em conexão com outros complexos turísticos dos Estados Unidos, fornecendo mão-de-obra para os mesmos também durante o verão. Segundo a gerente de RH do Okemo, o relacionamento com essa agente teria começado a se estabelecer no ano de 1999, quando alguns membros do departamento ficaram sabendo que havia jamaicanos trabalhando em outros lugares na cidade de Ludlow e que eles haviam sido contratados através dessa pessoa:

"Nós ouvimos sobre um restaurante de café da manhã no centro da cidade, ficamos interessados e conversamos com eles sobre o programa. A partir daí, eles nos colocaram em conexão com a recrutadora".

Dessa forma, o recrutamento dos jamaicanos parece ocorrer sem a interferência direta do Okemo ou de agências intermediárias especializadas nesse tipo de agenciamento, mas através de indicações e redes de relacionamento já estabelecidas na Jamaica. Muitos dos trabalhadores novatos que vieram para o Okemo nessa temporada, por exemplo, já haviam participado do programa de trabalho temporário durante o verão e foram recrutados pela agente, segundo eles, devido à similaridade das posições que ocupavam nesses empregos quando vieram trabalhar para outros empregadores norte-americanos. Outros, ainda, haviam sido indicados por terceiros que já participavam do programa há mais

tempo. Dorothy, por exemplo, participou do programa pela primeira vez neste ano. Mãe de sete filhos, disse que quem a havia indicado teria sido o cozinheiro-chefe com quem trabalhava em um hotel de Montego Bay. Ao final da estação, a jamaicana disse que pensava em prolongar a estada – procurando um outro empregador no verão –, mas que antes pretendia voltar para a Jamaica para indicar outros dois filhos (um deles havia ficado em seu lugar durante o tempo de trabalho nos Estados Unidos) para a recrutadora.

O que o caso de Dorothy sugere é a consolidação de "redes informais"[78], formadas, muitas vezes, por parentes que articulam um rearranjo de posições em benefício de todo o grupo familiar. O "cozinheiro-chefe" que havia indicado Dorothy, por exemplo, parece constituir o respaldo de um empregador jamaicano para a contratação da "subordinada", já que é ele o contato primeiro da agenciadora. Ao fornecer Dorothy para a intermediária, ele recebeu um de seus filhos, que veio a ocupar o lugar de trabalho da mãe. A partilha entre os familiares das responsabilidades do emprego prévio na Jamaica, portanto, é um dos fatores que ajuda a sustentar esse tipo de prática. Da mesma forma, o recrutamento de outros jamaicanos com quem conversei teve por base indicações de parentes, amigos ou conhecidos e também passou por esse tipo de "network" informal, o que faz com que sua contratação não se relacione a um vínculo direto com o empregador, como era, por exemplo, no caso dos australianos e neozelandeses.

O acesso dos jamaicanos ao emprego no mercado de trabalho do norte não se dava, portanto, através da utilização maciça de material de marketing ou do envio direto de empregadores norte-americanos para a Jamaica, mas através dessa agente, responsável por concentrar o poder sobre tais redes de contratação de mão-de-obra. Patrick, por exemplo, disse ter começado a participar do programa em 1997 e que, desde então, tinha uma "boa" relação com a agente, o que teria

[78] Com essa terminologia, quero dizer que o recrutamento desses jamaicanos acontecia não através de agências especializadas na contratação de mão-de-obra estrangeira nem do vínculo explícito com o Okemo, mas por meio de uma rede de parentes, amigos e agenciador consolidada de forma não contratual e estabelecida em função de indicações personalizadas dos participantes do programa.

facilitado suas inúmeras viagens para os Estados Unidos. Separado e pai de uma menina na Jamaica, ele utilizava essas viagens para manter a filha e foi escolhido e convidado pela recrutadora para vir para o Okemo devido à sua experiência com cozinha em um pequeno restaurante em Woodstock (Vermont) para o qual trabalha há cerca de seis anos durante o verão:

"A agente ficou sabendo e decidiu me mandar para cá porque eles queriam alguns cozinheiros e, você sabe, como já tenho participado do programa por um tempo, eles me ofereceram essa posição no inverno, apesar de, freqüentemente, trabalhar somente no verão!".

A recrutadora, além de ser a responsável por reunir todas as indicações e encaminhar as contratações, viajava junto com aqueles trabalhadores e acompanhava-os até Boston para certificar-se que todos iriam "embarcar de volta para a Jamaica". Havia, nesse sentido, um maior "controle informal" da movimentação desses sujeitos nos EUA. Oriundos de uma classe trabalhadora jamaicana bastante diferenciada de sua correlata australiana ou neozelandesa, os jamaicanos que estavam no Okemo pareciam mais dependentes daquele tipo de vínculo trabalhista e a entrada nessas "redes informais" era, de certo modo, a garantia de manutenção de um emprego mais atraente que aqueles exercidos previamente na Jamaica ou de oportunidades que pudessem ser geradas para eles no mercado de trabalho daquele país.

É importante salientar, e no caso desses jamaicanos isso fica bastante claro, que apesar do Okemo manipular e fazer uso de diferentes estratégias de contratação de seus trabalhadores temporários, seu cardápio de opções de mão-de-obra estrangeira é também estabelecido em decorrência de um determinado histórico de relações entre os Estados-nação que enviam e recebem esse tipo de fluxo. No caso da Jamaica, a tradição de fornecimento de mão-de-obra para a antiga colônia inglesa e, particularmente, para os EUA é bastante sedimentada.

Vários são os trabalhos antropológicos que discutem a interação da ilha caribenha com os Estados Unidos. Sidney Mintz (1996) lembra, por exemplo, que, juntos, migração laboral, escravidão, colonialismo e economia de "plantation" foram responsáveis por uma violenta e precoce exposição dos caribenhos aos males do capitalismo e da modernidade. Para Basch *et al.* (1994), por sua vez, a dinâmica de deslocamento e mobilidade dos caribenhos é fundamental até mesmo para o entendimento dos aspectos mais centrais das relações sociais constituídas nas ilhas.

Com relação ao vínculo entre Estados Unidos e Jamaica, em particular, Grasmuck & Pessar (1991) argumentam que desde 1840 o país caribenho tem constituído a linha de frente dos processos migratórios "legalizados" ao país do norte. Os acordos bilaterais estabelecidos entre os Estados Unidos e os países das "Índias Ocidentais Britânicas" ajudam, nesse sentido, a explicar o vínculo histórico de contratação de trabalhadores temporários jamaicanos pelos empregadores norte-americanos. Atualmente, dos cerca de sessenta e seis mil vistos H-2B para trabalhadores temporários estrangeiros expedidos anualmente pelo departamento de imigração dos Estados Unidos, cerca de um sexto é para habitantes da Jamaica[79]. Devido ao histórico de relacionamento privilegiado do país com esses Programas de Trabalho Temporário norte-americanos, exemplos como os desses trabalhadores do Okemo tornaram-se bastante comuns[80].

Um artigo de David Griffith escrito em 1986 aponta alguns dos motivos históricos que teriam levado as "British West Indies", e a Jamaica em particular, a conformarem uma longa tradição de envio de trabalhadores através do Programa

---

79 Retirado de *http://www.workpermit.com/news/2006_04_20/us/resorts_need_short_term_workers.htm.*

80 Um outro país que tem uma certa tradição de envio de trabalhadores temporários para os EUA através do Programa de Vistos H-2B é o México. Também em função de acordos diplomáticos e do histórico de imigração de mexicanos para os Estados Unidos, o Estado mexicano é responsável hoje pela maior porcentagem de trabalhadores sazonais enviados através deste Programa de Visto. Esse dado foi retirado da narrativa de David Griffith (2006) acerca da evolução do Programa de Trabalho Temporário com visto H-2: "Even as the sugar program ended, the H-2 program was expanding across the United States in other notable ways, including shifting from the Caribbean to Mexico as the principal source of labor, expanding into non-agricultural seasonal labor, and recruiting more women from Mexico and the Caribbean. With the nonagriculutrual component, H-2 visas were split into H-2A (for agricultural workers) and H-2B (for nonagricultural workers). The largest recipients of H-2B workers have been North Carolina and Texas seafood producers, horse racing stable attendants in Arizona and California, and workers in coastal hotels, resorts, and casinos across the southeast (Griffith, Heppel, and Torrres 1994)" (GRIFFITH, 2006).

de Vistos H-2 para os EUA. Ainda na década de 1940, segundo o antropólogo, a Jamaica foi um dos países escolhidos para suplementar o programa "Bracero" nas fazendas norte-americanas – através do *British West Indies Program* – e desde então mantém a tradição de enviar trabalhadores sazonais para os EUA através deste programa:

"Designed to supplement the larger Bracero program, the British West Indies were chosen as the source of additional foreign labor primarily because: 1) the islands were closer to the Eastern United States than Mexico; 2) the islands were experiencing high rates of unemployment because the war had decreased shipping and tourism; 3) diplomatic relations between the Crown Colony governments of th islands, the U.K., and the U.S. were such that intergovernmental agreements were negotiated easily; and 4) the BWI workers spoke English" (GRIFFITH, 1986: 876).

As iniciativas de recrutamento desse tipo de mão-de-obra pelo Okemo deram-se, portanto, a partir do conhecimento, por parte do setor de RH do complexo, dessas "redes informais" tornadas possíveis, em parte, por conta destes históricos acordos internacionais. Isso faz com que o recrutamento dos jamaicanos pelo Okemo seja um pouco diferente daquele referente aos australianos e neozelandeses, apesar de ambos serem relacionados ao Programa de Vistos H-2B. No caso dos jovens da Austrália e Nova Zelândia, a demanda de sua contratação por parte do Okemo deriva de uma rede de relacionamentos menor e referenciada a indivíduos que trabalham temporariamente em um nicho muito particular do mercado de trabalho destes países – o dos esportes de neve. Já a demanda de contratação dos jamaicanos pelo Okemo deriva de redes de indivíduos mais amplas, formadas por trabalhadores e recrutadores diversos e relacionadas a negociações diplomáticas constituídas entre os Estados Unidos e a Jamaica[81].

[81] Os dados de Griffith (2006) acerca desse tipo de negociação diplomática entre os Estados Unidos e os representantes de países que desejam inserir ou ampliar o conjunto de trabalhadores nos EUA são extremamente interessantes e remetem a posturas não tão incisivas destes representantes na defesa dos

Através das redes chanceladas por esse tipo de acordo, portanto, o Resort contrata, anualmente, um conjunto de cerca de cem jamaicanos para os departamentos de "Housekeeping" e "Culinary Services". No seu caso, tal como no dos australianos e neozelandeses, o Okemo também custeia as despesas referentes à expedição do visto H-2B (aproximadamente seiscentos dólares) e os trabalhadores precisam desembolsar ainda cerca de novecentos dólares para remunerar os serviços de recrutamento e as taxas consulares adicionais. O bilhete aéreo, ao contrário dos demais grupos, é pago antecipadamente pelo Resort e deduzido quinzenalmente nos contracheques dos caribenhos. Essa medida, segundo a gerente de recursos humanos do Okemo, foi acordada entre o complexo e a agente, visando tornar mais fácil e garantida a canalização dessa mão-de-obra pelo mesmo. Com esse tipo de acordo, o Resort parece se adequar às piores condições de renda desses trabalhadores, já que seiscentos ou setecentos dólares norte-americanos pagos à vista por um bilhete aéreo parecem fazer bastante diferença em suas contas domésticas. O "parcelamento" do bilhete aéreo pelo Okemo sugere, por sua vez, a lealdade e vínculo com o empregador até o final da estada de trabalho nos Estados Unidos, fato que fica subentendido pelos trabalhadores neste caso.

---

direitos de seus trabalhadores justamente em função da concorrência dos postos de trabalho com outros Estados-nação pauperizados: "At a meeting of several liaison officers in Ontario, Canada, in 2003, I observed and listened to several women and men in these positions express frustration overs their posts. Although the consular officials from Mexico and Jamaica were noticeably quiet throughout much of the meeting, one of the Canadian liaison officers from the Eastern Caribbean said he was afraid that if he advocated too hard for workers from his country he would lose jobs to workers from Jamaica, Mexico, El Salvador, or perhaps even Laos, or any other country hungry to establish guestworker agreements with Canada and the United States. Similarly, the secretary of labor Luis that I interviewed in Kingston viewed Jamaica as a competitor with other Caribbean countries and with Mexico in terms of sending guestworkers to the United States and Canada" (GRIFFITH, 2006: 139).

. Aspectos Relativos ao Trabalho e ao Prolongamento da Estada nos EUA

No caso desse grupo de trabalhadores jamaicanos, as redes de recrutamento parecem apontar, através das descentralizações e atuação desses agenciadores, para um relacionamento mais direto e contínuo com o Resort. Além de subentendido o vínculo de trabalho até o final da estação, boa parte dos jamaicanos pretendia voltar aos mesmos empregos no ano seguinte, o que fazia com que a viagem fosse prioritariamente concebida, no seu caso, como uma oportunidade de vinculação empregatícia nos Estados Unidos e acesso a uma estada regularizada no país. Como os salários oferecidos pelo Resort eram relativamente altos (cerca de mil e cem dólares mensais ou sete dólares por hora) se comparados a suas oportunidades e rendimentos no país de origem, os jamaicanos, muitos deles pais e mães de família, diziam ter vindo para o Okemo incentivados pelas oportunidades de emprego e "ganhos em dólar".

Outras vivências e motivos, como veremos adiante, também eram articulados e relacionados a essa inserção temporária no país do norte, mas creio que a ênfase de seus discursos nesse tipo de viagem recaía sobre a oportunidade de sustentar as famílias na Jamaica ou mesmo de "melhorar de vida" através do emprego sazonal, o que dava a tônica de representações menos associadas a atividades desvinculadas da rotina de trabalho do complexo. Dorothy, por exemplo, dizia ter vindo para os Estados Unidos pela primeira vez naquela estação. O marido trabalhava na construção de uma rodovia na Jamaica e ela contou alguns dos motivos que a fizeram querer participar do Programa de Trabalho Temporário no país:

"A principal razão porque eu vim é que eu preciso de dinheiro para fazer as coisas na Jamaica. Meu marido tem que terminar a reforma da nossa casa. E pagar minhas contas e as crianças (dois filhos mais novos) estão no último ano da escola e ainda tem minha neta... E quando você trabalha na Jamaica, com o que você ganha você não pode pagar tudo

isso. Você tem realmente que vir para os Estados Unidos porque o dinheiro aqui é mais forte do que o nosso dinheiro jamaicano. Então, aqui, se eu trabalho duas semanas, eu pego meu salário e posso fazer um monte de coisas na Jamaica. Lá, você tem que trabalhar e trabalhar para ter as coisas feitas. E não posso economizar muito como quando agora que eu vim para os EUA".

Percebe-se que embutida na percepção do sentido da viagem de Dorothy para os EUA está o sustento e apoio de uma rede de familiares na Jamaica, através do envio de remessas para o marido. Empregada previamente no setor turístico jamaicano, a vinda para os Estados Unidos soa como uma boa oportunidade para sua vida pessoal e para a de seus parentes. É dessa forma que Dorothy embarca para o país deixando as crianças aos cuidados do marido e das outras filhas na Jamaica[82]. Apesar desse tipo de viagem significar grandes rupturas para alguns, a importância em participar do Programas de Trabalho Temporário no Okemo remete ao fato de poderem conquistar ganhos econômicos relativamente altos se comparados às possibilidades que essas pessoas teriam na Jamaica. Agatha, que participa do programa há mais de quatro anos, veio durante o inverno pela primeira vez na temporada 2005/2006. Nos anos anteriores, havia trabalhado para um Resort de verão em *Cape Cod*[83]. Ela comentou em entrevista que sente bastante falta do casal de filhos adolescentes e de um estilo de vida com menos ruptura e que lamenta não poder ter esse tipo de oportunidade no próprio país:

"Eu sinceramente não gosto desse estilo de vida. É um tanto distante de casa. Eu sei que a gente conhece diferentes pessoas, de diferentes países... É difícil quando você sente a falta da sua família, como agora. Eu estava com eles, mas passei sete meses longe e já voltei

---

[82] O marido de Dorothy trabalhava como operário na pavimentação de uma nova rodovia em Montego Bay. Já ao final de nossa estada em Ludlow, o ônibus que levava os operários para o trabalho se acidentou e ele machucou-se seriamente. Uma das filhas dizia à jamaicana que aguardava ansiosamente seu retorno ao país, justamente pelo fato dela ter tido que assumir também os cuidados das crianças e do acidentado.

[83] *Cape Cod* é uma península com aproximadamente 110 quilômetros de comprimento localizada no estado de Massachusetts (MA), no nordeste dos Estados Unidos, e com um enorme desenvolvimento da indústria do turismo e afluxo de turistas, principalmente durante o verão.

para cá em dezembro. E eu tinha chegado em casa no fim de outubro. Então, eu fiquei um mês e voltei e só estou indo embora agora, no dia 31 de março. E essa viagem tem sido especialmente difícil para mim porque eu nunca tinha vindo no inverno antes. E é frio! E com esse tipo de vida, do que eu mais sinto falta é do relacionamento com minhas crianças".

O interessante em sua fala é que é suposto que a viagem deva ser vista como positiva, já que "a gente conhece diferentes pessoas, de diferentes países". A propaganda "multiculturalista" associada a esse tipo de viagem e inserção internacional, no entanto, não parece ser tão importante em sua experiência pessoal, ao contrário do que acontece com os outros grupos descritos. Seu deslocamento, neste caso, não se associa diretamente à adoção de um "estilo de vida" almejado ou às oportunidades que esse tipo de "contato com pessoas diferentes" proporciona. Agatha muito provavelmente preferiria estar em casa com os filhos ou tê-los junto consigo durante a estada nos EUA[84]. A opção de viajar ao Resort , no seu caso, é uma alternativa ao precário mercado de trabalho a que se encontra atrelada na Jamaica e associada a cálculos e possibilidades de ganhos mais significativos em terra estrangeira. Além disso, a vinda para o Okemo, no seu caso, envolve objetivos diretamente relacionados à acumulação de dinheiro para economias futuras e, principalmente, envio à Jamaica. Prova disso é que, nos dias de pagamento, muitos jamaicanos iam diretamente do banco ao supermercado da cidade, onde havia um representante da "Western Union", veículo mais utilizado por eles para enviarem remessas para casa a partir dos Estados Unidos.

---

[84] Aqui, vale lembrar que o programa de visto H-2B a que os jamaicanos estavam vinculados não incorpora a "reunificação familiar" enquanto uma possibilidade legal. O trabalhador que se submete a esse tipo de visto para trabalhos de "baixa qualificação" não pode trazer consigo filhos ou parentes. Isso não ocorre, por exemplo, no caso do programa de visto H1-B para trabalhadores "qualificados". Este segundo programa é destinado à captação prioritária de mão-de-obra estrangeira para empresas de tecnologia, quando comprovada a não existência de trabalhadores norte-americanos qualificados para o desempenho de determinadas atribuições. Hoje, o programa H1-B é o programa oficial que angaria o maior número de trabalhadores temporários estrangeiros nos Estados Unidos e, diferente do seu congênere para trabalhadores de baixa qualificação, permite que os participantes tragam consigo filhos e parentes de primeiro grau para o país. Essa distinção legal revela um aspecto de explícita "seletividade" das fronteiras em que se baseiam as políticas de imigração dos EUA .

O dinheiro de Agatha também era usado para sustentar uma rede de parentes na Jamaica[85]. Recentemente separada, a irmã cuida de seus dois filhos durante o tempo que ela passa nos Estados Unidos e recebe diretamente o dinheiro que a jamaicana envia. A existência desse tipo de vínculo de parentesco, por sua vez, explicitava uma errância menos procurada do que imposta por suas condições de classe na Jamaica e uma perspectiva de viagem e deslocamento mais propensa a ruptura e lamentações. Sendo mais velha e mãe de família, o significado de uma inserção relativamente prolongada no mercado de trabalho norte-americano era, assim, menos afeita a discursos "multiculturais" ou de vinculação da viagem a qualquer perspectiva de "crescimento" ou "amadurecimento" e mais diretamente relacionada à manutenção dessa rede de familiares no país caribenho. O que era mais comum aos discursos e práticas dessas pessoas no Okemo, portanto, era um certo incômodo derivado da ruptura de uma convivência mais estreita com familiares e parentes queridos na Jamaica e a associação dos Estados Unidos a um lugar de pouco prazer ou divertimento. A constituição dessas "redes internacionais" e desse tipo de experiência "diaspórica" por parte dos jamaicanos davam a tônica, assim, de significados certamente menos hedonistas referentes a sua experiência nos EUA.

O fluxo de trabalhadores jamaicanos no Resort estabelecia, como já foi dito, um relacionamento mais duradouro com o mesmo. Muitos dos que trabalhavam para o complexo durante a pesquisa de campo já o haviam feito anteriormente e a gerente de recursos humanos lembrou que eles contratam anualmente apenas um número pequeno de "novos" trabalhadores caribenhos. A maioria deles, disse ela, trabalha para o Resort desde o início das contratações internacionais, o que é sinal de que esse fluxo mais "perene" conforma, da perspectiva desses sujeitos, uma maior dependência frente aos empregos temporários oferecidos pelo complexo.

---

[85] Segundo dados de um relatório preparado por Roy Russel (2003) [citado por Griffith (2006: 84)] acerca da experiência de trabalhadores temporários jamaicanos no mercado de trabalho canadense, os 5081 trabalhadores entrevistados mantinham cerca de 19563 dependentes na Jamaica, o que dá uma média de quase quatro dependentes por trabalhador. Isso mostra o impacto e dimensão desse tipo de "Guestworker Program" nos países da América Central.

Isso é importante de ser reforçado, já que um dos pontos centrais enfatizados pela bibliografia que trata dos "Guestworker Programs" nos Estados Unidos diz respeito justamente à criação de dependência entre esses Programas de Trabalho Temporário e os estrangeiros que aderem aos mesmos. Os textos desenvolvidos sobre o assunto demonstram uma real preocupação com relação ao prolongamento da estada dos participantes em terra estrangeira. A "dependência" criada entre os mesmos e esses "Guestworker Programs" é, entretanto, discutida, na grande maioria das vezes, a partir de uma perspectiva de "invasão" sofrida pela sociedade americana e dificilmente apreende a perspectiva que os próprios trabalhadores temporários têm acerca de sua permanência mais ou menos prolongada em terra estrangeira[86].

De fato, é importante problematizar os aspectos relacionados à real "sazonalidade" desse tipo de programa. Alguns dos jamaicanos com quem tive contato em Vermont já participavam desse tipo de "Guestworker Program" há mais de dez anos, alternando as temporadas de verão e inverno entre Jamaica e Estados Unidos ou mesmo prolongando a estada neste segundo país por até onze meses por ano. Nesse sentido, o mesmo programa que é encarado pelos jovens anteriormente apresentados como temporário também em suas perspectivas de vida, figura, ironicamente, como uma alternativa de vida mais ou menos permanente para esses outros colegas da América Central, ainda que, do ponto de

---

[86] A apreensão desse tipo de argumentação se dá, por exemplo, nos textos de Briggs (1986, 2004) e Martin (1998, 2001), dois importantes estudiosos dos "Guestworker Programs" nos Estados Unidos. O histórico desse tipo de Programa sugerido por eles nos faz crer que seus incômodos principais remetam-se à manutenção desse tipo de política de estado por mais tempo do que o previsto, já que, segundo sua narrativa, a estada desses estrangeiros deveria ser tratada apenas como uma "emergência". Essa preocupação com relação ao prolongamento indevido da estada desses sujeitos nos EUA aparece inclusive nos textos daqueles que são favoráveis à implantação de Programas de Trabalho Temporário no país. O trabalho de Reubens (1986) é um bom exemplo nesse sentido. Ao tentar demonstrar os supostos benefícios gerados pelos "Guestworker Programs", o autor utiliza a polêmica tese de que a utilização desses programas seria benéfica justamente em decorrência do fato dos grandes fluxos de trabalhadores indocumentados serem concomitantemente enfraquecidos. Deste modo, parece que o argumento utilizado na defesa da implantação destes programas não difere muito dos que a condenam e recai sobre o fato de que os EUA querem "trabalhadores estrangeiros" e não "cidadãos" vindos de outros lugares. Deste modo, as discussões sobre as dependências criadas pelos "Guestworker Programs" nos Estados Unidos não ultrapassam a perspectiva do "prolongamento indevido" da estada dos participantes e dificilmente apreendem as perspectivas que esses próprios sujeitos têm acerca de sua contínua atuação no mercado de trabalho norte-americano

vista do Estado e de suas próprias representações, se trate apenas de uma situação provisória.

A justificativa de alguns trabalhadores jamaicanos com relação à duração extensa de seu vínculo com os Programas de Trabalho Temporário oficiais dos EUA dava-se, de acordo com suas falas, devido à impossibilidade de grandes ganhos durante o tempo em que passavam no Resort. O depoimento de Charles, que trabalhava na cozinha de um dos restaurantes do Okemo, é uma boa ilustração nesse sentido. Ele comentou que participa do programa H-2B há dez anos e que seus planos iniciais eram os de conseguir juntar o dinheiro suficiente para abrir seu próprio restaurante na Jamaica. Tendo um vínculo de trabalho como cozinheiro em Kingston e já tendo realizado alguns cursos e treinamentos na área de culinária, os Estados Unidos surgiram, assim, como uma boa oportunidade de ganhar dinheiro para concretizar seus planos mais abrangentes. O problema era que, segundo ele, se continuasse a trabalhar para lugares como o Okemo teria que ficar no programa por muito mais tempo do que esperava:

"Eu já vim aqui para os EUA mais de dez vezes. Já perdi as contas! Comecei em 1996, com um recrutamento do próprio governo para trabalhar nos Estados Unidos. Depois de um tempo, isso passou a ser feito por um agente privado (...) Eu já queria até ter parado. Mas não economizei o dinheiro suficiente para abrir um restaurante meu na Jamaica. E finalmente, poder fazer o que eu gosto! Não ficar aqui cozinhando 'hamburgers'...".

Embutida neste relato de Charles está uma certa decepção quanto ao prolongamento de sua estada e às baixas perspectivas de promoção dentro do próprio Resort. O jamaicano dizia sentir-se chateado pelo fato de ter experiência como cozinheiro e de ter que trabalhar "cozinhando hamburgers", enquanto alguns poucos trabalhadores norte-americanos locais eram os chefes e responsáveis pelas refeições mais sofisticadas de restaurantes e bares do complexo. No fundo, Charles sabia que a continuidade de sua adesão a esse tipo de programa

não iria proporcionar oportunidades de mostrar qualquer de suas habilidades ou potencialidades na cozinha. Ao mesmo tempo que sua experiência mostra essas barreiras de ascensão intrínsecas ao vínculo sazonal com esse tipo de "Guestworker Program", ela sugere o descontentamento do jamaicano com a insuficiente economia feita para se livrar daquele tipo de vínculo. No caso, fica explícita a consciência do jamaicano sobre a situação de dependência diante de um emprego sazonal que não permite uma real integração no mercado de trabalho norte-americano.

Agatha também fez comentários bastante incisivos a esse respeito. Sua vontade de ruptura com relação ao tipo de vínculo empregatício sazonal, entretanto, derivava da conseqüente privação de seu relacionamento com os filhos na Jamaica e de sua posição de chefe de família. A diferença com relação aos discursos de juventude e errância de sul americanos, australianos e neozelandeses é mais do que aparente neste caso. Aqui, o recorte geracional parece decisivo na constituição da narrativa daquela viagem à trabalho como uma experiência mais de ruptura do que de continuidade:

"Eu estou pensando em ir por mais duas estações e depois dar um tempo. Mas para o Okemo, eu terei que ir mais umas quatro vezes. Porque eu não ganho dinheiro suficiente. Então, eu preciso de mais estações para parar. Porque minhas crianças precisam de mim e eu não penso que possa passar muito mais tempo longe delas. Ainda mais tempo (...) Eu não quero que me digam que elas foram deixadas sozinhas!".

Vale lembrar que a visão do retorno como iminente e, no caso dos "Guestworker Programs", da viagem à trabalho como última é comum à experiência de migração de vários grupos e contextos sociais[87]. O desabafo de Agatha não foge à regra. Ao pensar em parar, ela aciona a necessidade de mais duas estações para interromper a participação no Programa. O que, de fato, nos

[87] Conferir, por exemplo, OLIVEIRA, 2006.

interessa reter de seu desabafo, no entanto, é que sua condição de mãe de dois filhos pequenos na Jamaica e os recorrentes lamentos relacionados a isso sinalizam para uma real dependência diante daquele vínculo de trabalho "temporário". Ao mesmo tempo que a ruptura subjetiva era narrada como dolorosa, Agatha confessava que o sacrifício gerado pela distância era em benefício de uma melhor educação dos filhos, que "precisavam estudar e ter mais oportunidades na vida".

De fato, a perpetuação desse grupo de trabalhadores no mercado de trabalho norte-americano acaba certamente refletindo sua maior dependência junto aos Programas de Trabalho Temporário oficiais norte-americanos e a falta de oportunidades mais atraentes no mercado de trabalho jamaicano. Nesse sentido, os trabalhadores da Jamaica pareciam querer aproveitar ao máximo aquela oportunidade no exterior e, apesar de tratarem sua migração e viagem para os Estados Unidos através de uma perspectiva também temporária, havia uma quase unanimidade nas intenções de manutenção mais prolongada nesses empregos do setor turístico norte-americano. O prolongamento da estada dos participantes nesse tipo de "Guestworker Program" deve ser visto a partir dessa chave, já que a vida de muitos deles passa a depender e a ser conformada por esses programas oficiais. A maioria dos trabalhadores jamaicanos no Okemo tem, nesse sentido, usufruído de um relacionamento contínuo com o complexo, já que alguns trabalham para o mesmo desde o início das contratações internacionais.

Para os que vieram pela primeira vez na estação 2005/2006, entretanto, a desinformação com relação ao trabalho em terra estrangeira era aparente e, ao contrário dos demais estrangeiros, alguns sequer sabiam que iriam para uma região de esqui. Isso confirma, por sua vez, que sua perspectiva de deslocamento não estava atrelada a qualquer dos signos referenciados aos esportes de inverno e compartilhados na rotina da estação de esqui. Os comentários de Dorothy sobre o processo de contratação na Jamaica explicitam tal desinformação:

"Eles não disseram (que eu estava vindo trabalhar em um Ski Resort). Eles não nos informaram. E tinha mais gente que eu sei que não sabia que estava vindo para a neve. Ninguém nos informou sobre isso. E eu só notei que era neve quando cheguei aqui. Eu cheguei em Boston e estava tão frio (...) e eu disse: o que é isso? Eu nunca tinha sentido tanto frio antes. Nunca na minha vida. E eu tinha só uma blusa normal que o frio passava por dentro (...) Eu acho que algumas pessoas ouviram falar porque eu os vi com roupas de inverno, mas eles deveriam dizer a todo mundo. Eles disseram apenas que eu estava indo para o Okemo (...) Eu não sabia se era sol ou se era neve. Eu só vim (...) Quando cheguei, meu supervisor me disse: você só tem essa blusa? Eu disse que sim e ele disse que precisava de algo mais grosso e me deu essa daqui!".

A desinformação com relação à viagem e atividades de trabalho por parte de Dorothy sugere uma menor autonomia dos participantes do programa frente à agenciadora. Por serem mais dependentes desse tipo de vínculo empregatício, os jamaicanos acabavam expressando uma maior vulnerabilidade e submissão às vontades do recrutador. Um relato exemplar nesse sentido foi dado pela própria Dorothy, que dizia ser importante ela trabalhar duro no Okemo, empenhando-se bem na profissão, para que a agente pudesse chamá-la novamente para participar do programa. O "trabalho duro" e competente no Resort, portanto, era atestado por uma rede ampla de relacionamentos e que fazia com que a chamada de inscrição no "Guestworker Program" a partir da Jamaica dependesse dos elogios e comentários de supervisores imediatos no complexo. Isso fazia o Okemo ser, muitas vezes, associado a um lugar sério, exigente e de auto-disciplina apurada.

Diferente das representações dos australianos e neozelandeses, aquele ambiente da estação de esqui era narrado por muitos dos jamaicanos com quem tive contato simplesmente como um lugar de trabalho e o frio parecia, no seu caso, sinônimo de restrição e encolhimento, além de ser constantemente significado em oposição às imagens que traziam da Jamaica, como um país quente e acolhedor. Além das atividades relacionadas à prática de esqui não serem vistas como

diversões possíveis, o ambiente de Resort não tinha o menor sentido de lazer para os jamaicanos. Uma reação de Charles ao comentário de Cassiel é ilustrativa neste aspecto. O chileno disse que o jamaicano reclamava muito da vida e que ele deveria aproveitar o tempo que estava ali, nas horas de folga, para aprender a esquiar e se divertir um pouco. Charles respondeu da seguinte maneira:

"Estou aqui para trabalhar. Não vim para os Estados Unidos para me divertir! Eu me divirto na Jamaica! Lá eu tenho carro, lá eu tenho as coisas. Lá eu me divirto. Aqui eu trabalho para ganhar dinheiro. Estou aqui para isso...".

De fato, essa reação de Charles era recorrente na fala dos jamaicanos com quem interagi. As atividades laborais tinham uma centralidade no sentido que aquelas pessoas davam a sua viagem para os Estados Unidos, mas estavam longe de conformar algum hibridismo com aspectos de diversão e/ou turismo. A rotina de trabalho e os ganhos financeiros decorrentes de seu vínculo empregatício eram lidos como as razões principais de sua viagem ao exterior e sua experiência era narrada enquanto uma forma de "sacrifício" pessoal. Já que, em seus discursos, aquela experiência de trabalho no Resort era tratada como transitória e liminar – apesar de propositadamente estendida no tempo – , a recompensa parecia então se situar em outro lugar – na Jamaica – e em outro tempo – no futuro. A consequência disso era que toda aquela empreitada mirava uma condição de bem-estar futura e que articulava-se aos sacrifícios presentes. "Trabalhar para ter as coisas na Jamaica" significava conjugar uma disciplina rígida de trabalho no Okemo a pouquíssimos gastos elementares, fazendo com que a rotina em Vermont fosse concebida, prioritariamente, como uma rotina restritiva e limitada. Prova disso é que muitos tentavam trabalhar o máximo que podiam para aumentar as horas extras de seus holerites, além de gastarem muito pouco com as compras de supermercado.

A rotina de trabalho no hotel, no caso desses estrangeiros, também era bastante árdua. Alguns, no caso da equipe de limpeza, eram responsáveis pela limpeza de lugares específicos – como restaurantes e cafés – enquanto a grande maioria trabalhava em grupos pequenos de "faxineiros", sendo responsáveis pela limpeza e arrumação de quartos e condomínios de turistas. Já os cozinheiros e ajudantes de cozinha trabalhavam espalhados pelos restaurantes e bares do complexo, também sendo responsáveis pela manutenção e limpeza destes lugares. No caso, havia os turnos diurno e noturno. O primeiro, que ia das 7h. às 16h. era para aqueles que trabalhavam nas cozinhas e espaços do Resort e na arrumação dos quartos de uma maneira geral. No turno da noite, que ia das 16h. às 24h., trabalhava uma parcela menor de jamaicanos que era responsável pela limpeza e manutenção dos espaços utilizados pelos esquiadores durante o dia. Em épocas de pico, como em feriados e datas comemorativas, em que o afluxo de turistas aumentava muito, alguns jamaicanos dobravam o turno ou estendiam sua jornada de trabalho em algumas horas – o que era extremamente bem visto pela maioria, que empenhava-se em obter um maior pagamento das "horas-extras" .

As tarefas de limpeza e manutenção do Resort eram interpretadas por alguns jamaicanos através de um efetivo contraste com as experiências prévias de trabalho na Jamaica. Muitas vezes, a atribuição de sentido à realização daquele tipo de tarefa ordinária passava por uma associação negativa dos norte-americanos – turistas do hotel e seus supervisores imediatos – ao excesso de esforço e trabalho demandado pelo Resort. Agatha fez um comentário bastante sugestivo a esse respeito quando conversávamos sobre suas relações de trabalho no "Sugar House"[88]:

[88] "Sugar House" trata-se de uma das benfeitorias existentes ao longo das pistas de esqui onde alguns jamaicanos trabalhavam. É um pequeno restaurante e lanchonete que funciona oferecendo churrascos, sanduíches, bebidas, doces e outros tipos de alimento para esquiadores e turistas. Agatha era responsável pela limpeza dos sanitários e das lanchonetes existentes na casa.

"O que eu faço? A mesma coisa que fazia na Jamaica. Eu limpo a sujeira deles. Eu limpo a sujeira dos hóspedes. Mas tem uma grande diferença. O americano é sujo. É um povo muito sujo, que faz muita sujeira..."

Além de estereotipado como "sujo", o "americano" era visto por alguns como racista[89] e grosseiro. Essa fala de Agatha é um bom exemplo da constante construção de diferenças e separações entre "eles" - os norte-americanos - e "nós" - os jamaicanos. Da mesma forma, as relações patrão vs. empregado eram narradas – por parte dos jamaicanos – enquanto relações entre nacionais de diferentes países.

As lamentações diante da rotina de trabalho no Resort não circunscreviam-se somente ao contraste com os norte-americanos. Não sendo associada a possibilidades de ampla diversão, a estada no Okemo ainda não era vista como uma excelente opção de emprego sazonal. Um dos motivos, e que remete diretamente à assertiva de Charles - de que estava ali "para trabalhar" -, é o fato, relatado por eles, de não haver grandes possibilidades de se conseguir um "segundo emprego" na região[90]. Dessa forma, os rendimentos dos trabalhadores sazonais restringiam-se aos salários pagos pelo complexo, o que, em outros lugares, parece ser contornado por uma rotina de trabalho dupla. Além disso, alguns trabalhadores reclamavam acerca da própria quantia paga pelo Resort, que contrastavam com o emprego que tinham nos Estados Unidos durante o verão[91].

Outra recorrência bastante acentuada nos discursos do grupo de trabalhadores jamaicanos e que ajuda, em parte, a definir os fundamentos centrais

---

[89] Com relação aos estereótipos de "raça", veremos logo adiante que boa parte dos discursos de resistência jamaicanos recorriam à categoria para serem formulados.

[90] Essa opção de trabalho em mais de um local não é legalmente permitida para trabalhadores com o visto H-2B. Isso porque este visto exige um vínculo específico do empregado com o empregador que o contrata. O "second-job", no entanto, parecia ser uma prática comum entre aqueles jamaicanos com quem conversei. Muitos deles trabalhavam em dois empregos durante o verão, apesar de saberem que faziam-no de forma irregular. O que era dito pelos jamaicanos com quem conversei era que não havia, em Ludlow, muitas outras opções para arranjarem um segundo emprego, já que o único grande empregador sazonal da região era o Okemo.

[91] Deve-se relativizar esse tipo de reclamação por parte dos empregados. Não creio que os salários pagos pelos Resorts que os empregavam durante o verão fossem muito superiores àqueles desembolsados pelo Okemo.

que davam sustentação ao significado de sua estada no Resort relaciona-se a suas constantes reclamações com relação ao alto preço pago pelo aluguel das moradias dos empregados. Independente do preço não corresponder, de fato, ao conforto de suas habitações, essa preocupação recorrente por parte dos jamaicanos demonstrava sua preocupação constante em acumular dinheiro para o envio à Jamaica. Esse ponto era tão importante que Patrick comentou que os jamaicanos reuniram-se e propuseram uma conversa junto à administração do complexo a esse respeito, não conseguindo, no entanto, as preteridas mudanças:

"Preço da casa. Esse é um assunto importante. Eles estão nos matando com isso. E ainda continuam dizendo que o preço da casa é barato. Mas eu vou te falar uma coisa, eles podem construir mais uma dessas casas no final da estação com o dinheiro que eles ganharam em cima da gente. E continuam dizendo que não fazem nenhum dinheiro em cima de nós. Mentira! Todo mundo aqui vem trabalhar na hora. Todo mundo dá o melhor. Nunca liga para dizer que está doente. Alguns dias eu acordo e não tenho vontade de trabalhar. E mesmo assim vou. Eu sei que estou fazendo trabalho voluntário e ainda vou. Eu chamo isso de trabalho voluntário!".

A insatisfação de Patrick remetia, muitas vezes, à retenção de parte de seus ganhos pelo setor de Recursos Humanos do Okemo através de despesas referentes a transporte e moradia[92] . Fazer "trabalho voluntário", neste caso, significava ter que trabalhar boa parte do tempo para custear sua viagem e estada em um lugar caro e com poucas alternativas imobiliárias acessíveis. Phill, que trabalhava no Okemo há quatro anos e que também dependia do dinheiro para mandar para esposa e filha na Jamaica, comentou, nesse sentido, que o processo de cobrança do

[92] É válido ressaltar que o que o Resort faz não é ilegal. Diferente do visto H-2A, a concessão do visto H-2B a empregadores norte-americanos não exige que eles forneçam transporte e moradia a seus empregados. De todo modo, as despesas com o pagamento destes itens por parte dos jamaicanos correspondem à retenção significativa de parte de seus rendimentos.

aluguel, transporte e outras taxas pelo complexo era o que os limitava de poder acumular um montante significativo de dinheiro:

"Aqui o processo é o seguinte: você trabalha duro, ganha o dinheiro e eles te tomam de volta. E você tem que ir lá na Carly para dar o dinheiro para ela. Juro que vi aquele bolo de notas na sua mesa e a minha vontade era de meter a mão e pegar um punhado (risos). Aquele não é o departamento de RH, é o 'robber department".

A funcionária Carly, a que Phill se refere, era a empregada do setor de Recursos Humanos do complexo responsável pelo recolhimento do dinheiro do aluguel pago pelos funcionários estrangeiros. Algumas das moradias oferecidas aos trabalhadores temporários eram propriedade do próprio Resort, enquanto outras eram alugadas pelo mesmo e sub-locadas aos empregados durante a temporada. O preço pago pelo aluguel era descontado à parte do contra-cheque dos funcionários em decorrência de uma lei do estado de Vermont que tem o intuito de evitar abusos por parte de empregadores que oferecem moradia a seus empregados – como, por exemplo, a retenção de boa parte de seus rendimentos no próprio contracheque. Os funcionários jamaicanos pagavam, pelo aluguel, cerca de cento e cinqüenta dólares a cada duas semanas. Como tinham, além desse desconto à parte, impostos federais, seguro saúde e o bilhete aéreo deduzidos diretamente de seus holerites, o salário inicial de cerca de mil e duzentos dólares transformava-se em cheques quinzenais de cerca de trezentos dólares. Nos meses normais, isso significava, portanto, um rendimento líquido não muito superior a seiscentos dólares, o que só era compensado, às vezes, com horas-extras demandadas pelo complexo.

Com a exceção da dedução do bilhete aéreo no contracheque dos demais trabalhadores estrangeiros, seus salários eram bastante homogêneos e ficavam em torno de mil e duzentos dólares mensais. Além disso, com a exceção dos australianos, que pagavam quase quatrocentos dólares mensais pelo aluguel de

suas moradias – que eram, de fato, um pouco melhores que as dos demais estrangeiros –, o aluguel pago pelos chilenos e colombianos também girava em torno de trezentos dólares mensais. O conforto das moradias dos empregados não parecia, no entanto, corresponder ao valor cobrado.

Na casa habitada pelos chilenos e colombianos havia cerca de trinta moradores dividindo dois andares interligados. Apesar da existência de quartos e banheiros separados para grupos menores, todos compartilhavam uma mesma sala de estar e cozinha. Os jamaicanos, por seu turno, dividiam quartos extremamente pequenos entre duas ou três pessoas e compartilhavam os mesmos espaços comuns de casas com, muitas vezes, poucos recursos. Na "Yellow House", uma das casas "dos jamaicanos", havia, por exemplo, um banheiro para nove pessoas. Na "Blue House", outra casa habitada por eles, dezessete pessoas dividiam uma geladeira, enquanto na "Fletcher's Farm", trinta e oito trabalhadores jamaicanos dividiam uma mesma cozinha e sala de estar.

A casa em que eu vivia com os alguns australianos – Harison House – era propriedade do próprio Resort. Apesar de mais confortável que as demais – havia sete apartamentos com dois ou três quartos, banheiro, cozinha, sala de estar e varanda independentes – o aluguel cobrado pelo Okemo era, como disse, um pouco mais elevado. Mesmo lá, entretanto, o preço cobrado pelo aluguel não parecia remunerar somente os gastos com aquecimento e manutenção do imóvel. Somente nesta casa, eram desembolsados pelos trabalhadores estrangeiros em conjunto cerca de oito mil dólares mensais. Somadas as quantias pagas por todos os estrangeiros ao Okemo, é difícil crer que não houvesse uma estratégia de acumulação desse tipo de rendimento por parte do empregador. Os empregados não eram, formalmente, obrigados a permanecer nas moradias oferecidas pelo Resort, mas, devido ao "boom" imobiliário da cidade de Ludlow, não restavam também muitas outras alternativas viáveis para os trabalhadores estrangeiros. Além disso, sua aparente desinformação e falta de contatos em Ludlow os

impossibilitava de conseguir melhores opções e a grande maioria acabava rendida àquelas opções oferecidas pelo Okemo.

Dorothy, que se mudou de uma das casas dos jamaicanos para a Harison House por conta de um desentendimento com outro morador, associou, em entrevista, as reclamações relativas às condições da casa em que morava e aos altos preços pagos por tais condições:

"Eles cobram muito pelo aluguel. Eu acho que o aluguel é muito caro, muito caro (...) Tem problemas de ventilação também, o que não é bom. Você sabe, lá na Blue House, eu não podia respirar direito. À noite, eu não podia respirar porque tinha só uma pequena fresta na janela e não era bom porque às vezes estava nevando e eu não podia deixar aberto para pegar ar".

O importante enfatizar com relação a este assunto é que, apesar dos preços e condições habitacionais fazerem parte da experiência de todos os trabalhadores estrangeiros em Ludlow, as recorrentes reclamações dos jamaicanos quanto a essas condições ajudavam ainda mais a reforçar um significado distinto de sua experiência com relação ao demais grupos de estrangeiros. Patrick chegou mesmo a salientar que, no seu entendimento, o problema não eram propriamente as condições habitacionais, mas desembolsar uma quantia relativamente alta se comparada a seus rendimentos salariais:

"Nem acho que aqui seja ruim. Bom, é ruim pelo que é, entende! Com esse dinheiro, você não precisa dividir com ninguém em outro lugar dos Estados Unidos. Eu não me importaria em morar aqui se pagasse um preço adequado. Poderia até dividir com mais gente! O problema é que pagamos juntos cinco mil dólares (mês) num lugar que vale no máximo dois!".

Os preços pagos pelo aluguel e o número de deduções de seu salário eram constantemente reforçados como fatores que os impedia de acumular mais dinheiro. O que tais relatos sugerem, neste caso, é uma diferença fundamental entre os significados e sentidos desse tipo de experiência para os jamaicanos. No seu caso, a experiência de viagem através do "Guestworker Program" com visto H-2B era bem mais aproximada de um sentido de emigração e de vivências mais restritivas relacionadas a isso[93]. Sendo o aluguel uma grande questão em pauta para aqueles sujeitos, qualquer dólar a mais economizado parecia fazer diferença em seus orçamentos domésticos, o que caracteriza um tipo de vínculo ao Programa de Trabalho Temporário bastante diferente daqueles anteriormente expostos para os jovens da Austrália, Nova Zelândia e América do Sul.

. Outras Representações e Atividades em Ludlow

Além do trabalho no Resort, as atividades rotineiras mais comuns existentes no dia a dia dos jamaicanos restringiam-se, por sua vez, a assistir televisão, jogar dominó, cozinhar e fazer compras. Como o comércio local de Ludlow era formado apenas por pequenas lojas de artesanato destinadas especialmente a turistas, os espaços freqüentados pelos jamaicanos eram bem menos amplos e ficavam restritos ao trabalho e à casa, não figurando Ludlow ou o Resort como opções de lazer abrangentes.

Uma das poucas atividades que os fazia escapar da rotina "trabalho-casa" durante a estada em Ludlow eram as "shopping-trips" feitas até a cidade de Claremont, no estado de New Hampshire[94]. Algumas dessas viagens para compras eram patrocinadas pelo próprio Resort e oferecidas quinzenalmente a todos os empregados. Três ônibus saíam do Okemo com sujeitos ávidos por itens

---

[93] As atividades rotineiras mais comuns existentes no dia a dia dos jamaicanos em Ludlow eram restritas e similares àquelas vivenciadas pelos grupos de emigrantes argelinos estudados por Sayad na França (cf. Sayad, 1998: 73-104).

[94] O estado era o preferido para compras pelos jamaicanos e estrangeiros devido à isenção de taxas. Os produtos eram, por conta disso, oferecidos a um preço relativamente reduzido.

promocionais e presentes para seus amigos e familiares. Os jamaicanos juntavam-se aos outros estrangeiros e faziam lá suas compras de comidas e itens de subsistência, além de compras de acessórios para parentes, amigos e para si próprios.

As "shopping-trips" interessavam sobremaneira a esses trabalhadores. Elas eram feitas na segunda-feira posterior à entrega do holerite dos funcionários e alguns jamaicanos que conciliavam esse dia com seus dias de folga acabavam participando da viagem nos períodos da manhã (oferecida aos trabalhadores que entravam no turno da tarde/noite) e da noite (oferecida àqueles que trabalhavam durante o dia). Essa era uma das "oferendas" do empregador que mais cativava os funcionários caribenhos. O consumo de itens promocionais ia ao encontro de suas expectativas nos Estados Unidos e alguns, como comentou Dorothy, chegavam a revender algumas mercadorias quando retornavam à Jamaica.

Os dados da pesquisa realizada por David Griffith junto aos jamaicanos vinculados ao "Guestworker Program" para trabalhadores agrícolas H-2A nas plantações de cana e maçã do nordeste dos Estados Unidos (1986) parecem bastante similares àqueles por mim encontrados em Vermont. Em seu trabalho, Griffith comenta sobre o interesse dos jamaicanos pelo consumo de roupas, sapatos, jóias, eletrônicos e outros itens promocionais e sobre o papel desse dinheiro gasto por aqueles sujeitos nas grandes redes atacadistas norte-americanas:

"In U.S. discount department stores, prices for clothes, shoes, jewelry, tape players, and other consumer goods are extremely low compared to prices of the same, imported items in Jamaica. Based on interviews with 21 Jamaican workers in the U.S, between 40 percent and 50 percent of their net earnings are spent in the U.S. for consumer goods (...) In light of spending behaviors, moreover, it is no wonder that Jamaican peasants, witnessing the return of the farm workers with suitcases full of clothes, and other goods, their girlfriends, wives, and cildren dressed in the fine clothes for Easter services, conceive of the United States as a land not only of opportunity but of 'many pretty things'. The farm workers'

material testament to this further nourishes the desire among these peasants to paricipate in the alien labor program" (GRIFFITH, 1986: 887).

De fato, o consumo desse tipo de mercadoria tinha um lugar especial na experiência dos jamaicanos no Okemo. A viagem para os Estados Unidos significava a possibilidade de acesso a esses bens duráveis e a itens que, imagino, seriam usados e exibidos em seus contextos jamaicanos, tais como pulseiras, relógios, bonés, sapatos, roupas, bolsas e eletrônicos. Por outro lado, podemos dizer que o Okemo também proporcionava, através do oferecimento das "shopping-trips", a possibilidade, nas grandes lojas de departamento americanas, de consumo de mercadorias a preços bastante atraentes por parte do contingente jamaicano. Do ponto de vista desses sujeitos, portanto, o interesse pela viagem aos EUA também passava pelas oportunidades de acesso a determinados itens de consumo gerados pela estada de trabalho temporário no Resort.

Além dessas viagens de compra patrocinadas pelo complexo, muitos jamaicanos aproveitavam ainda, durante os dias de folga, a carona de ônibus que traziam esquiadores de cidades localizadas ao redor de Ludlow para passarem o dia por conta das compras em tais localidades. Dorothy aproveitou uma carona para o supermercado da rede "Wall Mart", em Claremont, quando havia alugado um carro para conhecer outros Resorts de esqui da região. Durante a viagem, ela fez comentários caricatos sobre o interesse dos jamaicanos pelas compras e promoções:

"Ainda bem que você está indo hoje e que consegui pegar essa carona com você. Porque amanhã tem 'shopping-trip' e tenho que chegar antes dos jamaicanos porque eles compram tudo. Qualquer oportunidade que a gente tem de ir às compras a gente não pode desperdiçar. Porque como todo mundo compra no mesmo dia, acaba não sobrando muita coisa na promoção...".

O interessante dessa fala é que Dorothy se distancia dos demais jamaicanos ao descrevê-los de forma estereotipada, como adeptos inveterados das promoções. De fato, essa caricatura ajuda a afirmar essa característica importante da rotina do grupo de jamaicanos no Okemo. A importância das compras e das "shopping-trips", neste caso, é sugerida pelas percepções da própria jamaicana diante de seus colegas caribenhos.

Além da importância dessas viagens de compra, um outro aspecto importante de explicitar com relação aos significados da experiência de deslocamento daqueles sujeitos nos Estados Unidos é o fato de muitos deles terem parentes que residiam nos EUA e de também utilizarem o Programa de Trabalho Temporário como uma forma de entrada regular no país. Isso está de acordo com as afirmações sobre a existência de redes de contato mais extensas e estruturadas existentes tanto no recrutamento desses jamaicanos quanto em sua rotina e dia a dia nos Estados Unidos. Ceci, por exemplo, tinha uma filha que morava com o pai na Flórida e, pelo fato de ele estar irregularmente nos EUA, esse tipo de programa acabou sendo uma boa forma que a jamaicana encontrou para matar a saudade:

"Trabalho regularmente na Jamaica, como caixa de supermercado. Disse para o chefe de lá que voltava daqui a quatro meses. Vim para poder ver minha filha na Flórida (que mora com o ex-marido, imigrante indocumentado)...".

O caso de Ceci tinha uma certa recorrência. Jane, por exemplo, outra jamaicana que participava do programa, relatou que tinha uma filha no Canadá e que teria um encontro com ela assim que a estação chegasse ao fim. Assim como no seu caso, outros jamaicanos relataram fatos similares, com primos, parentes, amigos e conhecidos com residência regular e irregular nos EUA. Esse achado etnográfico somente reforça o fato da diáspora ser um fator constitutivo da experiência social de muitos caribenhos espalhados pelo mundo (BASCH *et. al.*, 1994; WARDLE, 1999). O interessante aqui, todavia, é notar como alguns desses

jamaicanos utilizavam os "Guestworker Programs" oficiais do Estado norte-americano para empreender visitas a parentes e burlar formas mais arriscadas e/ou onerosas de ter contato com essas pessoas.

Assim, se podemos dizer que o Okemo manipulava uma extensa rede de relacionamentos e contatos constituída historicamente entre Estados Unidos e Jamaica através de uma recrutadora responsável por preencher as vacâncias laborais do Resort, a inserção desses sujeitos no mercado de trabalho norte-americano não deixava de incorporar outras manipulações e usos daquele tipo de vínculo por parte dos próprios caribenhos. Deste modo, mesmo que seu trabalho em Vermont fosse um reflexo mais evidente da falta de oportunidades de emprego e sustento mais atraentes em seu próprio país, a significação e interpretação que davam à experiência de trabalho nos EUA eram bastante díspares, assim como múltiplos eram os usos que faziam de tal experiência. Ainda que a ida para o país do norte significasse para eles ruptura e distanciamento, como fica claro em suas falas, a viagem à trabalho ao Okemo podia representar uma oportunidade de acesso a bens de consumo nunca antes imaginada ou a possibilidade de contato com uma filha imigrante indocumentada residente na Flórida e de que só se tem notícias pelo telefone há mais de cinco anos. As razões de constituição e manutenção dos vínculos desses sujeitos com os "Guestworker Programs" norte-americanos vão além de razões simplesmente instrumentais e/ou economicistas, apesar de ser extremamente significativo o fato de muitos deles dependerem de tais programas para alcançarem melhores rendimentos econômicos e o aumento da qualidade de vida de seus parentes situados no Caribe.

. Hierarquização Étnica das Posições e "Raça" como Veículo de Resistência

A diferença existente entre os grupos de trabalhadores de diferentes países parecia nascer com os discursos que os impulsionava a procurar por esse tipo de deslocamento e ganhava sentido a partir da rotina segmentada com que passavam

a conviver no Okemo. No caso dos jamaicanos, as posições de trabalho para que foram contratados os fazia ainda mais distantes da experiência dos demais estrangeiros, já que não se tratavam de posições de "visibilidade" para os demais grupos do Resort – tanto para os turistas quanto para os demais trabalhadores estrangeiros ou locais. Como camareiros, ajudantes de cozinha ou pertencentes à equipe de limpeza, o contato direto com os turistas já era bastante restrito, apesar de sua real facilidade de comunicação em inglês. Os caixas e atendentes sul americanos muitas vezes não tinham um domínio ideal da língua para o atendimento ao público e, no entanto, dividiam com os australianos e neozelandeses as posições de "maior visibilidade" e interação com os turistas no Okemo.

Essa "invisibilidade" dos trabalhadores jamaicanos, por sua vez, também parecia recorrente na percepção dos demais trabalhadores estrangeiros frente aos mesmos. Muitos não sabiam ao certo onde os jamaicanos trabalhavam ou quantos eram (vide o espanto provocado pela minha entrada naquele ônibus ainda em 2004). Os únicos momentos de interação entre esses diferentes grupos restringiam-se à van matinal que os levava para o trabalho. Um exemplo ilustrativo com relação a essa "invisibilidade" se deu quando a jamaicana Dorothy teve que se mudar, já no final da temporada, para a "Harison House" por conta de uma briga que tivera com um rapaz em sua antiga residência – "Blue House". Dorothy acabou interagindo bastante com Melanie, australiana com quem eu dividia o apartamento. O interessante é que ambas trabalhavam no mesmo lugar – na base do restaurante *Gabbles* –, uma delas na base do teleférico e a outra na cozinha do restaurante. Ao mostrar minha surpresa de ambas trabalharem praticamente juntas e não se conhecerem, Melanie salientou:

"- Eu sei, já perguntei onde é que ela se esconde!"

No caso dos jamaicanos, a vivência daquela rotina de trabalho era, como disse, mais exclusiva e o tédio aparecia em suas falas de maneira mais constante. Os aspectos relativos ao frio e à forma como lidavam com ele tinha um papel importante nesse sentido. Se para os australianos e neozelandeses, o clima adverso relacionava-se ao charme e a parte do encanto que nutriam pelas atividades de trabalho e lazer no Resort, no caso dos jamaicanos tratava-se de mais um empecilho com relação às oportunidades de lazer e diversão em Ludlow. Tudo isso ajudava a sua experiência de trabalho ser lida de forma mais dura e menos glamourosa. As reclamações com relação ao emprego e ao empregador eram, nesse sentido, bastante constantes.

Boa parte do discurso de "resistência" jamaicano com relação ao dia a dia em Vermont recorria, por sua vez, a representações de "raça", o que os colocava em oposição também aos demais trabalhadores estrangeiros. A seguinte fala de Agatha, por exemplo, é sugestiva em mencionar a categoria "raça" como fundamental na constituição de sua experiência:

"A minha relação de trabalho lá é boa. Eu lavo os banheiros e limpo a parte externa do Sugar House. Mas do que eu não gosto na América é do preconceito contra os negros. Outro dia cumprimentei um senhor com o maior sorriso e ele nem me respondeu. Só porque eu sou negra, eles acham que podem desrespeitar e tratar mal".

Independente da reação do senhor citado ser ou não associada a qualquer forma de racismo ou preconceito, o que nos interessa, com esse comentário, é apontar a recorrência à "raça" para a formulação de um discurso de resistência de Agatha e para descrever a experiência de contraste vivida em relação ao dia a dia na Jamaica. Esse tipo de comparação era bastante recorrente em suas falas e o país do Caribe era constantemente afirmado como um lugar aonde a discriminação racial inexistia e os negros tinham acesso à mobilidade social. Esse tipo de comparação e contraste já foi descrito e comentado em outro trabalho (FONER,

1998) como uma atitude comum em contextos de diáspora jamaicana. Foner lembra que a inserção de jamaicanos em outros países anglófonos passa, necessariamente, por uma revisão da categoria "raça" em uma perspectiva pessoal e grupal, na qual o conceito é, de fato, constantemente posto em perspectiva a partir da experiência prévia dos estrangeiros nos países de recepção.

"While West Indian migrants bring with them a racial sensibility that is nurtured in their home societies, they develop new images of themselves, as blacks and as West Indians, in response to the particular nature of ethnic and race relations and hierarchies they encounter in the new setting" (FONER, 1998: 174).

Essa atitude parecia se repetir na experiência dos trabalhadores temporários do Okemo e, além da recorrência à "raça" ter se dado nestes termos e ter se mostrado constante na fala dos jamaicanos, muitos interpretavam a rotina de frio e trabalho por esse viés. Uma peculiaridade de suas narrativas, no entanto, era o fato de os demais trabalhadores estrangeiros não figurarem como "racistas" ou "preconceituosos". Muitas vezes, as reclamações dos jamaicanos com relação a seu ambiente de trabalho restringiam-se aos patrões norte-americanos, com quem tinham, no Resort, um contato mais estreito. Jane, por exemplo, enfatizou que não tinha problemas sérios com os outros estrangeiros – já que, como ela mesma salientou, nem tinha muito contato com eles –, mas disse que sofria discriminações por parte dos "jovens da High School". Sendo ela a responsável pela cozinha do "Suggar House", a jamaicana insistia em lembrar que os jovens norte-americanos não ajudavam com o preparo dos ingredientes e com as louças, obrigações, a princípio, inerentes também a seu trabalho:

"Tenho problema de discriminação com os meninos da escola. Porque quando estou atarefada e peço para cortarem alguma coisa, ou para ajudarem a lavar a louça, eles não

fazem. Não ajudam. Então acho que o problema é que não me respeitam. Acho que pelo fato de eu ser jamaicana (neste momento, ela apontou para a pele)".

A recorrência à "raça", que carregava um conjunto de outros elementos associados, como, no caso, a própria nacionalidade jamaicana, era, para além de um simples recurso defensivo, um importante elemento a fundamentar os sentidos da experiência desses sujeitos no Okemo. Parecia haver, nesse sentido, uma certa associação entre a cor da pele e a caracterização dos Estados Unidos e de sua experiência de migração sazonal, bem como entre a cor da pele e o clima/ambiente, o que fazia com que a estação de esqui fosse compreendida algumas vezes como algo "destoante" de sua realidade. O clima era descrito como triste e difícil de suportar e como algo distante de sua experiência na Jamaica, de modo que o frio intensamente vivido por esses trabalhadores parecia um frio que existia não só em função da gradação dos termômetros, mas também em função da associação entre essa gradação e uma realidade opressiva e distante de seus ideais de prazer e divertimento. Acho que devemos entender dessa maneira o seguinte depoimento de Agatha:

"Não sei como suportam o frio! Pagam uma fortuna para ficar aí. Eu sou negra, não fui feita para o frio. Fui feita para um sol bem quente. E acho que quem está errada aqui sou eu!".

O fato de os jamaicanos "destoarem" das imagens associadas à estação de esqui e de não se verem de forma integrada àquela paisagem "branca" os isolava mais do tipo de vivência procurada pelos demais trabalhadores estrangeiros. Isso tudo tinha correspondência em uma certa hierarquização das posições de trabalho dada em várias instâncias, com uma designação implícita de maior ou menor prestígio de um ou outro serviço, o que dava conta de transformar a experiência jamaicana em uma experiência ainda mais peculiar. Isso porque o trabalho mais

"sujo" e sem contato com os turistas ficava a cargo desses sujeitos e transparecia na parte inferior da hierarquização das posições existente no Resort. Ou seja, mesmo no caso destes trabalhos de "baixa qualificação" do Okemo, existiam aqueles que eram ainda mais baixos e que ficavam por conta, conseqüentemente, dos sujeitos mais inferiorizados na "hierarquia étnica" das posições incidentes naquele microcosmo de vivência e pesquisa.

Peter, australiano que dividia o quarto comigo, fez um comentário que, eivado desses preconceitos, demonstra como essa hierarquização das posições era percebida e difundida pelos próprios trabalhadores estrangeiros do Resort. No final da temporada, tínhamos que devolver, para a administração do Okemo, nosso apartamento limpo e arrumado. Ao conversar sobre a divisão de tarefas para a limpeza, Peter falou:

"Eu tenho uma idéia melhor. Cada um dá vinte dólares e a gente paga um jamaicano para vir limpar o apartamento!".

Esse comentário de mau gosto expressa bem o tipo de distinção e hierarquização informal das posições de trabalho existente no Okemo. Mesmo que não formulada por um único agente, essas distinções eram difundidas a partir de uma associação direta dos jamaicanos aos "piores" empregos oferecidos pelo Resort. As discussões acadêmicas sobre "Guestworker Programs" tendem a descrever a depreciação dos salários e das condições de trabalho nos postos ocupados pelos trabalhadores estrangeiros como possíveis "consequências adversas" inerentes a esse tipo de programa. De acordo com alguns textos, um dos problemas decorrentes associados a isso seria a formação de uma "subclasse" de trabalhadores alheia às demais camadas da sociedade e aquilo que Ruhs (2002) denomina "immigrant sectors", setores que empregam prioritária ou exclusivamente estrangeiros.

Esse tipo de argumento insiste no fato de o desinteresse por esses postos de trabalho por parte da mão-de-obra local se dar justamente devido à associação dessas posições aos trabalhadores estrangeiros. Tal argumentação está em sintonia com o que Piore (1979) descreveu sobre o fato de a demanda por imigrantes em países industrializados (receptores de imigrantes) resultar da hierarquização das posições no mercado de trabalho destes Estados-nação. Já que as posições de trabalho conferem status, os trabalhadores nativos acabam recusando-se a trabalhar em empregos desprestigiados e diretamente associados à imigração. Esses empregos transformam-se, assim, em empregos ainda mais indesejáveis e inconvenientes.

Esse tipo de hierarquização de posições pode ser percebido de forma bastante aparente no Okemo. Apesar das posições de trabalho do Resort terem remuneração salarial similar, alguns empregos de menor prestígio são automaticamente associados aos estrangeiros e, neste caso, aos estrangeiros particularmente mais pobres e discriminados. As posições hoje ocupadas pelos jamaicanos, no caso, eram, há dez anos, preenchidas pela mão-de-obra local de Ludlow. Depois que as contratações dos caribenhos estenderam-se no tempo e conformaram uma rede de contratação mais estruturada, os serviços de limpeza foram totalmente delegados a este contingente. Com a exceção de uns poucos supervisores de cada departamento específico, os faxineiros e integrantes da equipe de limpeza do hotel são todos jamaicanos e a mão-de-obra local não parece candidatar-se a esse tipo de emprego. Assim, no microcosmo do Resort, as funções relativas à limpeza figuram como as mais desprestigiadas e esse processo de "setorização" também pode ser percebido no nível micro do Okemo. Quando perguntei à australiana Melanie, por exemplo, os motivos pelos quais os serviços de limpeza eram delegados aos jamaicanos, ela fez a seguinte afirmação, supondo que as faxineiras fossem todas mulheres (o que não é verdade[95]):

[95] Apesar de também haver homens exercendo as atividades laborais relativas aos serviços de limpeza e culinária no Okemo, seu número era pouco menos expressivo se comparado ao de mulheres. Isso parece se

"Não quero ser racista, mas acho que eles têm um nível mais baixo. Mas o Okemo não discrimina e se você se inscrever para "housekeeper", aposto que eles te contratam! Eu acho que na Jamaica a coisa é mais tradicional e é suposto que a mulher cozinhe e limpe a casa e deve ser por isso que elas são contratadas para limpeza...".

Independente "da coisa na Jamaica ser mais ou menos tradicional", a justificativa de Melanie subentende uma aproximação naturalizada entre as atividades que ela imagina que as mulheres jamaicanas façam em seu país e o desempenho de suas atividades no Okemo. Isso não quer dizer que o tipo de trabalho feito pelos australianos e neozelandeses fosse menos difícil ou árduo. Agatha achava, creio que com razão, que sua tarefa de limpar sanitários era mais confortável do que sentir aquele "frio terrível do lado de fora". Na estação de esqui, no entanto, os trabalhos externos eram mais prestigiosos e mesmo que aqueles australianos machucassem suas costelas levantando cadeiras de até 350 quilos ou congelassem seus dedos sob um frio de vinte graus negativos, os jamaicanos tinham um "nível mais baixo" e, portanto, deveriam limpar os sanitários. Os processos de "setorização" podiam, desse modo, ser percebidos também em um nível localizado existente no microcosmo do Okemo.

A experiência dos jamaicanos no Resort passava, desse modo, por uma perspectiva de viagem e trabalho diferenciada da dos demais estrangeiros. Aquele tipo de vínculo empregatício e inserção nos Estados Unidos não lançava mão, como vimos, de nenhum discurso referente a um "estilo de vida" almejado ou a

---

dar, em parte, em função da preferência dos empregadores norte-americanos por mulheres para esse tipo de serviço. Faço essa dedução também em decorrência de observações de campo no Brasil. Algumas das empresas brasileiras que agenciam trabalhadores temporários através do Programa de Vistos H-2B para os Estados Unidos cobram o dobro do valor para realizarem o recrutamento de homens. Ao questionar uma das agentes acerca do motivo dessa diferença, ela comentou ser muito mais fácil alocar as mulheres para aquele tipo de emprego gerado nos Estados Unidos. Griffith (2006: 36) também nota esse tipo de contratação proeminente de mulheres através do Programa H-2, o que, segundo ele, é uma característica recente do Programa.

uma oportunidade de "investimento pessoal". Ao contrário, a ênfase no trabalho como possibilidade de ganhos materiais palpáveis para a manutenção de um certo rendimento e da vida de parentes e afins na Jamaica era o grande definidor dos discursos e práticas da maioria desses estrangeiros em Vermont. Ainda que outras razões e motivações também fossem levantadas para justificar aquela estada temporária em Ludlow, a extensão daquele vínculo junto aos "Guestworker Programs" norte-americanos dava conta de salientar um tipo de inserção menos afeita a discursos de "juventude" e de "aprimoramento pessoal" geradas através da experiência de migração sazonal no Okemo.

A dependência gerada a partir desse tipo de programa, todavia, não se dava somente do ponto de vista desses trabalhadores jamaicanos. A utilização dessa mão-de-obra sazonal pelo Resort conforma, ainda, como me foi dito pela própria gerente de R.H., uma dependência também por parte deste empregador. Com o crescimento e ampliação do Okemo, além do fato dos serviços de limpeza e culinária demandarem o trabalho desses jamaicanos, creio que seja difícil encontrar um tipo de mão-de-obra tão conveniente nos arredores de Ludlow para a execução de suas tarefas ordinárias: uma mão-de-obra que, além de arcar com seus custos de transporte, moradia e alimentação, queira se manter "provisoriamente" nesse tipo posição por tanto tempo e seja vulnerável não só em decorrência da vinculação ao Programa de Visto H-2B, mas também em função do medo de não serem recrutados pela agente na próxima estação[96].

O setor de RH do Okemo, ao firmar contatos com essa recrutadora capaz de reunir e controlar boa parte dessa mão-de-obra caribenha, preenche as posições mais "desprestigiadas" do Resort também de forma aparentemente bastante satisfatória. O que não quer dizer, que os jamaicanos sejam autômatos neste

[96] Vale a pena aqui recorrer mais uma vez ao trabalho de Griffith (2006) para enfatizar que a conveniência desse tipo de trabalhador vinculado aos "Guestworker Programs" parece ser um motivo importante na sustentação dos apelos dos empregadores pela manutenção desse tipo de programa: "Clearly, it isn't only a lack of workers that underlies employers' shifting to new and foreign sources for labor, but a lack of highly disciplined, reliable workers willing to submit to authority to the employer's satisfaction" (GRIFFITH, 2006: 127).

processo e não tenham autonomia para simbolizar e viver um tipo de migração sazonal que não seja afeita simplesmente a lógicas de imobilidade e discriminação. Apesar de preencherem as posições de trabalho mais desprestigiadas do Okemo e de enxergarem-se muitas vezes em um processo de ruptura e distanciamento com uma bem mais acolhedora "realidade local", a briga por aluguéis menos extorsivos e a utilização do "Guestworker Program" para a visita a parentes e afins nos Estados Unidos são apenas alguns exemplos a mostrar que esses sujeitos estão o tempo todo tentando reverter a seu favor um conjunto de aspectos negativos dados aprioristicamente por um contexto que muitos nem opção tiveram de escolher.

Conclusão

"É justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados, que os megaconceitos com os quais se aflige a ciência social contemporânea – modernização, integração, conflito, carisma, estrutura... significado – podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles".

Clifford Geertz (1978)

A reflexão de Geertz enunciada na epígrafe acima dimensiona bem o sentido da escrita desta dissertação. Apesar dos "megaconceitos" com os quais a ciência social contemporânea se aflige não serem exatamente os mesmos daqueles apontados pelo antropólogo, a força e vitalidade do método etnográfico continuam a basear-se nessa relação sensível e íntima dos pesquisadores com os conceitos e idéias relacionados a seus contextos e sujeitos de pesquisa. Nesse sentido, a etnografia pretendeu servir, simultaneamente, como contribuição e contraponto às discussões "macro-analíticas" desenvolvidas sobre a mobilidade de trabalhadores estrangeiros na globalização contemporânea, a partir de um estudo de caso que explora os significados de um tipo específico de deslocamento relacionado a alguns "Guestworker Programs" oficiais do Estado norte-americano.

As abordagens feitas sobre a inserção de mão-de-obra estrangeira nos EUA através destes Programas de Trabalho Temporário enfatizam, prioritariamente, conforme descrito no capítulo 1, questionamentos e explicações "megaconceituais" relativas às transformações da sociedade norte-americana e de seu mercado de trabalho. Essas análises são, de fato, uma base explicativa coerente para a compreensão de alguns fenômenos relacionados à precarização do trabalho e à (re)consideração dos "Guestworker Programs" na atual conjuntura do país. A

partir de tais teorias e explicações, foi possível, por exemplo, compreender a opção de contratação de mão-de-obra estrangeira pelo Okemo como resultado de um cenário conformado pela permissividade da sociedade norte-americana diante das relações "flexíveis" e precárias que inundam seu mercado de trabalho, bem como por um discurso oficial que justapõe de maneira dúbia liberalidade e controle: liberalidade do ponto de vista das relações de trabalho (via flexibilização) e controle do ponto de vista da vigilância das fronteiras e do movimento dos diferentes fluxos de trabalhadores e imigrantes.

Os dados apresentados ao longo do texto estão, assim, em sintonia com muitas das interpretações dos estudiosos das migrações internacionais nos Estados Unidos e, mais especificamente, com os daqueles que se interessam pelo significado da difusão e implementação dos Programas de Trabalho Temporário no atual contexto do país. O Okemo ocorre em uma determinada conjuntura e figura como um bom representante da grande liberalidade atualmente concedida a um tipo de empregador capaz de recrutar sua mão-de-obra de diferentes maneiras, o que é feito através de vistos que proporcionam, em maior ou menor intensidade, um controle, por parte do Estado e empregador, das atitudes e mobilidades dos estrangeiros contratados.

A maior contribuição deste texto etnográfico, todavia, está na possibilidade de não somente problematizar as questões relativas à difusão desses programas no mercado de trabalho norte-americano, mas de descrever e analisar a diferença no modo pelo qual grupos e sujeitos oriundos de contextos sociais distintos vivenciavam a experiência de migração temporária do ponto de vista de suas práticas e representações. Tal perspectiva analítica permitiu ver como os conceitos de "trabalho", "migração", "deslocamento", "viagem" e "juventude" ganhavam suporte e sentido na realidade de sujeitos concretos, ajudando a modelar e definir suas ações e imaginários. Em outras palavras, menos do que teorizar sobre o sentido da utilização de "Guestworker Programs" por empregadores e pelo Estado norte-americano, esta dissertação procurou mostrar como os interesses, estratégias

e representações de sujeitos distintos – empregador, Estado, agenciador e trabalhadores estrangeiros – articulavam-se em um contexto etnográfico específico.

O sentido atribuído pelos trabalhadores temporários do Okemo à migração sazonal era, assim, dependente de uma série de concepções, projetos e valores associados a "megaconceitos" com os quais os mesmos relacionavam-se em seu dia a dia. A representação de atividades laborais na chave de concepções como "experiência", "desprendimento" e "investimento", por exemplo, tinha relação com ideologias caras à globalização contemporânea e à difusão de um imaginário de "flexibilidade" próprio de nosso tempo. Ideologias, contudo, (re)avaliadas por sujeitos com interesses e biografias sociais diversos. A diferença com que aquele tipo de atuação sazonal era vivido e interpretado pelos grupos de estrangeiros do Okemo mostra que a relação daqueles sujeitos com tais concepções e imaginários era, pois, dependente de particularidades relativas a suas classificações e contextos locais.

Ao problematizar a diferença na maneira como estrangeiros oriundos de contextos e realidades distintas lidavam com aquela experiência de migração sazonal, a etnografia aportou em uma realidade difícil de ser apreendida através de um arsenal teórico que segmenta e dissocia concepções de "trabalho", "migração" e "turismo". Isso porque, nas representações dos trabalhadores temporários do Okemo, era exatamente a indissociabilidade de tais concepções o que dava sentido e fundamento à sua experiência nos EUA. O relato etnográfico sinaliza, assim, para a fragilidade de alguns destes "megaconceitos" estabelecidos para lidar com espaços como o Resort. A descrição da multiplicidade de representações relacionadas àquela experiência "comum" de migração sazonal de seus trabalhadores aponta tal fragilidade, além de buscar ser uma alternativa à mesma.

É justamente a partir desse tipo de análise que evidencia os significados da experiência de migração sazonal de grupos e sujeitos distintos em um contexto etnográfico determinado que generalizações abrangentes acerca de "mobilidade" e

"trabalho" na globalização contemporânea podem ser reconsideradas. O estudo de caso mostra como é impreciso teorizar sobre "mobilidade" em um sentido genérico, ainda mais quando se dissocia o fenômeno do deslocamento humano de saberes locais e concepções particulares. As enormes distinções entre os três fluxos de trabalhadores estrangeiros contratados pelo Okemo, bem como as estratégias de alocação dos mesmos pelo Resort, são indícios da debilidade de qualquer generalização nesse sentido.

Vimos, por exemplo, que a contratação de mão-de-obra através do visto J-1 pelo Okemo dependia de redes já estabelecidas nos países sul americanos através da popularização e expansão do programa "Work Experience" em tais contextos. A ampliação de tais programas, bem como a iniciativa de migração sazonal de muitos daqueles sujeitos para os Estados Unidos, dependiam, por sua vez, da difusão de discursos que articulavam esse tipo de experiência de deslocamento internacional a concepções específicas de "juventude", "futuro" e "carreira". No caso dos sul americanos que estavam no Okemo, a experiência de trabalho temporário associava-se a representações pragmáticas diante da viagem e deslocamento para os Estados Unidos e a inserção naquele tipo de emprego sazonal significava simultaneamente uma procura por "qualificação" e uma preocupação constante com o futuro e com uma colocação profissional posterior. Os discursos de "multiculturalismo" e "flexibilidade" relacionados à globalização e àquela experiência de deslocamento eram, deste modo, indissociáveis e o Okemo aproveitava-se disso para ter acesso a uma mão-de-obra "volátil" e adequada a sua operacionalidade e funcionamento.

Os australianos e neozelandeses contratados através do visto H-2B, por sua vez, vinculavam aquela experiência de trabalho e viagem a outros elementos importantes de suas vidas, como concepções de "juventude" e "fuga". Um pouco mais alheios às preocupações impostas pelo "novo empreendedorismo", eles relacionavam-se passionalmente com aquele tipo de emprego temporário e narravam a experiência de trabalho no Okemo na chave da "errância" e do escape

de uma rotina chata e repetitiva. O rompimento e subversão com a aparente mesmice de suas vidas na Austrália e Nova Zelândia utilizavam, ironicamente, a exploração do trabalho na neve como uma forma de realização. Assim, as atividades laborais feitas no Okemo tinham uma centralidade na definição de suas trajetórias e identidades e eram vistas como particularmente importantes.

Já no caso dos jamaicanos, vimos que as "redes informais" utilizadas nas estratégias de contratação do Okemo eram estabelecidas em função de um histórico mais antigo entre Estados Unidos e Jamaica na institucionalização daquele "Guestworker Program" com visto H-2B. A ida daqueles sujeitos para Resort era, por sua vez, mais aproximada de uma experiência de emigração. A viagem, no seu caso, tinha o sentido de sacrifício e as intenções relativas ao trabalho ganhavam uma certa proeminência diante de outras representações referenciadas à mesma. Ainda que sua percepção frente àquela atuação no complexo fosse menos floreada que a dos demais estrangeiros, ela também articulava projeções de futuro e desejo de vida melhor na ilha caribenha. Assim, mesmo que se relacionassem de forma diferenciada com ideologias e imaginários próprios à globalização contemporânea, sua experiência de deslocamento internacional lidava com a confluência de concepções específicas de "raça", "migração" e "trabalho".

A diversidade dos fluxos de trabalhadores temporários contratados pelo Resort e a decorrente possibilidade de empreender uma análise comparativa de suas representações ensejaram, pois, a realização deste empreendimento etnográfico. Nele, quis propor uma contribuição a um tipo de realidade e fenômeno discutidos predominantemente através de "megaconceitos" e pressupostos "macro-analíticos". Se a percepção das diferenças e complexidades dos imaginários dos trabalhadores do Okemo não nos possibilitou fazer grandes generalizações acerca da mobilidade de trabalhadores estrangeiros na globalização contemporânea ou dos "Guestworker Programs" oficiais do Estado norte-americano, foram elas que revelaram alguns meandros e simbologias importantes

na composição das experiências de vida dessas pessoas. Foi justamente esperando cumprir o papel de apresentar parte desses meandros que a dissertação foi escrita e é no anseio de ter iluminado algumas dessas simbologias que ela aqui se encerra.

REFERÊNCIAS:

ADLER, Judith. "Youth on the road – reflections on the history of tramping" in *Annals of Tourism Research*, Vol. 12, pp. 335-354, 1985.

BASCH, L., SHILLER, N.G. & BLANC, C.S. *Nations unbound: transnational projetcts, postcolonial predicaments, and deterritorialized identities*. London, Heinemann Educational, 1977.

BAUMAN, Z. "Modernity and Ambivalence" in *The Polity Reader in Social Theory*. Cambridge, Polity, 1994.

BAUMAN, Z. "Turistas e Vagabundos" in *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1999.

BERGSTROM, O. & STORRIE, D. *Contingent Employment in Europe and the United States*. Edward Elgar Publishing, 2003.

BIANCHI, Raoul V. "Migrant tourist-workers: exploring the 'contact zones' of post-industrial tourism" in *Current Issues in Tourism*, vol. 3, no. 2, 2000.

BOURDIEU, Pierre. "A Juventude é Somente uma Palavra" in *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BRIGGS Jr., Vernon M. "The 'Albatross' of immigration reform: temporary worker policy in the United States" in *International Migration Review*, Vol. 20, nº. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 995-1019, 1986.

BRIGGS Jr., Vernon M. "Guestworker Programs – Lessons from the past and warnings for the Future" in *Journal of the Center for Immigration Studies*, March, 2004.

CAETANO da SILVA, Eduardo. *Visões da diáspora portuguesa: dinâmicas identitárias e dilemas políticos entre os portugueses e luso-descendentes de São Paulo*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

CALAVITA, Kitty. *Inside the state: the bracero program, immigration and the I.N.S.* New York, Routledge, 1992.

CALAVITA, Kitty. "U.S. immigration and policy responses: the limits of legislation" in Cornelius, W.; Martin, P.; Hollifield, J. *Controlling Immigration: a Global Perspective*. Standford, Standford University Press, 1994.

CASTLES, Stephen. "The Guest-Worker in Western Europe – An Obituary" in *International Migration Review*, Vol. 20, nº. 4, Special Issue: Temporary Worker

Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 761-778, 1986.

CASTLES, Stephen. "Guestworker in Europe: A Ressurection?" in *International Migration Review*, Vol. 40, n°4, pp. 741-766.

CHESNAY, F. *A Mundialização do Capital*. São Paulo, Xamã, 1996.

COHEN, Eric. "Nomads from aflluence: notes on the phenomenon of drifter tourism" in *International Journal of Comparative Sociology*, vol. 14, pp. 89-103, 1973.

CORNELIUS, Wayne A. "Death at the Border: Efficacy and Unintended Consequences of US Immigration Control Policy" in *Population and Development Review*, Vol. 27(3), December, 2001.

CUNNINGHAM e HEYMAN, "Introduction: mobilities and enclosures at borders" in *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol.11, nº 3, 2004.

DESFORGES, Luke. "Travelling the world – identity and travel biography" in *Annals of Tourism Research*, Vol. 27, No. 4, pp. 926-945, 2000.

DE GENOVA, Nicholas P. "Migrant 'illegality' and deportability in everyday life". *Annual Review of Anthropology*, Vol. 31, pp. 419-447, 2002.

DIAS, Guilherme Mansur. *Juventude e Globalização: o caso dos intercâmbios culturais*. Relatório Final de Iniciação Científica, 2004.

FANTASIA, Rick. "Despotismo no trabalho e dessindicalização" in *Repensar os Estados Unidos: por uma sociologia do superpoder*. Lins e Wacquant (Orgs.), Campinas, Papirus, 2003.

FEIL, Charles. *Vermont, a view from above*. Camden, Down East Books, 1999.

FELDMAN-BIANCO, Bela. "Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: Cultural Constructions of Sameness and Difference" in *Identities: Global Studies in Culture* and Power, Estados Unidos, v. 8, p. 607-650, 2001(a).

FELDMAN-BIANCO, Bela. "Colonialism as a Continuing Project: The Portuguese Experience". *Identities: Global Studies in Culture and Power*, Estados Unidos, v. 8, p. 477-482, 2001(b).

FELDMAN-BIANCO, Bela. "Entre a 'fortaleza da Europa' e os laços afetivos da irmandade luso-brasileira: um drama familiar em um só ato" in Bastos, C, Vale de Almeida, M. e Feldman-Bianco, B. (orgs.) *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa, ICS, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 385-415, 2002.

FONER, Nancy. "West Indian identity in the diaspora: comparative and historical perspectives" in *Latin American Perspectives*, Vol. 25, No. 3, pp. 173-188, 1998.

GAMBOA, Erasmo. "Braceros in the pacific northwest: 1987. laborers in the domestic front: 1942-1947". *Pacific Historical Review*, 1987, Vol. 53(3), pp. 378-398, 1987.

GEERTZ, Clifford. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura" in *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores S.A., 1978.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

GRASMUCK & PESSAR. *Between two islands: dominican international migration*. Berkeley, University of California Press, 1991.

GRIFFITH, David. "Peasants in reserve: temporary West Indian labor in the U.S. farm labor market" in *International Migration Review*, Vol. 20, nº. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 875-898, 1986.

GRIFFITH, David. *American Guestworkers: jamaicans and mexicans in the U.S. labor market*. University Park, The Pennsylvania State University Press, 2006.

HARVEY, David. *A Condição Pós-moderna*. Edições Loyola, São Paulo, 1993.

HAHAMOVITCH, Cindy. "Creating Perfect Immigrants: Guestworkers of the World in Historical Perspective" in *Labor History*, Vol. 44, No. 1, 2003.

HOUSTON, M.F. & MARTIN, P.L. "The future of international labor migration" in *Journal of International Affairs*, Vol. 33, nº 2, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. *O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo*. Tese de doutorado defendida no IFCH. Campinas, 2004.

LORENTZ, Karen. *Okemo: all come home*. Montpelier, S/Ed.,1996.

MACHADO, Igor J. de Renno. *Dias em Movimento: espaço e poder numa "comunidade-dormitório" mineira*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

MACHADO, Igor J. de Renno. *Cárcere Público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese de Doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas.* Editora Afiliada, Rio de Janeiro, 2001.

MARTIN, Philip L. "Guestworkers: Past and Present" in *Factor that Influence Migration: The Binational Study: migration between Mexico and the US*, Texas University, 1998.

MARTIN, Philip L. *Managing Labor Migration: Temporary Worker Programs for the 21st Century*. Geneva, September 2003.

MILLER, Mark. "Introduction" in *International Migration Review*, Vol. 20, nº. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 740-757, 1986.

MINTZ, Sidney. "Enduring substances, trying theories: the Caribbean region as oikumene" in *Journal of Royal Anthropological Institute*, Vol. 2, pp. 289-313, 1996.

MUNT, Ian. "The 'other' postmodern tourism: culture, travel and the new middle classes" in *Theory, Culture and Society*, Vol. 11, pp. 101-123, 1994.

OLIVEIRA, Sérgio P. "Sem lenço, sem documento: brasileiros não-documentados em Portugal" in MACHADO, Igor J.R. (Org.) *Um mar de identidades*. São Carlos, Edufscar, 2006.

O'REILLY, Camille C. "From drifter to gap year tourist" in *Annals of Tourism Research*, Vol. 33, No. 4, 2006, pp. 998-1017.

PASTOR, Manuel e ALVA, Susan. "Guest Workers and the new transnationalism: possibilities and realities in an age of repression" in *Social Justice*, Vol. 31, Nos. 1-2, 2004.

PIORE, M. J. *Birds of passage: migrant labor and industrial sociey*. Cambridge University Press, 1979.

REUBENS, Edwin P. "Temporary Foreign Workers in the U.S.: myths, facts and policies" in *International Migration Review*, Vol. 20, nº. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 1037-1047, 1986.

RIBEIRO, Gustavo L. "A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo" in *Viagens à Natureza: Turismo, Cultura e Ambiente*. Serrano, C. e Bruhns, H. (orgs.). Campinas, Papirus, 1997.

RUHS, Martin. "Labor Immigration Programmes in Germany, 1950-2000", *International Labor Organization (ILO)*, Geneva, 2001a.

RUHS, Martin. "Temporary foreign worker programmes: Policies, adverse consequences, and the need to make them work" in *International Labor Ornganization (ILO)*, Geneva, 2002.

RUHS, Martin. "The Potential of Temporary Migration Programmes in Future International Migration Policy" in *Global Commission on International Migration*. Geneva, September, 2005.

RUPPERT, E. "Managing Foreign Labour in Singapore and Malaysia: Are There Lessons for GCC Countries?", *World Bank Working Paper*, Washington, 2000.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

SANJURJO, Liliana Lopes. *Narrativas do Exílio Argentino no Brasil: Nação, Memórias e Identidades*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

SANTOS, Gustavo Adolfo P. *Lideranças imigrantes e o Estado Português. Ações e contradições de uma Aliança Lusófona Portugal (1990-2002)*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração - ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.

SCHIFF, Maurice. "When migrants overstay their legal welcome: a proposed solution to the Guest-Worker Program" in *IZA Discussion Paper,* No. 1401, November 2004.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2006.

SILVA, Douglas Mansur da. *A Ética da Resistência. Os Exilados Antisalazaristas do ´Portugal Democrático` (1956-1975)*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

SOYSAL, Levent. "Labor to Culture: Writing Turkish Migration to Europe" in *The South Atlantic Quarterly,* 102.2/3, pp. 491-508, 2003

URRY, John. *Consuming Places*. London, Routledge, 1995.

URRY, John. *O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo, Studio Nobel, 1999.

USDANSKY, M.L. & ESPENSHADE, T.J. "The H-1B visa debate in historical perspective: the evolution of U.S. policy torward foreign-born workers" in *The Center for Comparative Immigration Studies - working paper 11*, University of California, San Diego, 2000.

VELHO, Otávio. "Globalização: antropologia e religião" in *Mana – Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 133-154, 1997.

WANG, Horng-Ieun. "Regulating Transnational Flows of People: An institutional analysis of passports and visas as a regime of mobility" in *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol.11, nº3, 2004.

ZATZ, Marjorie S. "Using and Abusing Mexican Farm-Workers: The Bracero Program and INS" in *Law & Society Review*, Vol. 27(4), pp. 851-863, 1993.

Artigos de Jornais e Revistas:

FAVELL, Adrian. "London as Eurocity: French Free Movers in the Economic Capital of Europe". Retirado de *http://www.lboro.ac.uk/gawc/rb/rb150.html*. Acesso em 12/05/2006.

FLETCHER, Michael A. "Bush immigration plan meets GOP Opposition:

lawmakers resist temporary-worker proposal" in *Washington Post*, Sunday, January 2, 2005.

LERA, Enrique Ruiz de. "Espanha: a porta do seu futuro" in *Educação Internacional*, Brazilian Educational & Language Travel Association, 2003.

LORENTZ, Karen. "Okemo history part two" in *Rutland Herald*, Saturday Advertising Supplement, Saturday, January 21st, 2006.

LORENTZ, Karen. "Okemo turns 50 – a unique story of lofty aspirations and amazing success" in *Okemo Magazine*, winter 2005/2006.

MARTIN, Philip L. "There is nothing More Permanent Than Temporary Foreign Workers". Retirado de *http://www.cis.org/articles/2001/back501.html*. Acesso em: 10/10/2006.

PEAR, Robert e RUTENBERG, Jim. "Senators in Bipartisan Deal on Immigration Bill" in The New York Times, Friday, May 18th, 2007.

WEISMAN, J. & BRANIGIN, W. "Bush continues push for new immigration bill" in *Washington Post*, Friday, June 15, 2007.

ANEXO

A história dessa construção sintetiza bem o desenvolvimento das atividades econômicas em Ludlow. Antiga sede da "General Eletric", o prédio passou por reformas e hoje é um conjunto de condomínios para turistas.

Fotografia de um dos três blocos do condomínio de luxo "Jackson Gore", que faz parte do projeto de expansão do Okemo.

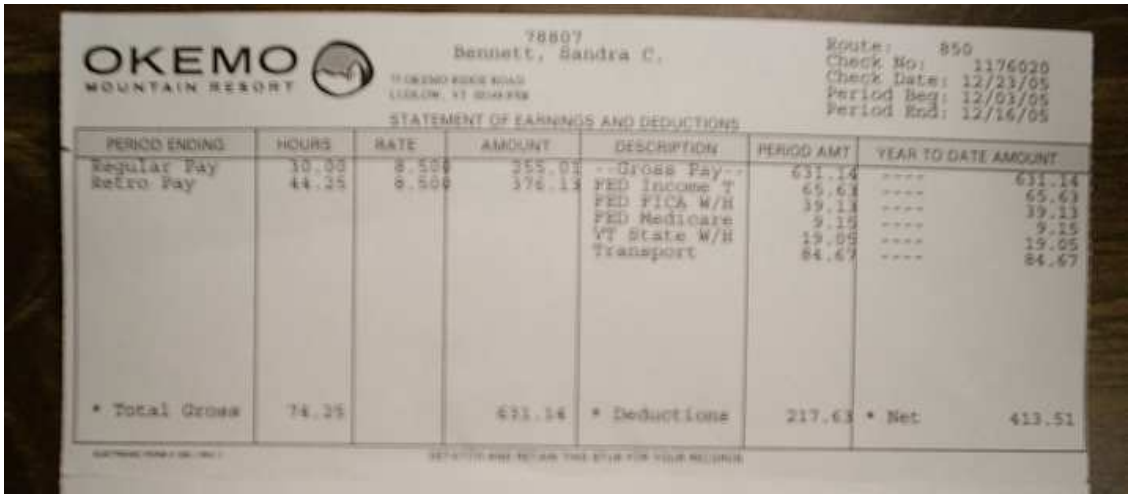
Fotografia da base principal do Okemo feita por trabalhador australiano.

Exemplo de casa particular construída por turistas na cidade de Ludlow.

Foto de trabalhadores jamaicanos em uma das "shopping-trips" promovidas pelo Okemo.

Fotografia tirada no "locker" dos empregados. Este era um dos lugares mais reservados do Okemo e onde os jamaicanos costumavam reunir-se, no final do expediente, para esperar pelo transporte para suas moradias.

Neste mesmo "locker", aguardando a van no final do expediente...



OKEMO MOUNTAIN RESORT

78807
Bennett, Sandra C.

Route: 850
Check No: 1176020
Check Date: 12/23/05
Period Beg: 12/03/05
Period End: 12/16/05

STATEMENT OF EARNINGS AND DEDUCTIONS

PERIOD ENDING	HOURS	RATE	AMOUNT	DESCRIPTION	PERIOD AMT	YEAR TO DATE AMOUNT
Regular Pay	30.00	8.50	255.00	--Gross Pay--	631.14	---- 631.14
Retro Pay	44.25	8.500	376.13	FED Income T	65.63	---- 65.63
				FED FICA W/H	39.13	---- 39.13
				FED Medicare	9.15	---- 9.15
				VT State W/H	19.05	---- 19.05
				Transport	84.67	---- 84.67
* Total Gross	74.25		631.14	* Deductions	217.63	* Net 413.51

O holerite de um funcionário jamaicano mostra as diversas deduções de seu salário. No contracheque não encontram-se descritos os 150 dólares referentes ao aluguel e pagos diretamente à funcionária do setor de Recursos Humanos.

Australiano equipado com roupa de inverno em um dia de trabalho no Okemo

Foto tirada por trabalhador australiano mostrando a preparação da rampa de um teleférico para os turistas. A fotografia sinaliza para a "centralidade" desse tipo de trabalho na experiência dos australianos e neozelandeses no Okemo.

Foto de australiana no local de trabalho no Okemo